



CRB

MARÇO 2008 • XLIII • nº 409

NÚMERO ESPECIAL

# CONVERGÊNCIA

■ XXI ASSEMBLÉIA GERAL 2007

**Tema:**

Vida Religiosa e espaços em transformação

**Lema:**

Diga a esta geração, avance! (Ex 14,15)

# Sumário

|                                                                                                                                                        |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Editorial: Memória e profecia .....                                                                                                                    | 65  |
| <b>Introdução ao tema</b>                                                                                                                              |     |
| Novas configurações identitárias entre a Vida Religiosa Consagrada e o contexto sociorreligioso – FREI MARCO ANTONIO TORRES .....                      | 71  |
| Vida Religiosa e espaços em transformação – PADRE MÁRCIO FABRI DOS ANJOS .....                                                                         | 86  |
| Diga a esta geração: avance! – FREI MOACIR CASAGRANDE .....                                                                                            | 96  |
| <b>Dimensão sociocultural</b>                                                                                                                          |     |
| Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações – PADRE INÁCIO NEUTZLING .....                                                        | 107 |
| Tempo de avançar “em meio ao mar” – FREI LUIZ CARLOS SUSIN .....                                                                                       | 132 |
| <b>Dimensão eclesial</b>                                                                                                                               |     |
| Doze perspectivas-chave no <i>Documento de Aparecida</i> – PADRE JOSÉ OSCAR BEOZZO .....                                                               | 150 |
| A Vida Consagrada e as opções de Aparecida. O que o <i>Documento de Aparecida</i> diz e espera da Vida Consagrada – IRMÃ VERA IVANISE BOMBONATTO ..... | 162 |
| Apontamentos sobre a Vida Religiosa inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária – IRMÃ EURIDES ALVES DE OLIVEIRA .....        | 172 |
| <b>Missão profética da VRC em face dos espaços em transformação</b>                                                                                    |     |
| Missão profética da Vida Religiosa Consagrada em face dos espaços em transformação – IRMÃ CLEUSA MARIA ANDREATTA .....                                 | 182 |
| Celebrar a travessia – IRMÃO AFONSO TADEU MURAD .....                                                                                                  | 190 |

*A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulos e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrósio, idp

### REDATOR RESPONSÁVEL

Ir. Ires L. Pontim, fsp

MTb 10.764

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

*Coordenadora:*

Ir. Maria Carmelita de Freitas, fi

*Conselho editorial:*

Ir. Aíla Pinheiro de Andrade, nj

Pe. Francisco Taborda, sj

Pe. Jaldemir Vitório, sj

Pe. Cleto Caliman, sdb

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar

20038-900 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2240-7299

Fax: (21) 2240-4486

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P 209/73

*Projeto gráfico:*

Manuel Rebelato Miramontes

*Revisão:*

Cirano Dias Pelin e

Ana Cecília Mari

*Impressão:*

Gráfica de Paulinas Editora

*Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

**Assinatura anual para 2008:** Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou correspondente em Reais

Permanece viva na memória histórica, como acontecimento marcante para a caminhada da Vida Religiosa no Brasil, a XXI Assembléia Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil, realizada de 16 a 20 de julho de 2007, em São Paulo. Desse evento significativo para o presente e o futuro da Vida Religiosa participaram cerca de 540 religiosos e religiosas, provindos de todas as partes do país, além de representantes de várias entidades nacionais e internacionais.

Em continuidade com a caminhada da Vida Religiosa no Brasil, e levando em conta as atuais mudanças socioculturais, políticas e religiosas, o tema da Assembléia: “Vida Religiosa e espaços em transformação” e o lema: “Diga a esta geração: avance!” (Ex 14,15) foram objeto de reflexão e de provocação, abrindo novas perspectivas para o futuro da Vida Religiosa no Brasil. Cresceu a consciência de que estamos vivendo um tempo de grandes mudanças civilizatórias que interferem em nosso modo de ser e de agir.

À luz dessa reflexão e na convivência fraterna, a Assembléia escolheu as prioridades para o próximo triênio, elegeu e deu posse à Diretoria, que tem a responsabilidade e a missão de animar a Vida Religiosa durante o próximo triênio.

A reflexão, fecundada pela Palavra de Deus e gestada na co-responsabilidade, que ocupou a maior parte do tempo dos participantes da Assembléia, condensa uma riqueza significativa para ser transmitida às nossas comunidades, dando continuidade ao processo iniciado de travessia da Vida Religiosa para os novos tempos. Por isso, respondendo à solicitação de muitos religiosos e religiosas presentes na

Assembléia, a Diretoria da CRB decidiu dedicar este número da revista *Convergência* para socializar os conteúdos das palestras pronunciadas pelos assessores e enriquecidas pelas ressonâncias e contribuições dos participantes. Por conseguinte, pode-se afirmar que este é um número especial da revista *Convergência*, que apresenta também um novo projeto visual gráfico, resultado da parceria iniciada entre a CRB/Nacional e Paulinas Editora, que, a partir deste número, passa a publicar a revista.

Os conteúdos das palestras, aqui transformados em artigos, querem ser um ponto de partida para avançar na reflexão e, ao mesmo tempo, um convite dirigido aos religiosos e às religiosas para qualificarem a presença e o testemunho proféticos nos novos espaços em transformação.

Os textos das palestras aqui apresentados seguem a mesma lógica sequencial com que foram pronunciados durante a Assembléia, por isso estão agrupados em quatro blocos distintos: o primeiro recolhe os textos destinados a situar e introduzir o tema da Assembléia. Os três seguintes reúnem os textos dos painéis sobre as dimensões sociocultural e eclesial e sobre a missão profética da Vida Religiosa Consagrada em face dos espaços em transformação.

No primeiro bloco, estão reunidos três textos que situam e introduzem o tema da Assembléia, na sua amplitude e profundidade.

No artigo *Novas configurações identitárias entre a Vida Religiosa Consagrada e o contexto sociorreligioso*, frei Marco Antonio Torres, na perspectiva da psicologia social, analisa as respostas dadas por grupos de Vida Religiosa Consagrada à pesquisa elaborada pela direção nacional da CRB na fase preparatória da Assembléia. A partir dos referenciais da identidade, modernidade/pós-modernidade, VRC e relação com a complexidade contemporânea das grandes cidades, o autor mostra como as respostas dadas sinalizam para as grandes preocupações e os desafios de muitos religiosos no contexto urbano atual e oferecem pistas interessantes para a reflexão e as decisões proféticas.



Dando seqüência a esta parte introdutiva, padre Márcio Fabri dos Anjos, no artigo *Vida Religiosa e espaços em transformação*, mostra a pertinência e a relevância dos conceitos de espaço e de transformação, que expressam as mudanças radicais trazidas pelos novos tempos que estamos vivendo. O conceito de espaço não se traduz ao físico e geográfico e as transformações são abrangentes e desafiadoras. O autor recolhe alguns elementos essenciais que ajudam a Vida Religiosa Consagrada a compreender-se nesta realidade que chamamos de espaços em transformação. Esta reflexão constitui uma provocação à Vida Religiosa a sair de sua segurança institucional e a assumir atitudes proféticas em favor da vida.

Complementando este bloco, o biblista frei Moacir Casagrande, no artigo *Diga a esta geração: avance!*, leva-nos a perceber a força inspiradora e profética contida em Ex 14,15. Contextualiza o versículo escolhido como lema da Assembléia na sua fonte inspiradora: o livro do Êxodo. Mostra como a frase retrata o momento mais crítico do processo exodal, evidenciando a marcha dos hebreus e o arrependimento do faraó, com a conseqüente perseguição e o arrependimento dos hebreus por terem saído do Egito. Atualizando esta passagem da Palavra de Deus, que é sempre viva e eficaz, evidencia que não basta sair do próprio lugar, é necessário sair também dos velhos costumes, dos esquemas mentais enferrujados. É preciso avançar e descobrir novos caminhos, novos espaços de transformação.

O segundo bloco traz dois textos referentes ao painel apresentado na Assembléia sobre a dimensão sociocultural.

Com o título *Uma época de mudança. Uma mudança de época. Algumas observações*, padre Inácio Neutzeing apresenta uma reflexão provocadora e, ao mesmo tempo, iluminadora, sobre as grandes transformações socioeconômicas e ético-culturais que caracterizam a nossa época. Empregando o conceito de bifurcação para designar esse estado de mudança, esse salto qualitativo, o autor apresenta as três grandes bifurcações que caracterizam a grande transformação socioeconômica: a econômica, a numérica e a biológica. Essas

mutações lançam o ser humano na direção de horizontes desconhecidos e constituem o espaço em transformação em que a Vida Religiosa é chamada a viver e a exercer sua missão evangelizadora.

Na mesma direção que aponta para o novo e o impensável, frei Luiz Carlos Susin, no texto *Tempo de avançar "em meio ao mar"*, mostra a necessidade do momento presente de análises de longo prazo, com tendências macroestruturais. Empregando as metáforas da necessidade de avançar "mar adentro" e do abismo e do caos, retoma o tema dos espaços em transformação, que não são ainda lugares, como a cidade e a terra natal à qual pertencemos, o lar e o quintal da infância. Um critério para reconhecer estes "não-lugares" é o fato de ali encontrarmos pessoas desconhecidas. O autor coloca a questão das exigências dos novos tempos e da conseqüente necessidade de volta às fontes, retomando, a partir da linguagem bíblica, três experiências fundantes: o Espírito, a palavra e o corpo. Por fim, aborda a questão do deslocamento dos espaços, que nos leva a falar em novas fronteiras, novos desertos e novas periferias.

A partir desse universo sociocultural, o terceiro bloco traz as três reflexões apresentadas durante a Assembléia no painel sobre a dimensão eclesial.

O historiador padre José Oscar Beozzo, no artigo *Doze perspectivas-chave no Documento de Aparecida*, tomando como pano de fundo os debates da fase preparatória da Conferência, oferece uma breve seleção de algumas perspectivas mais marcantes presentes no *Documento de Aparecida*. Preocupada em dar orientações pastorais para o futuro da Igreja na América Latina e no Caribe, diante dos novos e antigos desafios, Aparecida não ofereceu uma linha única de reflexão e de opções pastorais, mas buscou convergências e complementaridades. O autor destaca os pontos em que Aparecida retoma e ressignifica com vigor e entusiasmo a herança do Concílio Vaticano II aplicada à realidade latino-americana e caribenha, em continuidade com as conferências anteriores de Medellín, Puebla e, em menor grau, de Santo Domingo.

Dando prosseguimento à reflexão sobre a dimensão eclesial na perspectiva da Conferência de Aparecida, irmã Vera Ivanise Bombonato, no texto intitulado *A Vida Consagrada e as opções de Aparecida. O que o Documento de Aparecida diz e espera da Vida Consagrada*, apresenta uma visão de conjunto do *Documento de Aparecida* em relação à Vida Religiosa. Resgatando a natureza eclesial da Vida Consagrada e tendo o cuidado de identificar os espaços em transformação, procura responder à questão básica: o que o *Documento de Aparecida* diz e espera da Vida Religiosa Consagrada. A autora mostra que religiosos e religiosas são chamados, segundo seus carismas específicos, a colaborar na gestação de uma nova geração de discípulos missionários e de uma nova sociedade, na qual se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana. Por sua vez, a vida religiosa, peregrina com todo o Povo de Deus nos caminhos da história rumo à Pátria Trinitária, sente-se co-responsável de assumir e colocar em prática as propostas pastorais da V Conferência.

Neste contexto desafiador e, ao mesmo tempo, permeado de esperanças, irmã Eurides Alves de Oliveira, no artigo *Apontamentos sobre a Vida Religiosa inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária*, retoma a realidade significativa e característica da Vida Religiosa: a inserção em meios populares e em espaços em transformação nos quais a vida é ameaçada e precisa ser defendida, dignificada e promovida. Resgatar criativamente essa presença solidária e profética da Vida Consagrada foi a meta assumida na prioridade número seis da XX AGO, realizada em julho de 2004. A autora apresenta as etapas desse processo, a necessidade de ressignificar o caminho, a realidade atual, os desafios e as perspectivas.

O quarto e último bloco registra as reflexões do painel sobre a missão profética da Vida Religiosa Consagrada em face dos espaços em transformação.

Tendo como horizonte as provocações vindas das dimensões sociocultural e eclesial, irmã Cleusa Maria Andreatta, no texto *Missão profética da Vida Religiosa Consagrada em face dos espaços em transformação*, lembra que são necessárias ousadia

e fidelidade em acolher os desafios de nossos tempos. *Re-situar* a identidade e a missão da Vida Religiosa Consagrada nesta “mudança de época” implica não perder de vista duas realidades centrais: a missão e a experiência de Deus. Os diferentes cenários que caracterizam a realidade atual colocam questionamentos e, ao mesmo tempo, abrem perspectivas atuais para a experiência de Deus. E surge também a necessidade de buscar novas formas de Vida Consagrada.

Concluindo o caminho de reflexão e aprofundamento do tema da Assembléia, irmão Afonso Tadeu Murad, com o texto *Celebrar a travessia*, oferece roteiros para momentos de oração comunitária, convidando a rezar o processo de travessia de renovação da Vida Religiosa. Tais roteiros apresentam uma unidade interna e estão subdivididos em três temas, que podem ser utilizados integralmente ou em parte: Deus avança conosco; a fé e a travessia; a nuvem de testemunhas. A gravidade do momento presente exige de religiosos e religiosas lucidez profética, ousadia nos gestos e profundidade na mística. Por isso cada parte dessas celebrações entrelaça propostas de reflexão a partir da Palavra de Deus, de intensa contemplação, de fraterna partilha e de algumas pistas de ação. Além dos textos bíblicos muito bem escolhidos, vale ressaltar a beleza e o conteúdo provocador dos três salmos da Travessia.

Este número especial da revista *Convergência* está agora nas mãos de consagrados e consagradas, sedentos de Deus e testemunhas do Ressuscitado diante do mundo em mudanças, como um instrumento para alimentar o processo de reflexão individual e comunitária. Só nos resta desejar que possa cumprir seu objetivo.

Aos palestrantes e autores, que, com disponibilidade e alegria, contribuíram com sua reflexão qualificada durante a Assembléia e com seus textos, o nosso sincero agradecimento.

Que Jesus, rosto terno e misericordioso do Pai, na eficácia do Espírito, conduza, sustente e console os religiosos e as religiosas que trazem no coração a certeza do chamado ao seguimento radical de Jesus e o anseio de avançar rumo aos novos espaços em transformação.

# Novas configurações identitárias entre a Vida Religiosa Consagrada e o contexto sociorreligioso

MARCO ANTONIO TORRES, OFMCP\*

A direção nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) consultou os grupos de Vida Religiosa Consagrada (VRC), através de seis questões dirigidas aos grupos de VRC, em vista à realização de sua XXI Assembléia Geral Ordinária (AGO), em julho de 2007. As repostas recebidas podem ajudar-nos a prosseguir nas elaborações e traduções exigidas pelo cotidiano, o tempo e o lugar onde a VRC se encontra.

A partir dessas linhas temáticas, elegeram-se os analisadores utilizados no presente texto. São eles: identidade, modernidade/pós-modernidade, VRC e relação com a complexidade contemporânea das grandes cidades. Acreditamos que outros temas também perpassam as considerações deste texto. Baseando-se nesses analisadores, apresentamos uma hipótese: a de que existe uma dificuldade de integrar, promover ou suportar uma identidade para a vida religiosa consagrada diante das crescentes demandas colocadas pelas novas produções de subjetividade religiosa (Benelli & Costa-Rosa, 2006) na contemporaneidade.

No caminho entre a modernidade e uma suposta pós-modernidade, ou modernidade tardia, houve uma grande recusa da tradição, dos valores religiosos e sociais que davam suporte às identidades religiosas que permeavam a Vida Consagrada. De fato, muitas facetas dessas identidades eram opressoras e alienantes, porém outras eram fundamentais para a sustentação do poder simbólico que mobilizava as pessoas para se engajarem na VRC. Esse poder simbólico (Bourdieu, 1989/2005) se constitui de rituais, elementos da

71

ARTIGOS

INTRODUÇÃO AO TEMA

\* **Frei Marco**

**Antonio Torres** é mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Atua no Núcleo de Psicologia Política da UFMG e no Instituto Santo Tomás de Aquino. **Endereço do autor:** Rua Iara, 171, Pompéia, cep 30280-370, Belo Horizonte-MG, tel.: (31) 3889-4980. E-mail: mat@procamig.org.br.

memória como a vida de santos e santas, valores etc., expressos numa linguagem (oral, textual e gestual), e pode ser entendido como algo estruturado e que possibilita a estruturação de uma VRC, bem como das pessoas nela inseridas.

### ***Vida Religiosa Consagrada em busca da identidade no atual contexto***

Pode-se tomar a questão da identidade como um desafio a partir das seguintes questões: como elaborar uma identidade que integre/justaponha as diferenças e uma subjetividade que permita formular ações coletivas? E como reconhecer o indivíduo sem aniquilar as garantias dos consensos necessários à vida comunitária? Isso exige deixar a distância crítica e tomar a proximidade crítica, abandonar a serenidade autocomplacente e reinvestir-se da capacidade de espanto e revolta (Santos, 1995/2006, p. 19). Para aprofundarmos essa colocação, vejamos um pouco das respostas literais que a coordenação recebeu. Aqui estão agrupadas apenas as colocações que aparecem mais incisivamente. As respostas a seguir indicavam as grandes preocupações e desafios de muitos grupos religiosos.

1. Como você vê a Vida Religiosa Consagrada, hoje, ou qual a sua visão de Vida Religiosa Consagrada?
  - A) Maior experiência profunda de Deus – testemunho.
  - B) Gestando o novo.
  - C) Dá-se hoje pouca formação, diminuição e falta de vocações.
  - D) Inserida no meio do povo; é uma presença profética, solidária.
  - E) Acentuada adesão ao consumismo, ao individualismo e à acomodação.
  - F) Seguimento de Jesus Cristo na condição de discípulo(a), em comunhão de vida e missão.
  - G) Crise de identidade, refúgio em estruturas arcaicas.



- H) VRC humanizante e humanizadora de relações.
- I) Envelhecimento dos membros.
- J) Sinal profético animando e anunciando propostas de vida nova, caminhos de luz e de fraternidade.
- K) Cresce na intercongregacionalidade.

## 2. Como a sociedade vê a Vida Religiosa Consagrada?

- A) Sinal de poder e riqueza, possuidora de grandes propriedades/estabelecimentos, sem grandes preocupações, pessoas de classe média.
- B) Sente como luz e força em suas vidas; testemunha de doação, amor, profetismo e esperança.
- C) Vida alienada, não acompanha os sinais dos tempos.
- D) Desacreditada e como uma classe em extinção.
- E) Com admiração pelos gestos proféticos como o da irmã Dorothy Stang e outras que atuam nos meios sociais.
- F) Desafiada e ridicularizada pelos meios de comunicação social.
- G) Como um valor, com reconhecimento e respeito.
- H) Presença da bondade de Deus, como testemunho do Reino.

## 3. Quais as grandes inquietações e desafios que você percebe na Vida Religiosa Consagrada hoje?

- A) Poucas vocações; medo do novo.
- B) Envelhecimento, poucas vocações para manter as obras, escolas, hospitais, universidades.
- C) Influência do neoliberalismo gera aburguesamento, individualismo.
- D) Aprofundamento da identidade e dos valores na VRC.
- E) Não ser resposta ao mundo pós-moderno.
- F) A globalização excludente, secularizada.

- G) Ser presença significativa, profética com o povo.
- H) Motivação da vida espiritual; retomada dos carismas; resgatar vocação profética sendo sinal.

Uma questão típica da modernidade/pós-modernidade segundo Boaventura Souza Santos (1995/2006) é a oscilação entre o excesso e o déficit revelados na história. Nas colocações anteriores, isso aparece de forma clara. Percebemos que existe um excesso de coisas feitas, de realizações boas e justas, como os “gestos proféticos como o da irmã Dorothy Stang” e no “testemunho do Reino”. As posturas conservadoras tendem a sustentar apenas essa visão, do muito que foi realizado, permanecendo numa postura reacionária, muitas vezes recusando qualquer novidade.

Já a consciência do déficit não nos permite parar, reconhecer que a modernização tecnocientífica também traz o agravamento da injustiça social e a devastação ecológica (p. 91), essa consciência fortalece uma postura de resistência contra a auto-exaltação dos neoliberais. O déficit aparece nas respostas das(os) religiosas(os) nas menções à vida alienada, na constatação do aburguesamento, individualismo etc. Nas respostas anteriores, é possível identificar uma e outra consciência. Isso é importante, pois também devemos reconhecer que são inegáveis os benefícios da modernização.

Parece-nos que a VRC se desorienta com essa questão, como todos os demais sujeitos sociais, pois um agravante que surge como angústia é o envelhecimento das pessoas e a diminuição das vocações. Surge também a constatação de que é preciso retomar a profecia, refundar os grupos de vida religiosa, ser resposta para um mundo ferido etc. Aqui, temos uma característica marcante para as pessoas e grupos religiosos: eles sentem necessidade de ser agentes de transformação, nessa postura de resistência aparece o desejo do impossível, o desejo de que um outro mundo é possível.

A profecia aparece, nas respostas dadas, no reconhecimento do sofrimento do povo (podemos dizer Povo de Deus). Uma atenção sociológica deve-nos prevenir contra os porta-vozes do povo, os populistas. O povo (as minorias, os

grupos étnicos, os jovens, a população de rua etc.) tem sua própria voz; é preciso permitir que ele fale. Percebe-se que há uma exigência de aproximação do povo, dos sofrimentos sociais, para que a Palavra de Deus seja traduzida e atualizada, para que se faça memória que fecunde o novo. Uma postura desatenta dessas questões parece ser o que é identificado como aburguesamento. Para evitá-lo, as respostas parecem insistir que a VRC precisa aproximar-se do povo (= pobres?), das questões relacionadas à ecologia, à discriminação etc. Certamente, outras questões poderiam ser nomeadas, mas vejamos as próximas respostas.

#### 4. Que lacunas e vazios você percebe na Vida Religiosa Consagrada?

A questão concentrou as respostas com alto índice de repetição. Ela atraiu de forma contundente as atenções para si, vejamos:

- A) Pouca presença em meios populares, na linha de frente lutando pela justiça, ecologia e paz.
- B) Necessidade de vivência de uma espiritualidade mais encarnada-mística.
- C) Sinais de superficialidade, ativismo, que dificultam atitude de escuta para descobrir a vontade de Deus nos acontecimentos.
- D) O aburguesamento e a acomodação, as facilidades do mundo moderno minam o elã missionário; navegamos em águas mornas.
- E) Saída da inserção (pouca presença) em meios populares e segmentos sociais excluídos (rurais e urbanos).
- F) Uma adequada formação inicial e permanente, que garanta a vivência de uma consagração que seja testemunho, profecia e esperança nas frentes de missão.
- G) Centralidade na pessoa de Jesus (seguimento de Jesus Cristo).
- H) A ausência de uma mística enraizada na Palavra de Deus que fundamente uma verdadeira vida fraterna.

- I) Relações fraternas conflitivas. Vida comunitária insignificante, sem escuta, sem diálogo, sem partilha de vida.
- J) Contradição entre o que dizemos ser e o que de fato somos. Isso aparece não só nas obras e no que fazemos, mas, sobretudo, na vida, na distância entre o que deveria ser a experiência fundante e sua tradução na maneira de viver.
- K) Falta formação teológica, filosófica, antropológica e profissional, sobretudo na formação inicial.
- L) Pouca integração e relação da experiência de Deus e missão.
- M) Busca de um denominador comum entre o que são valores perenes e o que são valores mutáveis, para garantir a essência da VRC e a sua direção.

As respostas dadas à questão 4 configuram-se como um muro das lamentações da VRC, nosso momento de profeta Jeremias. Há constatações inegáveis, “pouca presença em meios populares, na linha de frente lutando pela justiça, ecologia e paz”, e “necessidade de vivência de uma espiritualidade mais encarnada-mística”, parece que a VRC foi para o exílio e quem ficou habita campos devastados. Aqui, a postura de Jeremias é fundamental, ele consola quem ficou nessa terra devastada. Essa é a postura de resistência, de desejar aquilo que parece impossível, ou seja, a “busca de um denominador comum entre o que são valores perenes e o que são valores mutáveis, para garantir a essência da VRC e a sua direção”.

A esperança de quem permanece é necessária, fundamental para criação de processos que motivem o engajamento de todas as pessoas. Diante dos campos devastados é preciso reconhecer lugares de fertilidade, apontá-los aos que chegam, aos que ficam. Sem o reencantamento de quem está, quem chega terá seu entusiasmo minado. Talvez uma ansiedade paralisante tenha impedido muitas(os) na elaboração de alternativas diante do sofrimento interno das congregações e ordens, do sofrimento relacionado não mais aos excluídos, mas ao sofrimento interno dos institutos que lutam para

manter-se vivos, de retomarem a utopia de desejar o impossível. “O reencantamento do mundo pressupõe a inserção criativa na novidade utópica no que nos está mais próximo” (Santos, 1995/2006, p. 106).

O texto de Irene Cardoso (2005) analisa os sonhos da geração de 1960 e questiona se eles não foram delegados à geração posterior sem serem vividos. Os ideais de VRC não teriam sofrido esses mesmos efeitos. A opção pelos pobres não pode ter sido, ao menos por grande parte dos(as) religiosos(as), discursada pela geração de 1960 e postergada às gerações seguintes? O aburguesamento atual não teria sido iniciado já em momentos anteriores e descrito num estereótipo das novas gerações? Mas existem outras questões que parecem dizer de uma outra percepção da VRC e do futuro que a espera. Vejamo-las um pouco.

### ***A esperança como marca identitária da Vida Religiosa Consagrada***

A esperança é um ápice do afeto, do resgate de si. Vejamos, então, como ela se relaciona com a identidade. Podemos considerar que a identidade se constitui em três dimensões:

- a subjetividade que é a história do sujeito, sua intercambialidade, seu valor humano inalienável;
- o ator social, o sujeito ligado a uma ação coletiva, a decisão em ser de uma congregação específica, o sentimento de pertença a um ou mais grupos; e
- por fim, o indivíduo, um momento em que o sujeito, diante de sua história, de suas opções e caminhos, coloca-se como possuidor de uma consciência-de-si (mesmo que fragmentada, ambígua etc.) e se mobiliza em direção a algo.

Essa é uma visão processual e dinâmica da identidade. Sujeito, ator e indivíduo se perpassam, justapõem e sobrepõem em relações complexas. Uma pessoa pode amanhecer religiosa em sua comunidade, ser uma administradora durante o dia e uma militante durante o final de semana. Nessa rela-

ção, a Congregação, o emprego e a militância social podem convergir, divergir e interpor-se através de territórios simbólicos (Congregação, empresa e militância) não redutíveis nem somáveis. Eles alternam-se em múltiplas combinações, arranjos e desarranjos. A pessoa diante de si, o sentimento de pertença a um grupo e a atribuição de valores ao seu grupo serão sustentação para que o ser religioso(a) (ação coletiva dos sujeitos) consiga identificar-se ou não com um ou mais grupos.

A esperança, não o esperar, mas a abertura de caminhos é fundamental para que existam identidades possíveis e subjetividades respeitadas. Sem esperança o ator social enrijece em suas posturas e estereótipos, sabota sua possibilidade de ser sujeito. Mesmo assim, a identidade estará entre a alienação e a consciência, em metamorfoses (Ciampa, 2001) que a fazem ser sempre mais processual e dinâmica. A metamorfose necessária à VRC é transformar-se em Jesus, deixar de rezar para Jesus e fazer a oração de Jesus, o que está nas respostas sobre “a necessidade da vivência de uma espiritualidade mais encarnada-mística” e sobre a “centralidade na pessoa de Jesus (seguimento de Jesus Cristo)”.

Devemos recordar que assim nos ensinam os irmãos e irmãs de caminhada e a tradição religiosa: a pessoa de Jesus, a Palavra de Deus e o carisma (Espírito Santo) formam o tripé da espiritualidade na mística da VRC. Assim, percebemos que uma identidade única para VRC seria o enrijecimento da vida e obstáculo ao novo; melhor será fortalecer uma esperança profética, uma identidade profética, pois a permanência numa postura pessimista pode aproveitar momentos turvos de nossa alma e adentrar nossos corações. Talvez uma marca identitária da VRC fosse a esperança que aparece nas respostas, sem desconsiderar que ela luta com fortes nuances sombrias do discurso que aparece nas respostas.

Uma questão que percebemos tangencialmente nas questões e que precisaria ser mais bem trabalhada é o enfraquecimento do poder simbólico da VRC, a ausência/deficiência de uma linguagem estruturante para mediar as relações entre VRC e outros agentes sociais na composição do

campo religioso (Oliveira, 2003, pp. 177-195) moderno/pós-moderno.

As duas últimas questões foram mais pragmáticas e apontaram caminhos interessantes para uma possível e desejável configuração de identidades religiosas. Principalmente na questão 5: “Qual foi a repercussão do Quadro Programático/CRB – Nacional – Triênio 2004-2007 na sua Congregação ou na Província ou Região?”

- A) Houve um significativo aproveitamento e participação nos cursos e encontros, bem programados e oferecidos: curso de formadores(as), Profolider.
- B) Seminários, congressos: dos religiosos(as) psicólogos(as).
- C) Assembléias da CRB.
- D) Acompanhamento da terceira idade.
- E) Encontros de formação: Novinter, Juninter, Postulinter e permanente (CERNE; economia solidária; animadores vocacionais).
- F) GRENI.
- G) Trabalhos e o Congresso Nacional sobre “Novas gerações e VRC”.
- H) De modo geral, coincide e foi contemplado em nossos capítulos e assembléias provinciais, sobretudo da UISG “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”.
- I) Assumimos algumas parcerias marcando presença em projetos comuns: missões populares e em organismos em defesa da vida.
- J) Busca de alianças e parcerias com outras instituições e em projetos intercongregacionais; na formação, em projetos no assentamento e contra o trabalho escravo.
- K) Maior apoio e acompanhamento dos que estão nas fronteiras.

Vemos nas respostas acima que a CRB aparece como catalisadora de ações coletivas que possibilitam um bom denominador comum para nosso contexto sociocultural. Aqui, a CRB tem ajudado a pensar/amadurecer quais ações coletivas possibilitam uma identidade processual e dinâmica

à VRC. Essa proximidade das causas sociais, a luta pela transformação social está nessa passagem entre modernidade/pós-modernidade, exigindo que o saber encastelado nas academias e nos *locus* privatizado do capitalismo estabeleça diálogo com senso comum; a distribuição justa do saber também faz parte do incremento da cidadania. Aqui, podemos retomar Boaventura Souza Santos na análise que ele faz entre saber e ignorância.

A ciência moderna tornou possível a primeira ruptura epistemológica e, com base nela, separou-se do senso comum existente. Foi um ato revolucionário de que não podemos abdicar. No entanto, uma vez realizada essa ruptura, o ato epistemológico mais importante é romper com ela e fazer com que o conhecimento científico se transforme num novo senso comum. Para isso é preciso, contra o saber, criar saberes e, contra os saberes, contra-saberes (Santos, 1995/2006, p. 104).

Contudo devemos perceber que as ações da CRB podem contribuir na criação de saberes e contra-saberes quando em suas bases surge o desejo do impossível, a utopia. Isso se dá nas Regionais, nos diversos grupos e nas comunidades religiosas em que essas ações podem ser traduzidas. Nas respostas à revista *Convergência*, tem-se mostrado um bom instrumento para reflexão de nossas ações, sonhos e questionamentos. Seria ela um lugar de contra-saberes religiosos? Seria a CRB um lugar do rompimento de uma postura religiosa que por muito tempo sustentou uma cisão entre saberes teológicos e vida humana?

Uma das respostas que se destacou na questão 6 — “Que temas você sugere para serem abordados na nossa XXI AGO julho/2007” — foi:

A) Dimensão profética da VR na sociedade pós-moderna diante das estruturas injustas.

Ela é uma questão propositiva e traz uma resposta interessante, apesar de carregar uma fundamentação da VRC. Diversas outras respostas que não aparecem aqui se relacionam fortemente com a esperança no futuro da VRC, pois se



alicerçam na Palavra de Deus; sem dúvida elas são elementos desejáveis das identidades possíveis na VRC.

## ***Processos identitários da Vida Religiosa Consagrada na complexidade crescente das grandes cidades***

Talvez a maior erosão provocada nos processos identitários foi uma forte recusa de tudo o que representava a tradição, desconsiderando que muitos elementos sustentadores da memória estavam encravados nessa tradição. Sem esses elementos, os objetos biográficos<sup>1</sup> (Bosi, 2003), a memória se esmaece, e qualquer processo de identificação está fadado a agarrar-se somente nos acontecimentos do presente, processo que muitos denominam “presentismo” ou alienação. Memória, aqui, não se caracteriza como um arquivo morto da espiritualidade cristã, mas como uma ação, um fazer memória: recordar, penitenciar-se, celebrar etc. (Valle, 2004).

Fazer memória tem sido um processo fortemente influenciado pela complexidade crescente da urbanização, como o aumento das comodidades postas pela tecnologia foi a marca da modernidade, processo que para uns já findou e para outros nem começou. Isso se deu no momento em que as grandes cidades se firmavam como símbolo de tudo o que era moderno, não-agrário, evoluído e não-atrasado, da cidade e não da roça, segundo definições encontradas no cotidiano.

Os grupos humanos se encontravam e desencontravam num espaço urbano em complexidade crescente. Esse espaço citadino foi também lugar fundamental para que as lutas democráticas tomassem corpo, pelo diálogo das religiões com os direitos civis, lugar da morte de igrejas e nascimento de outras in-consciências religiosas. Foram as grandes cidades testemunhas do esplendor e das insuficiências da modernidade testemunhadas pelos diversos grupos que habitavam a cidade.

1. *Objeto biográfico*: aquilo que possui um valor afetivo por fazer parte da história do indivíduo ou grupo.

E a VRC faz parte dos grupos que já sentem o fim da modernidade, para os quais a cidade grande é um lugar possível, todos e todas a preferem. Georg Simmel identifica o tipo humano da grande cidade, o *flâneur*, ser urbano que flutua na vertigem provocada por todos os excessos da metrópole (luzes, encontros, variedades etc.). O *flâneur* é alguém de passagem com um perene desejo que ele mesmo não identifica, é uma sombra entre outras na mobilidade veloz de um espaço sem colisões; ele consome o tempo com desperdício, aristocraticamente (Simmel, 1971, pp. 127-137).

Podemos pensar que esse modo urbano nos remete a algo presente na crise de identidade da VRC, no retorno infundável da necessidade de perguntar-se: que é ser religioso(a)? Talvez que esse *flanar* pelas metrópoles tem sido uma característica muito presente da VRC. Podemos supor que, compartilhando da vertigem cosmopolita, nos afastamos dos espaços onde vivem os pobres. Na cidade grande, em sua irracionalidade/racionalidade devastadora/encantadora, os pobres são habitantes de um espaço externo, lento e opaco.

Na cidade, hoje, a “naturalidade” do objeto técnico — uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa —, essa historização da metafísica crava, no organismo urbano, áreas “luminosas”, constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas “opacas”: [...] são espaços da lentidão e não da vertigem (Santos, 1996, p. 83).

Assim, o distanciamento dos pobres poderia estar relacionado com a proximidade do moderno, dos confortos oferecidos pela grande cidade, pelos avanços da técnica, enfim, por um movimento que acaba por banalizar a realidade. “A rapidez e a intensidade com que tudo tem acontecido, se, por um lado, torna a realidade hiper-real, por outro lado trivializa-a, banaliza-a; uma realidade sem capacidade para surpreender-nos ou empolgar” (Santos, 1995/2006, p. 19). O pobre e todas as formas de sofrimento humano podem estar aí banalizados, entregues à piedade dos espetáculos midiáticos.

Quanto dessa situação penetra cada instituto religioso, cada comunidade religiosa? As injustiças sociais e a depreciação do meio ambiente aparecem para a sociedade e para a VRC com uma centralidade gritante. Até que ponto é possível ser *flâner* diante disso? Esse sujeito que se torna indiferente diante da vida vive numa desorientação onde a memória não passa de informações sem afeto.

Um bom exemplo da desorientação que aparece é o modo como fazer essa memória, como acessar um poder simbólico que possibilite alguma estruturação identitária sem cair em fanatismos da pós-modernidade. Vejamos como um grupo expressa essa questão no Projeto Novas Gerações e Vida Religiosa.

O resgate dessa memória pode ser feito buscando nos arquivos das congregações o que foi mais significativo no passado, atualizando-o à luz dos sinais dos tempos, percebendo nessa história a força que a moveu e que é capaz de mover o momento em que vivemos hoje. Temos também nas congregações irmãs e irmãos idosos, que testemunham o passado e trazem consigo a memória viva da Vida Religiosa, com seu sentido, valor e densidade profética. Sentimos que o resgate histórico é uma urgência, mas não sabemos muito bem como levar adiante essa tarefa. O próprio grupo teve dificuldade para tratar essas questões, que apenas foram tocadas e levantadas, mas não desenvolvidas (Furlin, 2006, p. 34).

Parece-nos fundamental que os processos de memória não sejam confundidos com o rememorar, falado ou documentado. Ao mesmo tempo, a memória precisa ser atualizada, ou melhor, traduzida criativamente. Algo que pode surgir é o passado como peso para as novas gerações. Isso se dá diante de reivindicações de gerações etárias que, sem terem vivido seus próprios sonhos, tendem a endereçá-los aos que chegam (Cardoso, 2005). Sem uma tradução dos sonhos fundadores da experiência da VRC, eles se tornam fardos pesados para velhos(as) e jovens religiosos(as).

## *Considerações finais*

Este texto buscou analisar o discurso que aparece nas repostas recebidas às questões formuladas pela Direção Nacional da CRB. A partir de nossa leitura, elegemos questões do processo identitário da VRC. Outros caminhos analíticos seriam interessantes, mas aqui fizemos o que nos pareceu dentro da perspectiva da psicologia social. Por isso buscamos enfatizar a urbanidade da VRC na trama indivíduo/sociedade, principalmente buscando entender como um certo pessimismo das repostas apontava uma identidade profética dos sujeitos.

Porque esse pessimismo não é fruto de uma depressão, mas sim de uma indignação, mescla-se a uma denúncia diante daqueles(as) que se agarram apenas na consciência do excesso, daqueles que não reconhecem o déficit. Essa identidade aparecia, sobretudo, nas falas de esperança e novas alternativas para a VRC. Por fim, ainda reconhecemos a necessidade de desenvolvermos melhor as questões sobre as diversas subjetividades que permeiam a VRC, possibilitando inúmeros arranjos/desarranjos identitários, portanto inúmeras identidades possíveis. Contudo as respostas, e mesmo os não-ditos no questionário, também fornecem pistas interessantes e boas, aqui não analisadas.

Precisamos fazer duas considerações: a) essa é uma hipótese, porém não é uma questão única, talvez nem essencial, e b) a cidade grande e seus recursos também são outras coisas que não só vertigem e desagregação, considerações que os autores citados também reconhecem.

Podemos finalizar esta reflexão constatando que ainda há perguntas não-formuladas e repostas confiantes demais. Essa época de tantas oscilações em que vivemos exige prudência, ansiedade dentro dos limites e um coração aberto para ver além.

## Bibliografia

- ANJOS, Márcio F. (Org.). *Novas gerações e vida religiosa. Pesquisa e análises prospectivas sobre vida religiosa no Brasil*. Aparecida, Santuário, 2004.
- BENELLI, José S. & COSTA-ROSA, Abílio da. Movimentos religiosos totalitários católicos: efeitos em termos de produção de subjetividade. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 23(4), pp. 339-358, out.-dez./2006.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel-Bertrand Brasil, 1989/2005.
- CARDOSO, Irene. A geração 60: o peso de uma herança. *Tempo social*, v. 17, n. 2, pp. 93-107, 2005.
- CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. 7. reimpr. São Paulo, Brasiliense, 2001.
- FURLIN, N. (Org.). *Novas gerações e vida religiosa: memória, sexualidade e poder*. Rio de Janeiro, Publicações CRB Nacional, 2006.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da religião*. Petrópolis, Vozes, 2003. pp. 177-197.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 1995/2006.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço tempo, globalização e meio técnico-científico informacional*. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1996.
- SIMMEL, G. Metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- VALLE, E. (Org.). *Memória histórica. As lições de uma caminhada de 50 anos: CRB – 1954 a 2004*. Rio de Janeiro, Publicações CRB Nacional, 2004.

MÁRCIO FABRI DOS ANJOS, CSSR\*

Os tempos atuais exigem mais do que nunca uma atenção especial à velocidade com que se muda o presente, projetando outras formas para o futuro. Como tal fato envolve a Vida Religiosa? Existe certa angústia para quem sente de perto alguns sinais inquietantes: a diminuição de vocações; perguntas sobre a validade do carisma fundacional para os tempos de hoje; certa crise envolvendo as obras e formas de ação; insatisfações sobre o modo de viver em comunidade e sobre o próprio sentido espiritual que deveria empolgar antigas e novas gerações; e ainda a dúvida se novas formas de Vida Religiosa que vão surgindo são respostas fiéis ao Evangelho ou simples adaptações. Para quem olha um pouco adiante, para o futuro, certamente encontrará nisso tudo motivos para inquietações.

A essas mudanças radicais trazidas pelos novos tempos estamos chamando de “espaços em transformação”. O conceito de *espaço* certamente não se reduz ao físico e geográfico, como se verá. Trata-se de transformações extremamente abrangentes em diferentes sentidos, das quais ninguém fica imune. É certamente possível que os questionamentos acima mencionados não sejam os mesmos, nas diferentes ordens, congregações e institutos. Há problemas que se amenizam com soluções conjunturais. Isso se vê quando unidades ou províncias da mesma Congregação passam por momentos diferentes. Mas a transformação dos espaços traz muitos desafios comuns para toda a Vida Religiosa Consagrada. Neste breve texto, vamos recolher alguns elementos essenciais que

\* **Padre Márcio Fabri dos Anjos** é teólogo da Equipe de Reflexão Teológica da CRB/ Nacional. Sacerdote redentorista, professor de Teologia Moral e de Bioética em São Paulo. **Endereço do autor:** mfabri@terra.com.br.

ajudem a Vida Religiosa a compreender-se nesta realidade que estamos chamando de *espaços em transformação*.

## ***Espaços: deslocar-se e ser deslocado***

Um ponto de partida para esta introdução, certamente, consiste na percepção geral de que algo está acontecendo conosco no mundo, de modo muito rápido e radical. Essa percepção já ocorre há alguns anos na Vida Religiosa: as assembléias passadas e muitos temas refletidos pela Vida Religiosa no Brasil têm chamado a atenção para o fato de estarmos em “tempos de mudanças e mudanças de tempos”. Os temas centrais das últimas assembléias foram:

- 1995-1998: Modernidade brasileira e novos rostos da missão
- 1998-2001: Novo milênio e refundação da Vida Religiosa: mística evangélica – missão inculturada – presença solidária
- 2001-2004: Tempo de sinais e sinais dos tempos
- 2004-2007: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5): testemunho – profecia – esperança (jubileu de 50 anos da CRB)

As assembléias perceberam as transformações e colocaram a ênfase na necessidade de a Vida Religiosa movimentar-se e deslocar-se: ir às suas fontes, deslocar-se em direção aos pobres e inserir-se nos meios populares; trocar os espaços de sua segurança institucional por sistemas de vida mais despojados; assumir atitudes proféticas, indo pelo mundo com a missão de anunciar. Essa ênfase, de algum modo, convoca a Vida Religiosa a fazer escolhas corajosas e assumir outro espaço na vida, na sociedade e em meio às transformações socioculturais. Muitas dessas escolhas cabe à Vida Religiosa fazer. Mas, em muitos casos, não escolher o caminho das transformações e mudanças significa morrer ou perder o sentido de consagração religiosa.

Talvez ainda se imagine que, ao pensar os espaços em transformação, a questão seria ver como a Vida Religio-

sa pode conquistar esses novos espaços. A Vida Religiosa continuaria sendo quem toma as iniciativas. Mas não é bem assim. Os espaços em transformação não perguntam pelas escolhas da Vida Religiosa. Simplesmente mudam os *lugares* no mundo e na vida social. De fato, podemos mudar de lugar quando nos deslocamos, ou quando somos deslocados, ou também quando os outros se deslocam e nós, embora permanecendo física ou moralmente no mesmo lugar, estaremos em outra posição. É isso, então, que ocorre: não são simplesmente os espaços fora da Vida Religiosa que estão se transformando; a transformação atinge, em cheio, a Vida Religiosa por fora e por dentro.

A idéia de *espaço* é complexa e se abre para inúmeras situações, a partir de nossa condição humana de seres corpóreos. Como mínimo para compreender nosso tema, é necessário ter presente ao menos duas dimensões fundamentais do espaço: a dimensão física e a mental. Um exemplo claro se apresenta quando pessoas migram para longe, quem sabe até para o exterior. Mudam de espaço físico e, certamente, também do espaço constituído pelo novo ambiente cultural. Outras pessoas, aquelas talvez que moram no prédio ao lado da igreja, sem mudarem dali, vivem outro espaço cultural distante que permite perguntar, por exemplo: “Para os cinco milhões de habitantes dos condomínios de São Paulo, que significa a Igreja? Para os três milhões de favelados, que significa a Igreja?”<sup>1</sup>

Sobre as dimensões físicas e mentais se constroem os *espaços do sentido* e o *sentido dos espaços*. Na idéia de espaço, os significados são vitais porque os espaços sempre dizem *relações*. Não seria possível falar de espaço sem supor a relação entre seres.

Os avanços tecnológicos trouxeram uma revolução nos recursos que usamos para lidar com os espaços, por isso se fala hoje de uma nova *espacialidade*. Começaram provocando a revolução em duas direções: nos meios da relacionalidade física e da relacionalidade virtual.<sup>2</sup> O espaço da relacionalidade virtual se tornou enorme, porque nos permitiu a presença comunicativa entre pessoas próximas ou distantes,

1. COMBLIN, J. As grandes incertezas na Igreja atual.

REB-Revista Eclesiástica Brasileira, v. 67, n. 265, p. 39, jan./2007.

2. LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo, Ed. 34, 1996. 160p.



com imagens de fatos que estão ocorrendo no outro lado do planeta, como até mesmo possibilitou “viagens” fora do sistema solar. Uma condição humana de virtualidade espacial sempre existiu e por isso dizem as mães para uma criança distraída: “Preste atenção! Parece que você está no mundo da lua”.

As novas tecnologias têm importância porque interagem com a revolução dos significados que adquirimos e imprimimos à vida ao lidar com os espaços nesta nova forma. E assim estamos, pessoal e socialmente, em uma nova condição de *espacialidade*. Nós próprios nos transformamos com a transformação dos espaços. Muitas análises sociais têm apontado esses grandes deslocamentos em nossos tempos.<sup>3</sup>

### ***Transformação dos espaços e Vida Religiosa Consagrada***

Em que a transformação dos espaços afeta especificamente a Vida Religiosa Consagrada? Quais são os espaços em transformação que mais devem chamar sua atenção? Essas perguntas foram discutidas nas reflexões da Assembléia da CRB de 2007 através de três momentos de análise:

- sobre as grandes transformações socioculturais;
- sobre a Igreja (Conferência de Aparecida, 2007), e nela a Vida Religiosa Consagrada, em meio às transformações;
- sobre a missão profética da Vida Religiosa em tal contexto.

Anotamos aqui, de forma sintética, alguns pontos que afetam mais de perto a Vida Religiosa em meio às transformações dos espaços:

1. A transformação dos espaços se insere em uma grande mudança que abrange praticamente todos os aspectos e dimensões da vida. Configura uma grande revolução cultural que implica as formas de *fazer*, de *associar-se*, de perceber e construir *valores* ou *significados*. Como já mencionamos, não há como escapar de tais mudanças. Note-se que os avanços científicos e recursos tecnológicos que estão implicados nas

3. Veja: FUKUYAMA, Francis. *A grande ruptura*. São Paulo, Rocco, 2000. POLANYI, Karl. *A grande transformação*. São Paulo, Campus, 2000.

transformações não são bons nem maus, a não ser a partir do uso que se faz deles. Mas o discernimento ético sobre bem e mal nem sempre pode ser feito rapidamente.

2. A afirmação do indivíduo e da subjetividade é uma importante transformação de espaço que começou a ser construída com a modernidade. Trouxe outros desafios, como a pluralidade e o pluralismo, a crise das identidades, o individualismo. Mas também reforçou os direitos das pessoas, os valores e as criatividades individuais, os aspectos da realização pessoal. Com a mudança no espaço da individualidade, transforma-se, também, o espaço da comunidade, tão importante para a VRC.

3. Os espaços de produção dos bens se transformaram ao se fazerem cada vez mais através de ciência e tecnologia. Resultou a necessidade de competência naquilo que se faz, interrogando também a VRC em suas atividades e missão. Com a transformação na produção veio a correspondente mudança no consumo, aguçando no mercado o desejo dos bens e suas facilidades. Estamos em uma “sociedade de consumo”, da qual participa a VRC. Resta saber de que modo.

4. O espaço da comunicação não se reduz à mídia de comunicação de massa, ou aos novos recursos que permitem a um indivíduo comunicar-se facilmente com o outro lado do mundo. Há uma revolução na própria concepção de comunicação, relacionando as pessoas entre si e com o ambiente. Evidenciam-se as formas e conseqüências desta nova condição comunicativa. Ganha importância a imagem, seja para a comunicação, seja para a afirmação da própria identidade na comunicação. Multiplicam-se as possibilidades de veicular mensagens e anunciar valores. Em tal contexto, quais e como seriam os bons caminhos da VRC?

5. Os espaços do poder sintetizam as transformações talvez mais contundentes que ocorrem em nossos tempos. Por um lado, os deslocamentos culturais levam para a potencialização dos indivíduos e das identidades subjetivas. Por outro lado, há uma incrível concentração sociológica do poder, especialmente por parte de grupos que controlam a economia dentro do novo contexto globalizado. Resultam as grandes expressões de inclusão e acesso ou de exclusão e abandono, na caminhada da vida social.

6. A religião e os valores religiosos constituem um espaço especial para a VRC. Por isso mesmo a transformação que ocorre neste espaço torna-se para ela particularmente importante. A pluralidade chega com mais evidência na construção e proposta de valores religiosos; há expectativa mais clara entre as necessidades subjetivas e o que determinada comunidade religiosa oferece; multiplicam-se as ofertas e se evidencia a concorrência religiosa.

7. Os espaços da Igreja e da Vida Religiosa são, assim, evidentemente transformados de muitos modos. Cada um dos pontos anteriores implica transformação dos espaços da VRC. Talvez ajude a pensar as mudanças em dois âmbitos: no interno de sua vida espiritual e comunitária e no externo de suas relações de carisma e missão. Comblin resume as relações de missão dizendo que “a evangelização e a pastoral já não podem ser feitas a partir de uma posição de poder”.<sup>4</sup> Acabou a hegemonia, mesmo que ainda sejamos maioria. A autoridade da Vida Religiosa Consagrada precisa ser refon-tizada no mistério da encarnação, paixão, morte e ressurrei-ção de Jesus. Um caminho que a Conferência de Aparecida propõe para toda a Igreja.

### ***Algumas atitudes na Vida Religiosa Consagrada diante de espaços em transformação***

Como a Vida Religiosa Consagrada tem percebido e recebido tais mudanças? Pelas iniciativas desenvolvidas em sintonia com a CRB, pode-se dizer que há consciência dos problemas e movimentação em busca de saídas. Entretanto, Comblin afirma que existe uma resistência para assumir as transformações: “O fato fundamental é que a Igreja ainda não percebeu, ou não reconheceu, ou não quis aceitar a grande revolução da sociedade ocidental que se manifestou na década de 1970 e se estendeu rapidamente ao mundo inteiro”.<sup>5</sup> Então, para garantir uma consciência mais clara a esse respeito, vamos comentar algumas atitudes que ainda, talvez, se encontrem, na Vida

4. COMBLIN, J. As grandes incertezas na Igreja atual, cit., p. 37.

5. Id., ibid. p. 36.

Religiosa, diante desse assunto. Vamos conferir e comentar as seguintes afirmações:

## As transformações seriam apenas da sociedade e não da Vida Religiosa

Haveria, ainda, grupos religiosos que não se deram conta de que as transformações que ocorrem no conjunto da sociedade afetam a Vida Religiosa por dentro? Por serem tão claras e drásticas, pode-se supor que, de modo geral, estejam sendo percebidas. Mas pode ser que para muitas pessoas as transformações sejam entendidas e reduzidas às formas externas, como que tecnológicas e práticas de vida. Afetam mais os horários da vida comunitária. Diriam: “Está mudando o ritmo; mas a melodia, a letra e a orquestra continuam a mesma”. Até que ponto se percebe que há transformações no campo dos sentidos e significados, pelos quais a Vida Religiosa é tocada na sua essência?

É possível que muitas pessoas coloquem as transformações presentes em termos de bem e de mal. Entendem, assim, que todos os questionamentos sejam tentativas de deturpação da Vida Religiosa. E que, se ela vai mal, é porque os novos tempos são maus. Os problemas às vezes são percebidos, mas não analisados. Na década de 1990, já se percebia o problema vocacional, mas houve “ausência de uma reflexão sistemática séria sobre causas e possíveis encaminhamentos para a *crise vocacional* trazida pela modernidade”.<sup>6</sup>

## Estamos bem de Vida Religiosa e não temos problemas importantes

Haveria alguém que tem coragem de fazer, hoje, esta afirmação? Talvez de uma forma assim declarada aconteça menos. Mas há formas intermediárias para esse sentimento. Às vezes, algumas conjunturas ajudam a amenizar os problemas, de modo que eles não sejam percebidos. Um exemplo pode ser o crescimento e a vitalidade da Vida Religiosa em regiões mais pobres, enquanto as congregações definham em países desenvolvidos. Isso aparece bastante bem quanto ao número de vocações. Pensa-se que o problema é dos

6. VALLE, Edênio. Encruzilhadas e passagens. In: Id. (Org.). *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos – CRB 1954–2004*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2004. p. 156.

outros, no primeiro mundo. Entretanto, certamente quase todos os mesmos problemas se apresentarão na medida em que as transformações cheguem mais radicalmente.

Existe também o “efeito bolha”, conhecido na economia. Consiste em algum fator passageiro (uma pessoa, uma iniciativa que aparece bem na mídia) que esteja influenciando positivamente e gerando a impressão de estabilidade. Se faltar uma consciência mais crítica, existe a ilusão de que tudo vai bem. Diriam: “A orquestra continua crescendo, e é sinal de que estamos bem de melodia, de ritmo, de letra”.

### **De fato, as transformações são tão radicais que não há mais espaço para a Vida Religiosa na sociedade e na Igreja**

Esta atitude parte de uma percepção sobre a radicalidade das transformações. Os novos espaços socioculturais não abrigariam mais as formas de vida religiosa que conhecemos e vivemos. Tal forma de sentir e analisar convive, certamente, com a satisfação de terem-se realizado os ideais da Vida Religiosa até o momento. Carregam-se na memória os “bons tempos”. Mas não uma projeção de futuro. Às vezes, o sentimento é de angústia e desânimo; e também de perplexidade, sem saber o que fazer. Numa análise mais fria, entende-se que em regiões mais pobres ainda há, certamente, uma sobrevida para a Vida Religiosa. Mas apenas uma sobrevida.

A transformação dos espaços parece inexorável e chegará para toda a sociedade. Não se pode chamar apressadamente essa posição de pessimista quando congregações em países de primeiro mundo vêem suas unidades sem vocações e quase com data marcada para fechar suas casas e obras, não fossem, ainda, os membros vindos de outros países pobres. Diriam: “Está havendo cada vez menos espaço e interesse para nossa música, nossa letra, nosso tipo de orquestra”.

### **A solução é adaptar-se inteiramente aos novos tempos**

A adaptação é uma tendência freqüente nos processos da natureza, tanto da vida animal como da própria vida

humana. Assim também, a solução para a Vida Religiosa seria adaptar-se inteiramente aos novos tempos, isto é, à mentalidade das pessoas, seus desejos, suas formas de viver, de relacionar-se e de fazer. Quando os fatos parecerem muito estranhos ou até mesmo chocantes, o conselho seria este: “É preciso acostumar-se. Os tempos mudaram...” A adaptação teria duas dimensões importantes inter-relacionadas, mas que vale ressaltar: a forma de pensar, de dar sentido e valores; e a forma de viver, de fazer e relacionar-se. Seria preciso adaptar-se em tudo. Voltando à comparação, dir-se-ia: “Se quiser ter espaço, o jeito é dançar conforme a música, ou afinar a orquestra do jeito que o povo gosta”.

### Estamos diante de um grande desafio que exige pensar, discernir, ter coragem e agir

As diferentes atitudes diante dos espaços em transformação têm suas justificativas e razões. Mas parecem parciais e insuficientes. O que tem movimentado a Vida Religiosa e particularmente as iniciativas da CRB é a convicção de que estamos diante de um grande desafio que exige discernir os sinais, em busca da fidelidade criativa dos ideais evangélicos na VRC. Há três passos importantes nesta convicção:

- *Reconhecer o desafio da transformação que se apresenta:* significa superar a ingenuidade de que o mundo continua o mesmo e que a VRC está no mesmo lugar de sempre. Trata-se, portanto, de procurar identificar os pontos mais significativos das transformações, o que não se consegue sem um esforço de reflexão.
- *Assumir atitudes e critérios indispensáveis para lidar com ele:* a primeira atitude já aparece na consciência crítica. Em seguida, vem a confiança em dois sentidos, ou seja, que Deus *confia* em nós e nós *confiamos* em Deus (o que podemos chamar de *responsabilidade confiante*). Então, a atitude de discipulado, para ser aprendizes de Jesus na encarnação, no amor oblato, no profetismo e na ressurreição. Disposição para mudar. Aqui estão atitudes e critérios que nos distanciam da ingenuidade, apatia, conformismo, adaptação sem crítica.

- *Tomar iniciativas*: a parte da ação não pode ser voluntarista, isto é, do tipo “feche os olhos e siga em frente que vai dar certo”. É preciso ter projetos pensados, respeitando etapas. É certo que nem sempre há certeza. Assim, há que assumir uma dose de riscos, mas sempre de alguma forma pensados. As iniciativas, hoje, se tomam sempre com um senso de colaboração de diferentes experiências e percepções, pois a realidade se mostra muito complexa para ser entendida e assumida de modo uniforme.

Os tempos não são fáceis. Embora estejamos vivendo uma fase privilegiada de avanços tecnológicos que facilitam em grande parte a vida e parecem prometer um futuro brilhante para a humanidade, nem tudo está garantido. A verdade é que o futuro tem medo do nosso presente. Basta ver um pouco as projeções sobre o aquecimento global. É preciso reconhecer que os deslocamentos e transformações significam movimento cuja direção deve ser pensada e de alguma forma conduzida. Se os espaços estão-se transformando e nós com eles, não se pode, em meio a isso, perder a vocação de cuidar responsavelmente do mundo, das pessoas, da vida. A Vida Religiosa tem grandes recursos para viver tal vocação, principalmente em sua herança espiritual alimentada pela partilha de vida em comunidade. Os novos tempos trazem o persistente desafio de inventar as novas formas e expressões do amor, uma *nova imaginação da caridade*, no dizer de João Paulo II.<sup>7</sup>

Deve-se estar inquieto com tantos problemas e questões? Certamente que sim, caso contrário seria fugir da realidade. Mas, como o apóstolo são Paulo, podemos também dizer: “Somos afligidos de todos os lados, mas não vencidos pela angústia; postos em apuros, mas não desesperançados; perseguidos, mas não desamparados; derrubados, mas não aniquilados” (2Cor 4,8-9). Olhando sob outra perspectiva, poderíamos também dizer que temos o privilégio de viver em um momento de grandes transformações. E se confiamos em Deus, Deus também confia em nós para que o futuro tenha esperança.

7. João Paulo II. *Novo millennio ineunte*. São Paulo, Paulinas, 2001. n. 50. Col. A voz do papa, n. 180.

\* **Frei Moacir****Casagrande é**

membro da Equipe de Reflexão Bíblica – CRB Nacional e membro do Conselho Superior – CRB Nacional.

**Endereço do**

**autor:** SAGS Qd. 906 – Conj. D, cep 70390-060, Brasília-DF, tel.: (61) 3443-1223, fax: (61) 3244-2050. E-mail: frmoaca-sa@terra.com.br.

1. CHILDS, B. S. *Exodus*. Old Testament Library, 1984. pp. 237-238.

2. Hebreus são uma categoria social, mais que um grupo descendente de uma só família. Para aprofundar, veja: GOTTWALD, N. K. *As tribos de Iahweh*. São Paulo, Paulus, 1980. pp. 409, 428-429.

3. Sobre os hicsos, ver: GOTTWALD, N. K. Op. cit. pp. 399-402.

MOACIR CASAGRANDE, OFMCP\*

Coube-me a tarefa de contextualizar o lema da XXI Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil. Vou tentar, sem pretensão alguma de ser completo, dar uma visão de conjunto e pinçar alguns elementos que considero oportunos para provocar um aprofundamento na reflexão sobre o momento pelo qual a Vida Religiosa Consagrada está passando, particularmente por ocasião de um encontro tão importante como esta Assembléia.

A fonte inspiradora da frase do lema é o livro do Êxodo, que, em 14,15, revela exatamente o momento mais crítico do processo exodal. Os autores nos brindam com uma composição que faz memória do acontecimento mais marcante e significativo da história do Povo de Deus.<sup>1</sup>

## *O contexto amplo*

As migrações em busca de melhores condições de vida ou simplesmente para fugir da fome são realidades históricas milenares e universais. O povo do qual fala o livro do Êxodo é constituído de *hebreus*,<sup>2</sup> migrantes que se encontram no delta do Nilo, no Egito, em busca de sobrevivência e oportunidade. A história nos fala de *hicsos*<sup>3</sup> como um povo que ocupou o Baixo Egito, com o qual os faraós tiveram de confrontar-se. Os hicsos foram expulsos pelo faraó Amósis em 1575 a.C. Mas na esteira dessa gente, antes e depois, muitos grupos fizeram caminho de ida e de volta, ou de ida sem volta. Segundo a história, houve tempos em que os faraós se ocupavam mais com o Alto Egito, e nesse período



a região do delta do Nilo ficava mais livre para ser ocupada por migrantes e nômades.

Em 1308 a.C. começou o reinado de Ramsés I,<sup>4</sup> que resolveu transferir a residência oficial e fazer grandes fortificações no delta do Nilo, realizando grandes investimentos aí. Seti I, seu filho, continuou as obras. Os hebreus (migrantes e nômades) estavam lá e foram usados como mão-de-obra eficiente e barata para a realização do projeto, por isso a opressão não parou de crescer.

O Egito mantinha um sistema de armazenamento de víveres (Gn 41,33-36.53-57), por meio do qual submetia os habitantes de toda a vizinhança, estendendo-se a consideráveis distâncias. Em tempos de seca e falta de alimentos, as populações locais e vizinhas se submetiam ao senhor dos armazéns para não morrer de fome (Gn 47,13-26). Segundo Gn 42,1-5, essa gente, que agora está encurralada à beiramar, esteve no Egito por causa da fome. A fome os obrigou a isso, mas a terra do coração não era o Egito (Gn 47,29-31; 49,29 e 50,22-26). Segundo Ex 12,40, acabaram por permanecer no Egito cerca de 430 anos, mas a opressão começou a ficar pesada a partir de 1308 a.C., chegando a ponto de ser insuportável cerca de cinquenta anos mais tarde (Ex 1,8), com Ramsés II.

### ***Delta do Nilo, um espaço em transformação***

Gn 47,1-12 diz que essa gente entrou pacificamente e permaneceu aí por cerca de dez gerações, vivendo na terra fértil, sem ser incomodada. Mas Ramsés I decidiu transformar o espaço, ocupar as terras em favor de seu megaprojeto. Assim, no projeto dele, a terra não é mais dom de Deus, ela é, agora, propriedade do “Senhor do Egito”. Não somente a terra, mas tudo o que está nela, pois o dono da terra se acha também no direito de posse sobre bens e pessoas que nela habitam ou que dela vivem. O faraó decide transformar o espaço e coloca todo mundo a dançar conforme sua música. Que fazer agora? Aceitar a mudança e adaptar-se a ela? Rebelar-se contra a mudança e clamar por um libertador?

4. A XIX dinastia, à qual pertencem os faraós Ramsés I, que iniciou a dinastia, e Ramsés II, a quem se atribui o regime mais violento da opressão dos hebreus, a ponto de saírem do Egito, durou de 1308 a 1186 a.C. e teve sete reis e uma rainha. Ver: LEHNERT & LANDROK. *Egypt*. Cairo, 1981. p. 32. Opinião diferente tem Alan Gardiner, *La civiltà egizia*, Torino, Einaudi, 1985, pp. 226-255.

Criar novos espaços dentro do espaço do faraó? Criar novos espaços em outras regiões? Concorrer com a transformação decretada por ele? Buscar novos espaços para viver do jeito que vêm vivendo há muitas gerações? Criar novos espaços dentro de si mesmos para buscar um novo jeito de viver? A verdade é que do jeito que está não dá para ficar. O mundo mudou, os tempos mudaram, o Egito não é mais o mesmo. Surgem novas gerações que tomam novas atitudes e exigem novos passos na história.

Os hebreus entraram no Egito, saciaram-se, multiplicaram-se e foram vistos como ameaça pelo faraó (Ex 1,8-10). Mas as coisas mudaram, a mesma terra que matou a fome agora quer matar a liberdade e o sentido de viver. Os hebreus podem sobreviver, mas não podem crescer. O crescimento deles faz crescer o olho do outro.

A opressão cresce, as lideranças desaparecem, os feitos do passado caem no esquecimento (Ex 1,8). Os feitos do passado só têm força de sinal e, para ter influências em outros tempos, precisam ser relidos e reinterpretados. Essa gente perdida no hoje da história não agüenta a opressão, não sabe a quem recorrer, simplesmente geme, lamenta e clama sem saber a quem endereçar. Deus, que escuta o clamor do oprimido, está atento, mas precisa de alguém para fazer-se presença entre eles. Chama Moisés, precisa dele para, com ele, realizar a libertação (Ex 3,1-12). Deus precisa de alguém que aceite deixar-se embeber de seu Espírito para realizar as maravilhas no presente.

### ***Preparar, em todas as instâncias, a saída***

Já nos primeiros capítulos do Êxodo, encontramos Moisés, em nome de Deus, incentivando o povo a sair do Egito, denominado posteriormente antro da escravidão, para a Terra da Promessa, onde corre leite e mel (Ex 3,7-8). A escravidão é um componente estrutural da organização do faraó e do seu sucesso.<sup>5</sup> A Terra da Promessa é, na verdade, um sonho a ser construído a partir da fé e alimentado na esperança.

O livro é pródigo em informações a respeito das dificuldades alegadas por Moisés para não aceitar a missão (Ex

5. Realidade ambígua, pois o sucesso do faraó é o sofrimento das populações que ocupam o território.

3,11.13; 4,1.10.13; 5,22-23); sobre as dificuldades que o faraó cria para Moisés realizar a missão (Ex 5,2; 7,13; 8,11.15.28; 10,7.12.35; 10,10-11.20.27-29; 14,5-9) e a respeito da dificuldade que os hebreus têm de acolher a proposta de Deus por Moisés (Ex 5,20-21; 6,9). Enfrentar tais dificuldades, só mesmo por Deus e com Deus.

O texto deixa claro que os hebreus não devem sair foragidos pela porta dos fundos, mas pela porta da frente, autorizados pelo “homem do coração endurecido”, o senhor do Egito (Ex 3,21-22), coisa que só vai acontecer depois da trágica morte de seu primogênito, o legítimo herdeiro do trono, continuidade de sua dinastia (Ex 12,29-34). Só quando o faraó sente que não tem futuro é que começa a amolecer o seu coração.

A missão é de Deus, Moisés é convidado a ser presença histórica dele, entre uma multidão de escravos no Egito. Moisés lidera a conscientização dos escravos, mas também do escravizador. Em nome de Deus apresenta uma alternativa que nem os escravos nem o escravizador conhecem, mas que é factível e real. A novidade acontece, sem violência, quando os escravizados assumem seu protagonismo e o escravizador abre mão de sua ação. Deus quer uma libertação sem violência, mas o pretenso senhor do Egito não abre mão.

## ***Estratégias***

Observando o texto, podemos pontuar aqui várias estratégias: buscar e traçar caminhos novos; andar em caravanas; morar em tendas e acampar no limite entre deserto e águas.

Finalmente, os hebreus partem, liderados por Moisés e guiados por Deus, mas, curiosamente, não fazem o caminho tradicional, embrenham-se deserto adentro, por caminhos mal traçados, desconhecidos, não explorados (Ex 13,17-18). Erguem suas tendas sempre no limite do deserto com os lagos e o mar.

Caminhos já feitos são manjados, explorados, esgotados de novidades. A conquista do novo não se faz por caminhos

já traçados, mas traçando caminhos. Quem toma caminhos traçados precisa de olhos novos para ver o invisível e descobrir o inédito no rotineiro. A novidade é uma construção contínua, cotidiana e artesanal, fruto da “dinamis” do Espírito de Deus na história de quem se deixa conduzir por ele, de quem se faz protagonista da graça dele.

Deserto e mar não são, aos olhos dos “prudentes”, boas escolhas para acampamentos seguros. São lugares limites e, na “limiaridade”, o risco é grande e as surpresas, mais frequentes. Por isso mesmo as oportunidades também são maiores. O futuro está para além do risco assumido e enfrentado. Deserto e mar são desafios do caminho, não são metas nem destinos. Deserto e mar desafiam a pessoa a confrontar-se consigo mesma e a perceber o que ela tem, de fato, dentro de si. Somos mais dependentes das coisas do que imaginamos e temos enorme dificuldade de lidar com coisas líquidas. A água que nos encanta também nos assusta e atemoriza.

Segundo o texto, Deus mesmo dirige seu povo. “Javé ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para mostrarlhes o caminho e de noite numa coluna de fogo para os alumiar a fim de que pudessem caminhar durante a noite” (Ex 13,21). Caminhar orientado por uma coluna de nuvem e iluminado por uma coluna de fogo pode sugerir muitos elementos. O apóstolo Paulo nos diz, em 1Cor 10,1-4, que a nuvem e o fogo que acompanhavam o povo de Israel era Cristo. Cristo liderava na mediação de Moisés, na fragilidade da nuvem e na virilidade do fogo. Sinais, embora muitas vezes pareçam insignificantes, não faltam, convocação e oportunidade de caminhar também não. É necessário vigiar e fazer caminho com os sinais que se tem, discernindo aí o permanente do passageiro e fugaz.

### ***O perigo de voltar ao próprio vômito (Pr 26,11)***

O texto fala da marcha dos hebreus e do arrependimento do faraó com a conseqüente perseguição (Ex 14,5-9), mas fala também do arrependimento que os hebreus tiveram por ter saído do Egito (Ex 14,10-12). Isso revela que não basta

sair do lugar e do tempo, é necessário sair também dos velhos costumes, dos esquemas mentais e cordiais enferrujados. É necessário colocar nos olhos o colírio do Espírito.

Nossos autores dizem que o faraó resolveu perseguir e resgatar os hebreus, aos quais, pouco antes, havia permitido partir. A liberdade deles custa a desinstalação, o labor, o suor e o sacrifício dos que viviam a vida cômoda, mas custa também a queda no conceito de poder e popularidade do faraó. Os que viviam na mordomia agora têm de prover seu próprio sustento, suprir as necessidades e a realização de seus projetos com o labor das próprias mãos e o suor do próprio rosto. Por outro lado, os que sempre proveram o sustento e a satisfação das necessidades alheias precisam assumir o rumo da própria história, mas parecem desconfiar de si mesmos, de suas próprias capacidades. Há uma cumplicidade afetiva implícita que precisa ser rasgada para favorecer uma liberdade efetiva. O faraó sente falta dos escravos e um grande número de escravos sente falta do sistema faraônico.

Em que lugar se encontra hoje a Vida Religiosa Consagrada no Brasil?

### ***A situação obriga a opção, melhor antecipar-se***

Agora os hebreus estão acuados. De um lado, o mar imenso, misterioso, incógnito, apavorante, ameaçador. Do outro, o exército inflamado pela ira do faraó que se aproxima. Que fazer? Voltar atrás, pedir perdão e entregar-se? Quem garante que o faraó terá o mesmo procedimento de antes e que os escravos terão novamente o que tinham até então? Tocar em frente? Parece suicídio coletivo. Tomados de pavor, voltam-se contra o líder (Ex 14,10-12) e o líder apela para Deus (Ex 14,13-15). Isso não acontece por falta de meta, mas por falta de confiança e de protagonismo.

Parece que Moisés havia tomado uma decisão trágica, assumir uma empresa fracassada desde a origem. Chegar ao absurdo de morrer sem sepultura é mesmo o fim mais trágico possível. Essa parece ser a previsão dos mais realistas numa hora como a presente. “Cutucar a onça com vara

curta” dá nisso, quem não sabe? É muito estranho sair do certo para buscar o duvidoso. Às vezes é difícil distinguir entre prudência e covardia.

No Egito, os hebreus não tinham liberdade, o trabalho era altamente humilhante, aviltante, estressante e desumano, mas tinham onde ficar, o que comer e lugar para ser enterrados. “Havíamos dito: deixa-nos em paz!”, dizem os hebreus (Ex 14,12). Embora oprimidos pelo faraó, sentiam-se em paz. Agora, livres da opressão, perderam a paz. Caminhar na insegurança, na incerteza, é para eles mais desgastante e sofrido que servir com certezas e seguranças escravizadoras. A isso eles chamam de paz.

Será que a Vida Religiosa Consagrada não está satisfeita com a paz do Egito? Podemos dar nome ao Egito de hoje? Como está a nossa relação com ele? Qual é nossa opção: morrer escravos para receber sepultura no Egito ou morrer livres correndo o risco de ficar insepultos no deserto?

### ***Da confiança passiva à entrega ativa***

A resposta de Moisés convida ao passo da fé, da espiritualidade, a busca do tempero que falta para que a caminhada tenha sentido. Primeiro com um vigoroso “Não tenham medo! Tenham coragem!” (Ex 14,13). O medo é o mais eficaz paralisante da história, o medo é a razão e a explicação para o domínio de tanta maldade e o prevalecimento de tanta submissão, sujeição e gemidos calados, surdos e silenciados em nossa história. Moisés segue com uma profética declaração: “Os egípcios que vistes, nunca mais os vereis! É o Senhor que combaterá por nós!” (Ex 14,13-14). A palavra de Moisés é faca de dois gumes, pois os hebreus já não crêem em si, não confiam em Moisés, vão esperar em Deus? Deus fará por eles?

Hoje, também muita gente espera em Deus. Pede, ora, chora sentado, olhando para cima, esperando que lhes caiam as coisas nas mãos. Certamente, Deus vai fazer por eles, mas *com* eles. Deus não dispensa o protagonismo do povo. Hoje, essa atitude está em alta. Esperar em Deus sem dar-se para que a força dele atue por nosso intermédio é comum.

Moisés consola os hebreus com palavras, mas isso é apenas uma pequena parte do que seus liderados necessitam. Ele precisa orientar encarnando a Palavra e tomando a frente, com uma ousadia “imprudente e inconseqüente”.

## ***O milagre do protagonismo***

Que Palavra Deus oferece para um momento tão crítico e tão decisivo? Oferece, antes de tudo, uma repreensão ao líder: “Por que clamas a mim?” (Ex 14,15). Que mania é essa de, na hora do aperto, sempre correr para mim pedindo socorro?<sup>6</sup> Na verdade, não só o povo está perdido, Moisés também está. Mas a Palavra é também uma confirmação do projeto original: “Diga aos filhos de Israel que se ponham a caminho!” (Ex 14, 15). Diga a eles que avancem, que continuem a missão começada, o rumo indicado. Diga que não se desmontem diante do perigo à vista. O futuro está para a frente, a “Terra do leite e do mel” está localizada após o mar. Os hebreus, bem como Moisés, conhecem a meta desde a origem. Saíram do Egito com essa meta, mas estão para abandoná-la em vista dos obstáculos surgidos. Param de caminhar, estacionam, estagnam, perdem a esperança, enganam-se. Esperavam um futuro pronto e vão ter de construir não só o futuro, mas também o caminho para ele.

Não só encorajar e ordenar os liderados, mas ir à frente deles. “E tu, Moisés, ergue o bastão, estende a mão sobre o mar, divide-o para que os filhos de Israel entrem nele a pé enxuto” (Ex 14,16). O mesmo bastão que Moisés usou no Egito para convencer o faraó a deixá-los sair (Ex 7,8-13) agora deve ser usado para abrir um caminho no mar. Usando o bastão avisa, encoraja e sinaliza. Bastão é símbolo de poder que Moisés usa como dom concedido por Deus para o exercício da missão, mas que o faraó usa como força e astúcia para submeter os demais e fazer valer suas vontades. O bastão-poder não é um instrumento de auto-apoio, mas de serviço aos outros, em favor de todos. Moisés faz uso do bastão diante do “homem de coração duro”, para convencê-

6. Ver: NOTH, M. *Esodo*. Brescia. Paideia, 1977. p. 141.

lo a deixar os hebreus partir, e diante do misterioso mar, para que se abra e deixe-os passar.

O bastão levantado traz o vento oriental, que separa as águas, seca o chão e abre caminho conforme o texto de Êxodo (Ex 14,21). Se o bastão é símbolo do poder, o vento é do espírito. Aí está a relação entre o poder e o espírito de Deus no exercício de liderar o povo. O momento revela a necessidade de sintonia. A liderança é exercida com o poder do espírito para encontrar alternativas e abrir caminhos.

Entre voltar ao faraó e lançar-se ao mar escolhe-se a segunda alternativa, pois ela, e somente ela, significa coerência com a proposta original de Deus. Ser assistido e acompanhado por Deus, fazer a vontade dele, não isenta de problemas, mas encoraja a enfrentá-los, desafiá-los e superá-los. Isso, porém, custa uma ousadia sobre-humana e ultra-racional, exige que se assumam atitudes diferentes do comum e traz embutido o custo de um sinal de contradição. O caminho se torna fácil depois que muitos pés já o pisaram. A vida nos ensina que tudo o que se encontra feito alguém passou na frente fazendo.

Como a Vida Religiosa Consagrada usa o bastão que recebeu de Deus? Em que lugares, em que situações, em favor de quem? Que caminhos novos a VRC oferece à sociedade de hoje?

## ***A vantagem da hora***

Os hebreus entram no mar e, a partir daí, nasce uma nova história, ou melhor, sua história fica marcada para sempre. Todos entram no mar e se põem a atravessá-lo, hebreus e egípcios. A abertura do mar não é exclusiva para os hebreus, mas eles se põem à frente, abrem o caminho, são os primeiros, eles têm a bênção e a graça do desbravamento, por isso também saem em tempo. Os outros vão atrás, perseguem os passos deles, copiando e aproveitando do que já foi feito, parasitando o criado. Os que vão atrás estão em outro tempo, defasados da hora, perdem o tempo das águas e são por elas engolidos, perdem-se nelas.



Quem vive junto às águas sabe o que significa o tempo delas e a influência que isso tem na vida cotidiana. O mar é um espaço em constante movimento, em constante transformação.

Qual é o mar que a Vida Religiosa Consagrada precisa atravessar? Que é que ela precisa fazer para estar pronta para isso? Será que não estamos querendo a Terra Prometida na praia de entrada em vez de na praia de saída? Os egípcios foram engolidos pelas águas porque iam atrás. E nós, em que posição estamos nessa passagem?

### ***Do mar com Moisés para o mar com Jesus***

Para quem acha maravilhoso e distante o episódio da passagem do mar, sugiro ler Mc 6,45-52, onde se pode estabelecer uma relação mais atualizada.

No Êxodo, o povo passa o mar e recebe o maná (Ex 16,1-36). Em Marcos o povo recebe os pães e depois passa o mar. Lá, Moisés abre o mar e o povo passa a pé enxuto (Ex 14,21-22). Aqui, Jesus “obriga” os discípulos a tomar um barco e precedê-lo na outra margem do mar. Isso pode significar que o verdadeiro líder nem sempre vai à frente, ele precisa fazer de seus liderados líderes também.

Lá, segundo o texto, atravessaram a pé enxuto, orientados e protegidos pela nuvem e pela coluna de fogo (Ex 14,19.24). Aqui, embora na barca, molham os pés, atravessam na escuridão da noite, na violência do vento e na turbulência das águas, enquanto Jesus caminha soberanamente sobre elas. A barca é o novo instrumento de travessia. Ela tem sido muito usada pelos primeiros cristãos como símbolo da Igreja-comunidade. Parece que o poder do bastão divisor de águas é substituído pela simplicidade da barca que resiste até a ventos contrários. Jesus também prevalece sobre as águas. A nuvem e a coluna de fogo, agora, podem ser a pessoa de Jesus, que não mais vai à frente, mas vem atrás. O mar não precisa mais ser dividido, os hebreus de hoje têm a barca. Muitos, porém, querem saltar o mar em vez de atravessá-lo.

Lá, era o coração do faraó que estava sempre endurecido (Ex 7,3.13.22; 8,11.15; 9,7.12.34-35; 10,1.20.27; 11,10). Aqui, é o coração dos discípulos que, endurecido, impede de entender os sinais (Mc 6,52). O faraó não vê Deus na ação de Moisés, nem os discípulos intuem tal presença na ação de Jesus. O coração endurecido impede de perceber as necessidades dos outros, de entender e acolher o outro em sua alteridade.

Lá, a proposta de Deus não havia sido assumida pelo povo. Aqui, a proposta de Jesus não é assumida pelos discípulos. A Terra da Promessa e a pessoa nova são, ao mesmo tempo, dom de Deus e construção pessoal e comunitária na obediência a ele.

Lá, entram no mar porque é a única alternativa que não significa retrocesso. Aqui, entram porque é necessário continuar o caminho. Para muitos, significa suicídio. Ironicamente, é isso mesmo, eles precisam assumir a morte para nascer novamente. É necessário matar o preconceito para que nasça o conceito fiel ao original.

Mas a passagem do mar é sinal, e sinal não alimenta. É necessário tomar, acolher o rumo que o sinal aponta. Moisés levanta o cajado, toca o mar, indica o rumo e o povo vai. Os discípulos, mesmo depois de atravessarem o mar, não entendem o sinal dos pães.

Que é que dificulta ou impede esta geração de avançar? O medo do mar, a incerteza do que vem depois, a saudade do passado, a falta de liderança, a falta de espírito...

## ***Concluindo sem concluir***

Quero deixar claro que todos esses questionamentos não significam pessimismo ou desconfiança em relação à Vida Religiosa Consagrada. Estão aí para provocar a caminhada, pois a acomodação é estagnadora do bom e inimiga do ótimo. Existe uma inquietude saudável e uma calma prejudicial. Embora prezemos e apreciemos o que temos e o que somos, como peregrinos(as) e forasteiros(as) sabemos que temos ainda mais por alcançar do que já temos alcançado.

# Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações

107

ARTIGOS  
DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

INÁCIO NEUTZLING, SJ\*

“Nossa época de mudanças tornou-se  
uma mudança de época”  
(*Edgar Morin*<sup>1</sup>)

Vivemos num mundo que vive uma grande transformação, uma grande mutação. Podemos descrevê-la como uma grande transformação e/ou uma mutação ontológica. Ela não se reduz à simples mudança política, econômica ou meramente psicológica. Ela não se confunde com o crescimento do terrorismo internacional, nem com o aquecimento global, a fragilidade ecológica, o aumento da violência. Esses são fatos que manifestam algo mais essencial e fundamental. Todos e todas nós intuímos e pressentimos a radicalidade das mudanças antropológicas das nossas sociedades. Um mundo comum, com suas representações coletivas, suas “narrativas fundacionais”, sua ordem simbólica, suas regulações e suas crenças, está sendo devorado e deglutido. A nova época na qual parece que estamos entrando permanece em grande parte ainda indecifrável. Ela ainda é, para nós, um grande enigma.

A grande transformação do mundo que vivemos é algo semelhante a uma das maiores rupturas históricas como a da queda do Império Romano, do surgimento da Renascença, da Ilustração ou da Revolução Industrial, que suscitaram o nascimento de um mundo novo, totalmente diferente do anterior. Mas nós ainda não conseguimos apreender todas as dimensões e os impactos do turbilhão planetário que sacode e abalroa todas as nossas representações da modernidade.

\* **Padre Inácio Neutzling** é jesuíta, diretor do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.  
**Endereço do autor:** ineutzling@uol.com.br.

1. *Le Monde*,  
24.4.2007.

Trata-se, assim, de uma grande transformação, conceito usado por Karl Polanyi no seu clássico *The great transformation: the political and economic origins of our time*,<sup>2</sup> para descrever a revolução das relações sociais que presidiram o advento da época moderna da propriedade e do mercado capitalista. Uma nova revolução das relações sociais parece presidir o advento de uma outra época. Vivemos um período de uma grande transformação tanto socioeconômica, com o constante progresso da cultura material, quanto ético-cultural, que se expressa na cultura simbólica, especialmente na esfera dos valores.

Ela também pode ser descrita, usando a linguagem oriunda da biologia, especificamente da genética, como uma mutação. Assumindo na sua radicalidade e especificidade o termo mutação, podemos afirmar que

uma revolução profunda e silenciosa nas camadas elementares do psiquismo e nos fundamentos das estruturas mentais do indivíduo está em curso. Ela vem transformando num nível de radicalidade até hoje aparentemente desconhecido na história humana as intenções, atitudes e padrões de conduta que tornaram possível, historicamente, nosso “ser-em-comum” e, portanto, as razões que asseguram a viabilidade das sociedades humanas e o próprio predicado da socialidade tal como tem sido vivida nesses pelo menos cinco milênios de história. Ela lança o ser humano na direção de horizontes até agora desconhecidos de pensar, agir e produzir.<sup>3</sup>

Em vez de grande transformação ou mutação, no entanto, optamos pelo conceito de bifurcação que vem das ciências matemáticas e que foi popularizado pelo prêmio Nobel de química Ilya Prigogine.

Prigogine,<sup>4</sup> apoiando-se nas ciências da complexidade, nega o determinismo insistindo na criatividade em todos os níveis da natureza. Ou seja, o futuro não é dado. Segundo ele, “as “bifurcações” estudadas na física do não-equilíbrio aparecem em pontos especiais nos quais a trajetória seguida por um sistema se subdivide em “ramos”. Todos os ramos são possíveis, mas só um deles será seguido. No geral,

2. POLANYI, Karl. *A grande transformação. As origens da nossa época*. 2. ed. Rio de Janeiro, Campus, 2000.

3. VAZ, Henrique C. de Lima. *Raízes da modernidade. Escritos de filosofia*. São Paulo, Loyola, 2002. v. VII, p. 269.

4. Cf. PRIGOGINE, Ilya. Carta às futuras gerações. *Folha de S. Paulo*, 30.1.2000. A carta pode ser lida também na revista IHU On-Line, n. 61, 2.6.2003, disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161288019.69word.doc>>.

constata Prigogine, não se vê apenas uma bifurcação. Elas tendem a surgir em sucessão. Isso significa que até mesmo nas ciências fundamentais há um elemento temporal, “narrativo”, e isso constitui o “fim da certeza”, que é o título de um dos seus livros.

Flutuações do nível microscópico decidem que ramo emergirá em cada ponto de bifurcação e, portanto, que evento acontecerá. O apelo às ciências da complexidade não significa que estejamos sugerindo que as ciências humanas sejam “reduzidas” à física. Nossa empreitada não é de redução, mas de reconciliação. Conceitos introduzidos das ciências da complexidade podem servir como metáforas muito mais úteis do que o tradicional apelo a metáforas newtonianas. As ciências da complexidade, assim, conduzem a uma metáfora que pode ser aplicada à sociedade: um evento é a aparição de uma nova estrutura social depois de uma bifurcação. Flutuações são o resultado de ações individuais.

Ilya Prigogine cita como exemplo de uma sucessão de bifurcações a transição da era paleolítica para a neolítica, que aconteceu praticamente no mesmo período em todo o mundo (esse fato é ainda mais surpreendente dada a longa duração da era paleolítica). Segundo ele, a transição parecer ter sido uma bifurcação ligada a uma exploração mais sistemática dos recursos minerais e vegetais. “Muitos ramos emergiram dessa bifurcação: o período neolítico chinês, com sua visão cósmica, por exemplo; o neolítico egípcio, com sua confiança nos deuses; ou o ansioso período neolítico do mundo pré-colombiano”.

Assim, a bifurcação designa uma mudança de estado, um salto qualitativo.

É o que nós estamos vivendo. Ou seja, a transição de época que nós testemunhamos pode ser comparada, como o faz Ilya Prigogine e também Michel Serres, à revolução neolítica que se deu há 12 mil anos. Tudo se passa como se as mudanças, agora, sejam mais rápidas que o pensamento, constata Jean-Claude Guillebaud.<sup>5</sup>

5. GUILLEBAUD, Jean-Claude. La grande inquiétude. *Études*, p. 12. jan./2006,

Nossa inteligência do mundo não está em pane, mas em retardo, o que não é a mesma coisa. As principais disciplinas do saber, da sociologia à filosofia, não têm tido tempo, se assim podemos falar, de forjar os conceitos que nos permitam teorizar essas mudanças. Pela força das circunstâncias, vivemos num mundo *impensado*, o que não quer dizer *impensável*.

Lembra Ilya Prigogine que “as bifurcações são a um só tempo um sinal de instabilidade e um sinal de vitalidade em uma dada sociedade”. Os sinais de instabilidade e de perplexidade parecem ser mais fortes no atual momento, já que nem os políticos, nem os filósofos, nem os intelectuais, nem os líderes sociais e religiosos estão à altura para identificar claramente tais mudanças. Mais: nem têm a capacidade de as circunscrever nas suas conseqüências e de as orientar. Um sentimento de perplexidade e espanto nos assola ao vermos a intensidade e o portento das mudanças e, ao mesmo tempo, nos invade um sentimento de impotência e de debilidade.

Força e fragilidade é o que Hans Jonas<sup>6</sup> identificou na modernidade técnico-científica. Muitas vezes nos sentimos como se fôssemos um brinquedo, puramente instrumental, de um “processo sem sujeito”, como o constatou Jacques Ellul:<sup>7</sup> “O ser humano que age e pensa hoje não se situa como um sujeito independente em relação a uma técnica objeto, mas ele está no sistema técnico, ele mesmo é modificado pelo fator técnico. O ser humano que hoje se serve da técnica é o mesmo que a serve”.

Dessa maneira, somos confrontados com o que Marx chamava de “um processo sem sujeito”. Ou seja, nem a economia, nem as tecnologias, nem a comunicação midiática parecem ser mais governadas pela vontade humana. Esses dispositivos, esses “processos” obedecem, primeira e fundamentalmente, às causalidades estruturais e aos progressos sem intencionalidade.

Para efeito de análise, buscamos descrever neste artigo, muito sumariamente, a grande transformação socioeconômica, com o constante progresso da cultura material. Esta, por sua vez, também implica a grande transformação ético-

6. JONAS, Hans.  
*O princípio responsabilidade*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2007.

7. ELLUL, Jacques.  
*Le système technique*. Paris, Le cherche midi. 2004. p. 333.

cultural que se expressa na cultura simbólica, especialmente na esfera dos valores. Ou seja, “essas mutações não transformam somente as estruturas da produção e do poder, mas também os sentimentos das pessoas, as formas de linguagem e as expressões do desejo”.<sup>8</sup> Neste artigo buscamos descrever alguns traços da grande transformação socioeconômica hoje.

A descrição, é preciso ressaltar, é muito aproximativa, modesta e necessitada de muitas revisões. Pois, reiterando o já afirmado, nenhuma ciência tem, hoje, os meios para fazer uma análise peremptória da realidade que vivemos. Nenhuma disciplina do saber pode querer-se portadora de uma “explicação” possível de ser generalizada. O que propomos é uma possibilidade de análise, insuficiente, mas que pode ajudar a iluminar melhor a transição de época que vivemos.

Três grandes “bifurcações” caracterizam a grande transformação socioeconômica: a econômica, a numérica e a biológica.

Cada uma delas interage sobre as outras duas, ou seja, elas formam um círculo recursivo.<sup>9</sup>

## A bifurcação numérica

A grande mutação que vivemos é tecnológica. A atual revolução científico-tecnológica corresponde, guardadas as devidas e necessárias diferenças, à revolução industrial. Assim como na revolução industrial a invenção da fábrica passa a presidir a modernidade industrial, o ciclo de modernidade que a revolução científico-tecnológica preside instaura a sociedade humana organizada como sociedade do conhecimento e da informação. Ou seja, vivemos a transição de uma modernidade para uma outra modernidade. Se a primeira foi universalizada pela Revolução Científica do século XVII e pela Revolução Industrial desencadeada em 1750, a segunda universaliza o conhecimento e a informação, afetando profundamente todas as dimensões da existência humana. Assim, os anglo-saxões falam de uma *knowledge economy* e de uma *knowledge society*; os alemães, de

8. NEGRI, Antonio. *Du retour. Abécédaire biopolitique*. Paris, Calmann-Levy. 2002. p. 64.

9. Trata-se, segundo Edgar Morin, de um circuito em que os efeitos retroagem sobre as causas, sendo os próprios produtos produtores do que os produz. MORIN, Edgar. *O método. A humanidade da humanidade. A identidade humana*. Porto Alegre, Sulina, 2002.

uma *Wissengesellschaft*; e os autores franceses, de um *capitalisme cognitive* e de uma *société de la connaissance*.

O triunfo do numérico, da Internet, do ciberespaço, faz emergir um “sexto continente”,<sup>10</sup> cuja particularidade é a sua des-territorialização. Ou seja, ele não está em nenhuma parte e ao mesmo tempo está em toda parte. Ele não se deixa apreender, portanto é incontrolável. Até agora ninguém tem sido capaz de conceitualizar essa transmutação do espaço e do tempo ou essa emergência de uma terra inteiramente interconectada.<sup>11</sup>

## A era do acesso

A bifurcação do numérico implica a transformação radical do conceito e do papel da propriedade, que, cada vez mais, é substituída pela noção de acesso.<sup>12</sup> Isso não quer dizer que a era do acesso signifique o desaparecimento puro e simples da propriedade. Pelo contrário, ela é cada vez menos um objeto de troca no mercado. Os diversos procedimentos, como locação, *leasing*, concessão, direitos de admissão, de adesão ou assinatura definem o seu uso provisório. As empresas passam a controlar e regular o acesso, ou seja, o “capital intelectual” é o verdadeiro motor desta nova era. O “conhecimento” (*knowledge*) é cada vez mais a “força produtiva principal”. Marx já falava que se tornaria “die grösste Produktivkraft” e a principal fonte de riqueza.

Dessa maneira, vivemos a passagem da produção industrial para a produção cultural. Os setores de ponta mercantilizam uma gama de experiências culturais e não tanto produtos e serviços tradicionais fornecidos pela indústria. Trata-se de uma “economia da experiência”, isto é, a vida de cada indivíduo tem um valor mercantil. É o fenômeno que designa o novo conceito operacional, caro aos estrategistas do *marketing*, *lifetime value* (LTV), a saber: a medida teórica do valor mercantil potencial de cada momento da vida de um indivíduo.

A trajetória do capitalismo começou com a comercialização do espaço e da matéria. Ele está no caminho de transformar em mercadoria a duração e o tempo humano.

10. A expressão é de Jean-Claude Guillebaud no artigo citado, p. 18.

11. GUILLEBAUD, Jean-Claude. Art. cit. p. 18.

12. Cf. RIFKIN, Jeremy. *The age of access. The new culture of hypercapitalism where all of life is a paid experience*. New York, Jeremy P. Tacher/GP Putnam's Sons, 2000. [Ed. bras.: *A era do acesso*. São Paulo, Presença, 2001.]



Especificamente, isso significa que a dimensão imaterial dos produtos é cada vez mais importante que sua realidade material. Seu valor simbólico, estético ou social é cada vez mais decisivo do que seu valor de uso prático. Cada vez mais a materialização torna-se secundária do ponto de vista econômico. As empresas de produção material são relegadas à escala de vassalas das firmas cuja produção e o capital são essencialmente imateriais.

Isso explica o rápido crescimento das empresas que preferem alugar o capital fixo material (construções, instalações, máquinas, materiais de transporte) a serem proprietárias. “Use it, don’t own it” é a divisa.

A produção, a venda e a locação de imagens e de nomes patenteados de mercadorias torna-se cada vez mais uma indústria potente e próspera. O *franchising* é um exemplo.

Enfim, a assim denominada “sociedade do conhecimento” é cada vez mais a era do acesso. Ou seja, a sociedade se divide cada vez mais entre os que têm acesso, isto é, estão conectados, e os que não têm acesso, ou seja, os que estão infimamente conectados ou desconectados. Ser conectado significa poder ser acessado, isto é, “encantado”. Daí a importância de as mercadorias serem cada vez mais envoltas pela “imaterialidade”, pela experiência que elas propiciam. É o que expressa o subtítulo do livro de Jeremy Rifkin: *The age of access: the new culture of hypercapitalism where all of life is a paid experience*.

## A inovação constante

A sociedade da informação se caracteriza pelo ciclo de inovação e obsolescência das tecnologias e dos produtos. É ele que dita as normas e os termos da nova economia em rede. Este ritmo frenético impõe suas exigências a todos. Isso é um efeito da lei de Moore. Gordon Moore, engenheiro elétrico e fundador da Intel, em 1965, foi o primeiro a predizer que a capacidade de armazenar informação dos *chips* de computador dobraria a cada 24 meses enquanto seu custo de produção permaneceria estável ou

13. Cf. <[http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=1623](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=1623)>. Raymond Kurzweil é autor, entre outros livros, de *The age of spiritual machines: when computers exceed human intelligence*, de 1999.

14. Para uma análise dos seus impactos sobre o ser humano, cf.: SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

15. GORZ, André. *L'immatériel. Connaissance, valeur et capital*. Paris, Galilée, 2003. p. 63.

16. Sobre este ponto, cf.: NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Empire*. Paris, Exils, 2000. pp. 354-356. [Ed. bras.: *Império*. Rio de Janeiro, Record, 2002.] LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. *Trabalho*

Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações

decreceria. A lei de Moore foi estendida depois para outros elementos, como a memória dos computadores e as *performances* das telecomunicações em geral. Essa "lei de Moore" não apenas se cumpriu desde então como vem sendo superada pela efetiva miniaturização dos processadores, que dobram sua capacidade entre 12 e 18 meses. Cabe lembrar que as nanotecnologias serão capazes, num espaço de tempo não muito distante, de multiplicar essa capacidade em muitas dezenas de milhares de vezes.

Segundo Raymond Kurzweil, precisamos de 1016 cálculos por segundo para equiparar a capacidade de processamento do cérebro. Supercomputadores atuais realizam 1014 cálculos por segundo. Projetos de supercomputadores japoneses prometem 1016 no final desta década. Até 2020, máquinas como essas serão vendidas por cerca de US\$ 1 mil.<sup>13</sup>

Quanto mais um produto está saturado de informação, mais fácil e necessária é a sua capacidade de ser melhorado. A inovação constante é constitutiva da sociedade da informação.<sup>14</sup> Mais: ela é exigida para que o monopólio simbólico seja mantido, pois ele só é capaz de reproduzir-se pela inovação constante que assegura a exclusividade e a raridade do que oferece aos clientes, que devem ser continuamente encantados.<sup>15</sup>

## A imaterialidade

A imaterialidade é um dos traços mais fascinantes da atual grande transformação da cultura material.<sup>16</sup> Numa economia de serviços, é o tempo humano, como afirmamos quando descrevemos a era do acesso, que é transformado em mercadoria, não o espaço ou as coisas. Os serviços implicam sempre uma relação entre seres humanos antes que uma relação entre um ser humano e uma coisa. O acesso ao outro, como ser social, é mediado por relações monetárias. O suporte material torna-se cada vez mais secundário em relação ao serviço que ele veicula.<sup>17</sup>

A substância material dos produtos exige menos trabalho, seu custo é frágil e seu preço tende, pois, a baixar.

Para conter essa tendência à baixa, as empresas transformam os produtos materiais em vetores de conteúdos imateriais, simbólicos, afetivos, estéticos. Não é mais a sua utilidade prática que conta, mas a “desejabilidade” subjetiva que deve dar-lhes a identidade, o prestígio, a personalidade que conferem a seu proprietário, ou a qualidade dos conhecimentos dos quais se julga serem o resultado.

Ao tratar

o conhecimento como um capital e um meio de produção, toda atividade humana — todas as capacidades cognitivas, estéticas, relacionais, corporais etc. — é reduzida a atividades instrumentais de produção, isto é, ao produtivismo capitalista e à sua total indiferença para com os conteúdos. O paradigma da produção pela produção, da acumulação pela acumulação, é simplesmente estendido do domínio das mercadorias e dos capitais para o da inovação e dos conhecimentos-produtivos-de-conhecimentos produtivos considerados como fins em si, sem outro sentido de orientação que não seja a mera acumulação. Nesse sentido, o capitalismo cognitivo prolonga o capitalismo ao mesmo tempo que perverte a especificidade das relações sociais do conhecimento.<sup>18</sup>

A ausência de um padrão de medida comum para o conhecimento, o trabalho imaterial e o capital, a queda do valor dos produtos materiais e o aumento artificial do valor de troca do imaterial desqualificam os instrumentos e as medidas macroeconômicas. A criação de riqueza não se deixa mais mensurar em termos monetários. Os fundamentos da economia política desmoronam. “É nesse sentido que a economia do conhecimento é a crise do capitalismo”, afirma André Gorz.<sup>19</sup>

## A crise da sociedade salarial...<sup>20</sup>

A grande transformação da cultura material implica a crise da sociedade salarial que emerge com a sociedade industrial. A sociedade é capaz de produzir mais riquezas, bens e serviços sem a necessidade de empregar todas as pessoas aptas ao trabalho-emprego, ou seja, a grande utopia da sociedade industrial do “pleno emprego” se esgotou.

*imaterial. Formas de vida e produção da subjetividade.*

Rio de Janeiro, DP&A, 2001. NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Multitude. Guerre et démocratie à l'âge de l'Empire*. Paris, La Découverte, 2004. pp. 129-143. GORZ, André. *L'immatériel. Connaissance, valeur et capital*. Paris, Galilée, 2003. [Ed. bras.: *O imaterial. Conhecimento, valor e capital*. São Paulo, Annablume, 2005.]

17. Aqui, seguimos: GORZ, André. *A crise e o êxodo da sociedade salarial*. São Leopoldo, Impresos Portão, 2005. Cadernos IHU Idéias, n. 31, pp. 19-20.

18. GORZ, André. *L'immatériel. Connaissance, valeur et capital*, cit., pp. 77-78.

19. Id. *A crise e o êxodo da sociedade salarial*, cit., p. 20.

20. Cf. NEUTZLING, Inácio. Sociedade

do trabalho e sociedade sustentável. Algumas aproximações. In: OSOWSKI, Cecília & MELO, José Luiz Bica de. *O Ensino Social da Igreja e a globalização*. São Leopoldo, Unisinos, 2002. pp. 37-82.

21. Cf. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto, Afrontamento, 1994.

22. NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Multidão. Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro, Record, 2005. p. 149. [Ed. original: *Multitude. War and democracy in the age of Empire*. Penguin Press, New York, 2004.]

23. Para uma descrição de cada modelo de organização do trabalho, confira: HARWEY, David. *A condição pós-moderna*. 14. ed. São Paulo, Loyola, 1992.

24. NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Empire*. cit., p.355.

Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações

O contrato social, fruto da luta dos trabalhadores organizados em sindicatos, no período da organização fordista-taylorista do trabalho, que “civilizou” o mundo do trabalho na era industrial, foi rompido.<sup>21</sup> Nada foi colocado no seu lugar. Assim, a precariedade do trabalho e a flexibilização das relações de trabalho são uma constante na vida de todos os trabalhadores. O trabalho deixou de ser a fonte da identidade cidadã das pessoas.

### ... e a emergência do trabalho imaterial

Nas últimas décadas do século XX, o trabalho industrial perdeu a sua hegemonia, surgindo em seu lugar o “trabalho imaterial”, ou seja, trabalho que cria produtos imateriais, como o conhecimento, a informação, a comunicação, uma relação ou uma reação emocional. “Expressões convencionais como *trabalho no setor de serviços*, *trabalho intelectual* e *trabalho cognitivo* remetem todas a aspectos do trabalho imaterial, mas nenhuma delas o apreende em sua generalidade.”<sup>22</sup>

Trata-se da passagem do modelo fordista para o modelo pós-fordista ou toyotista da organização do trabalho.<sup>23</sup>

A mudança fundamental dos dois modelos consiste no sistema de comunicação entre a produção e a comunicação das mercadorias, isto é, a passagem entre a produção e a comunicação das mercadorias, isto é, a passagem da informação entre a fábrica e o mercado.

O modelo fordista construía uma relação relativamente “muda” entre a produção e o consumo. A produção massiva das mercadorias estandardizadas, na era fordista, podia contar com uma demanda adequada e não tinha necessidade de “escutar” o mercado. Um circuito de retroação, do consumo à produção, autorizava as mudanças no mercado para estimular as mudanças na engenharia produtiva, mas este circuito de comunicação era limitado (pois os canais eram fixos e compartimentados nas estruturas de planificação e do desenho) e lento (pois as tecnologias e os procedimentos da produção de massa eram rígidos).<sup>24</sup>

Já o toyotismo se instaura a partir de “uma inversão da estrutura fordista de comunicação entre a produção e o

consumo”. Ou seja, segundo esse modelo, “a planificação da produção deve comunicar-se constante e instantaneamente com os mercados. As fábricas não dispõem mais de estoques e os bens são produzidos em função das demandas dos mercados existentes”. A interatividade contínua ou, ao menos, a comunicação extremamente rápida jogam um papel central na produção. Há uma imbricação estreita entre a ação instrumental e a ação comunicativa, aqui entendida como mera transmissão dos dados do mercado.

Emerge aqui, portanto, o trabalho imaterial, que é o trabalho que produz um bem não material, como o serviço, um produto cultural, um conhecimento, a comunicação.

Robert Reich<sup>25</sup> denomina esse tipo de trabalho imaterial “serviços simbólico-analíticos”, tarefas que englobam atividades de “resolução-de-problemas, identificação-dos-problemas e agente estratégico”. O computador é cada vez mais o instrumento universal ou, melhor, o instrumento central pelo qual todas as atividades devem passar.

Um outro aspecto importante do trabalho imaterial é o trabalho afetivo do contato humano e a interação. Mesmo que o trabalho seja corporal e afetivo, ele é imaterial no sentido de suas produções serem intangíveis: sentimentos de prazer, de bem-estar, de satisfação, de excitação ou de paixão etc.

Assim, o trabalho imaterial se caracteriza por lidar com a informação, a comunicação e a criação de relações afetivas. Ou, explicitando de outra forma, a principal característica do trabalho imaterial é “produzir comunicação, relações sociais e cooperação”.<sup>26</sup> O aspecto cooperativo do trabalho imaterial não é imposto ou organizado desde o exterior, como era nas formas anteriores de trabalho, mas “a cooperação é completamente imanente à própria atividade do trabalho imaterial”.<sup>27</sup> O trabalho imaterial implica, imediatamente, interação e cooperação sociais.

Assim como na Revolução Industrial todas as formas de trabalho e a própria sociedade tinham de industrializar-se, hoje o trabalho e a sociedade têm de informatizar-se,

25. REICH, Robert. *The work of nations: preparing ourselves for 21<sup>st</sup>-century capitalism*. New York, Knopf, 1991. p. 177.

26. NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Multidão*, cit., p. 156.

27. Id. *Empire*, cit., p. 359.

tornar-se inteligentes, comunicativos e afetivos. Ainda que o trabalho imaterial se constitua numa minoria do trabalho global, concentrando-se em algumas regiões dominantes do planeta, ele, no entanto, tornou-se hegemônico em termos qualitativos, tendo imposto uma tendência a outras formas de trabalho e à própria sociedade.

A passagem de uma economia industrial para uma economia informacional é uma espetacular descentralização da produção. O processo de modernização e a passagem para o paradigma industrial provocaram a concentração intensa das forças produtivas e as massivas migrações de força de trabalho para os centros urbanos. A eficácia da produção industrial dependia da concentração e da proximidade dos elementos necessários para o funcionamento da fábrica e para facilitar o transporte e a comunicação. A informatização da indústria e a dominação crescente da produção de serviços tornaram inúteis tais concentrações. O progresso nas técnicas de telecomunicação e de informação tornou possível uma *des-territorialização* da produção.

A cadeia de montagem foi substituída pela rede como modelo organizacional da produção, transformando as formas de cooperação e de comunicação no interior de cada local de produção e entre os diferentes locais. A passagem para a produção informacional e a estrutura em rede da organização permitem que a cooperação e a eficácia produtivas não dependam mais da proximidade e da centralização. Ou seja, a rede de cooperação não requer nem concentração territorial nem concentração física. Em oposição ao antigo modelo industrial vertical e integrado, a produção tende, hoje, a organizar-se em rede horizontal de empresas.

A emergência da sociedade industrial, com a invenção da fábrica, instaurou um verdadeiro “moinho satânico” (Karl Polanyi), caracterizando-se como algo extremamente bárbaro. Basta ler, entre outros, os romances *O germinal*, de Émile Zola, ou *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Foi a luta do movimento sindical que civilizou a Revolução Industrial com a instituição de um contrato social que conectou o “trabalho-emprego” com o direito de ter direitos.

O trabalho-emprego é a fonte de cidadania das pessoas na sociedade industrial.

A transição dessa sociedade para a sociedade que emerge com a bifurcação numérica implica a caducidade do antigo contrato social. Assim, mais do que nunca se coloca a necessidade de desconectar do “trabalho” o direito de ter direitos e, especialmente, o direito ao que é produzido e produzível sem trabalho ou com cada vez menos trabalho. Trata-se de reconhecer que nem o direito a um rendimento, tampouco o direito à cidadania plena, nem a realização e a identidade de cada um podem mais ser centrados no emprego e depender de ter um emprego.<sup>28</sup>

Enquanto isso, a reestruturação produtiva, implicada na revolução tecnológica, exigiu a revolução organizacional<sup>29</sup> do mundo do trabalho. Um núcleo central do mundo do trabalho, formado por pessoas altamente qualificadas, bem pagas, capazes de serem móveis e sempre prontas para a inovação, é circundado por uma esfera de pessoas que trabalham na precariedade, terceirizadas, que, por sua vez, estão rodeadas por um imenso contingente de pessoas que querem trabalhar e não conseguem. O que poderia ser um princípio de emancipação, como adverte pertinentemente Hannah Arendt,<sup>30</sup> torna-se um suplício. O tempo livre, o tempo intermitente, aprofunda a alienação e a opressão.

Um novo contrato social, ou, segundo Adela Cortina, uma nova aliança social,<sup>31</sup> deverá desvincular a identidade cidadã da realização do trabalho assalariado. Isso, por sua vez, implica a ruptura da compreensão do trabalho como meramente trabalho assalariado, um emprego. Mais do que nunca se coloca a luta pelo direito de cada um ganhar a vida trabalhando menos e melhor, recebendo por inteiro a sua parte da riqueza socialmente produzida; o direito de trabalhar de modo descontínuo, intermitente, sem perder durante essas pausas a renda plena, de modo que possa abrir novos espaços às atividades sem fim econômico e reconhecer nessas atividades uma dignidade e um valor eminentes, seja para os indivíduos, seja para a sociedade.<sup>32</sup> O desafio é articular políticas que tendem a:

28. Cf. NEUTZLING, Inácio. Sociedade do trabalho e sociedade sustentável. Algumas aproximações. In: OSOWSKI, Cecília & MELO, José Luiz Bica de. *O Ensino Social da Igreja e a globalização*. São Leopoldo, Unisinos. 2002. pp. 45-46.

29. O conceito é de Giovanni Arrighi, *A ilusão do desenvolvimento*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 37-44.

30. Cf. HARENDT, Hannah. *A condição humana*. 5. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991.

31. Cf. CORTINA, Adela. *Alianza y contrato. Política, ética y religión*. Madrid, Trotta, 2001.

32. GORZ, André. *Misères du présent. Richesse du possible*. Paris, Galilée, 1997. p. 57. [Ed. bras.: *Miséria do presente, riqueza do possível*. São Paulo, Annablume, 2004.]

- a) garantir a todos e todas uma renda suficiente;
- b) combinar a redistribuição do trabalho e controle individual e coletivo do tempo;
- c) favorecer o florescimento de novas socialidades, de novos modos de cooperação e de troca, pelos quais a coesão e os laços sociais possam ser criados para além do assalariamento.<sup>33</sup>

## Uma sociedade do controle

Pode-se descrever a passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação como a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do controle.<sup>34</sup>

A sociedade disciplinar<sup>35</sup> é aquela

na qual a matriz social é construída por uma rede ramificada de dispositivos ou aparelhos que produzem e regem costumes, hábitos e práticas produtivas. Fazer com que tal sociedade trabalhe e assegurar obediência a seu poder e aos seus mecanismos de integração e/ou de exclusão se faz por meio de instituições disciplinares — a prisão, a fábrica, o asilo, o hospital, a universidade, a escola etc. —, que estruturam o terreno social e oferecem uma lógica própria à “razão” da disciplina. O poder disciplinar governa, com efeito, estruturando os parâmetros e os limites do pensamento e da prática, sancionando e/ou prescrevendo os comportamentos desviantes e/ou anormais.<sup>36</sup>

A sociedade de controle, por sua vez, é a sociedade na qual os mecanismos de controle se fazem mais “democráticos”, sempre mais imanentes ao campo social, difusos no cérebro e nos corpos dos cidadãos. Os comportamentos de integração e de exclusão social, próprios do poder, são, assim, mais e mais, interiorizados nos próprios sujeitos. O poder se exerce, agora, por meio das máquinas que organizam diretamente os cérebros (pelo sistema de comunicação, de redes de informação etc.) e os corpos (pelos sistemas de vantagens sociais, de atividades bem enquadradas etc.) para um estado de alienação autônoma, partindo do sentido da vida e do desejo de criatividade.

33. Id., *ibid.* pp. 134-174. Cf. também: NEUTZLING, Inácio. *Sociedade do trabalho e sociedade sustentável*. Algumas aproximações, *cit.*

34. Se os conceitos “sociedade disciplinar” e “sociedade do controle” são de Michel Foucault, no entanto não foi ele quem formulou explicitamente a passagem da primeira para a segunda. Gilles Deleuze foi quem explicitou e formulou essa passagem. Cf. NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Empire*, *cit.*, pp. 48ss.

35. Id., *ibid.* pp. 48-52 e 399-402.

36. Id., *ibid.* p. 48.



A sociedade de controle pode, dessa maneira, ser caracterizada por uma intensificação e uma generalização dos aparelhos normalizadores da disciplinaridade que animam do interior nossas práticas comuns e cotidianas. Mas, ao contrário da disciplina, esse controle se estende para além dos lugares estruturados das instituições sociais, por meio de redes suaves, moduláveis e flutuantes.

O exercício da disciplina se torna absolutamente imanente às subjetividades sob o seu comando. A passagem para a sociedade de controle não significa, de forma alguma, o fim da disciplina. Na realidade, o exercício imanente da disciplina, isto é, a autodisciplina dos sujeitos, os murmúrios incessantes da lógica disciplinar dentro das próprias subjetividades, é estendido ainda mais genericamente na sociedade de controle.

O novo paradigma de poder que se instaura na sociedade do conhecimento e na era do acesso é de natureza biopolítica. O biopoder é uma forma de poder que rege e regula a vida social do interior, seguindo-a, interpretando-a, assimilando-a e reformulando-a. O poder só consegue obter uma hegemonia efetiva sobre a vida inteira da população tornando-se uma função integrante e vital que todo indivíduo abraça e reativa por ele mesmo.

Se, na sociedade disciplinar, os efeitos do domínio do biopoder eram ainda parciais no sentido de que as normas tinham uma lógica relativamente fechada, geométrica e quantitativa, na sociedade de controle, segundo Foucault, “a vida mesma se torna, agora, um objeto de poder”. A mais alta função desse poder é investir a vida toda, e a primeira tarefa é a de administrá-la. O biopoder se refere, assim, a uma situação na qual o que está diretamente em jogo é a produção, e a reprodução da própria vida, suas experiências, seus afetos, sua espiritualidade, sua imaginação etc.

## ***A emergência da multidão***

A revolução da cultura material que configura a sociedade contemporânea nos seus traços, que descrevemos como

imaterialidade e crise da sociedade salarial, saindo da sociedade disciplinar para a sociedade do controle, onde o que está em jogo é a vida mesma, em todas as suas dimensões, faz emergir a multidão.

Antonio Negri descreve a multidão em três sentidos:<sup>37</sup>

1. *Filosófico e positivo*: a multiplicidade é definida como a multiplicidade de sujeitos. A multidão é uma multiplicidade irreduzível, uma quantidade infinita de pontos, um conjunto diferenciado, absolutamente diferenciado. Será que é possível reduzir o conjunto dos cidadãos à unidade? Isso é absurdo. A multidão das singularidades não pode ser reduzida à idéia de povo. O povo representa, no período moderno, uma redução hipostática da multidão. A soberania reconheceu, no povo, a sua base e transferiu para o povo a sua imagem. Mas o que se passou com o povo soberano? Sua composição foi anulada pela corrupção da representação. Não nos resta mais nada senão a multidão.
2. *A multidão é um conceito de classe*: a classe das singularidades produtivas, a classe dos operadores do trabalho imaterial. Uma classe que é o conjunto da força criativa do trabalho, que se constitui, sobretudo, num poder produtivo extremamente forte. A multidão se propõe como sujeito da luta de classes: para poder sê-lo, ela deve ser a classe mais produtiva que jamais foi inventada.
3. *A multidão é uma potência ontológica*: isso significa que a multidão encarna um dispositivo que busca representar o desejo de transformar o mundo. Expressando melhor: ela quer recriar o mundo à sua imagem e semelhança, isto é, constituindo um grande horizonte de subjetividades que se expressam livremente e que constituem uma comunidade de seres humanos livres.

37. Aqui, seguimos: NEGRI, Antonio. *Du retour. Abécédaire biopolitique*. Paris, Calmann Lévy. 2002. pp. 149-151. Cf. também: NEGRI, Antonio & HARTD, Michael. *Empire*, cit., e *Multitude*, cit. VIRNO, Paolo. *Grammatica della moltitudine. Per una analisi delle forme di vita contemporanee*. Roma, DeriveAprodi, 2002.

## A bifurcação econômica

Esta bifurcação é denominada globalização pelos anglosaxões e mundialização pelos franceses.

Ela consiste, basicamente, no rompimento acelerado de todas as fronteiras, uma libertação “planetária” das forças do mercado, um recuo — ou um quase-desaparecimento — dos Estados-nação como reguladores e árbitros do desenvolvimento econômico. Essa globalização fez com que o mercado saltasse fora de todo e qualquer controle político, social, que o civilizara pela instauração de um contrato social que garantia direitos sociais mínimos. Enfim, com ela o capitalismo colonizou todas as dimensões da vida e da sociedade. É o “capitalismo total”<sup>38</sup> ou o capitalismo extremo,<sup>39</sup> no qual nenhum modo de regulação social ou política da economia é possível e desejável, já que a economia se situa num nível mundial e não existe autoridade capaz de impor limitações à atividade econômica neste nível.

Se o econômico cada vez se torna autônomo em relação ao conjunto da vida e da sociedade humanas, no econômico é o setor financeiro que coloniza todas as suas dimensões. É a financeirização do mundo.<sup>40</sup>

Ou seja, o setor financeiro, na economia global, é o que mais sabe aproveitar as novas tecnologias da informação e da comunicação, de tal forma que o dinheiro se torna uma das principais armas da estratégia imperial, juntamente com as armas e os meios de comunicação.<sup>41</sup> À medida que o dinheiro perde o seu vínculo com a base material, com a produção, ele se torna imaterial: cada vez mais invisível, cada vez mais onipresente e onipotente. Só um exemplo: por dia, no mundo, segundo cálculos conservadores, circula mais de um trilhão e quinhentos bilhões de dólares nos mercados financeiros. Os bens exportados e importados no mundo, num ano, correspondem a, aproximadamente, sete trilhões de dólares. Isso quer dizer que, numa semana, circula, nos mercados financeiros, mais dinheiro que o correspondente a um ano de importações e exportações no mundo.<sup>42</sup>

Assim, podemos descrever a globalização sendo movida por duas hélices:<sup>43</sup>

- a) A primeira é hegemonizada pelo poder-dominação<sup>44</sup> e é movida por quatro motores: a *ciência*, colocada a serviço da *técnica*, que, por sua vez, está totalmente subordina-

38. PEYRELEVADE, Jean. *Le capitalisme total*. Paris, Seuil. 2005. Citado por: GUILLEBAUD, Jean-Claude. *La grande inquiétude. Études*, n. 4041, jan./2006, p. 16.

39. A expressão e descrição é de Alain Touraine, *Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde d'aujourd'hui*, Paris, Fayard, 2005, p. 39. [Ed. bras.: *Um novo paradigma. Para compreender o mundo hoje*. Petrópolis, Vozes, 2006.]

40. O conceito é usado, entre outros, por: CHESNAIS, François *A mundialização financeira*. São Paulo, Xama, 2001.

41. Cf. NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Empire*, cit., pp. 417-420.

42. Cf. ARRIGHI, Giovanni. *A ilusão do desenvolvimento*, cit.

43. A imagem é de Edgar Morin, *O método*, Porto Alegre, Sulina, 2002. v. V: A humanidade da humanidade. A identidade humana, pp. 225-243.

44. Para a descrição do poder-dominância como paradigma da modernidade, cf.: MILBANK, John. *Teologia e teoria social. Para além da razão secular*. São Paulo, Loyola, 1995. Cf. também: NEUTZLING, Inácio. Por uma sociedade e um planeta sustentáveis. A possível contribuição do humanismo social cristão na construção de um novo paradigma civilizacional. In: OSOWSKI, Cecília. *Teologia e humanismo social cristão. Traçando rotas*. São Leopoldo, Unisinos. 2000. pp.181-219.

45. Cf. BEAUD, Michel. *Le basculement du monde. De la terre, des hommes e du capitalisme*. Paris, Découverte, 1998. pp. 188-189.

da à *indústria*, que, por sua vez, é submetida à *lógica* do lucro. Conforme Edgar Morin, a nave espacial Terra é impulsionada por esses quatro motores conectados uns nos outros.

- b) A segunda se caracteriza pela luta pelos direitos da pessoa humana, do direito dos povos à soberania, às idéias de liberdade, igualdade, fraternidade, ao valor universal da democracia.

A hegemonia da primeira hélice faz com que a nave espacial Terra cada vez mais se defronte com três desafios<sup>45</sup> que são verdadeiros *icebergs*:

- 1) O conflito entre a reprodução da humanidade e a da Terra. A Terra suporta cada vez menos o nosso crescimento, enquanto as nossas sociedades têm cada vez mais necessidade dela.
- 2) O conflito entre a reprodução do capitalismo e a da humanidade. O capitalismo cada vez mais se autonomiza da sociedade na qual ele está inserido e sua reprodução está cada vez menos relacionada à reprodução desta.
- 3) O conflito entre a reprodução do capitalismo (e da parte da humanidade ligada a suas atividades e a seus produtos) e a reprodução da Terra, ou seja, nós, a Terra e as pessoas humanas, estamos à mercê de uma economia que se impõe como a fatalidade do nosso tempo. Suas prioridades são diferentes daquelas que apontam a ética e as finalidades do humanismo.

Reforçar a segunda hélice é contribuir para que a humanidade possa parir a humanidade.

Se, por um lado, a revolução técnico-científica propiciou um imenso e incessante processo de produção material, fazendo com que sejamos a primeira civilização humana que venceu a escassez, toda a história da humanidade sempre se caracterizou pela escassez, mais pelo medo dela. Todas as religiões da humanidade surgiram e se desenvolveram em sociedades que viviam sob o signo da escassez. Basta ler, por exemplo, os salmos das Escrituras judaicas. A segunda parte do pai-nosso, igualmente, se insere nesse quadro.

No entanto, a transformação qualitativa da relação com a natureza, induzida pelos avanços da ciência e da tecnologia, particularmente no campo das ciências do ser vivo e das neurociências, criando uma nova relação com a natureza, desestabilizando as referências partilhadas sobre a definição das fronteiras entre a vida e a não-vida, entre o animado e o inerte, entre o humano e o não-humano, suscitando a tomada de consciência de que a natureza não é mais esta ordem na qual se ancoram, em última instância, todas as representações do absoluto, implicou a vitória da abundância sobre a escassez.<sup>46</sup>

Portanto, se hoje temos pobres, famintos, países em que as pessoas morrem de fome, não é porque falta alimento, ou por questões climáticas. A revolução tecnológica, especialmente a biotecnologia, é capaz de superar, definitivamente, o medo da escassez. O medo de faltar o alimento sai do horizonte de sentido da humanidade. A revolução da abundância introduz um operador simbólico maior que provoca uma transformação radical na relação coletiva e individual com o mundo.<sup>47</sup>

Apesar desse sucesso retumbante, a revolução da cultura material engendra uma crescente desigualdade. A desigualdade social e econômica é constitutiva desse processo. O pobre é aquele que é reduzido unicamente ao seu corpo, que ele utiliza para resistir e lutar para fazer parte dos que têm, fazer parte integrante da era do acesso. O pobre não tem recursos; é excluído, reprimido, explorado e, no entanto, vivo.<sup>48</sup> É o denominador comum da vida, o fundamento da multidão. Ele é a figura de um sujeito transversal, onipresente, diferente e móvel. Ele é o testemunho vivo do caráter irrepreensivelmente aleatório da existência.

No reino da produção mundial, o pobre não se distingue unicamente por sua capacidade profética, mas também por sua indispensável presença na produção de uma riqueza comum, sempre mais explorada e sempre mais estreitamente indexada aos salários do poder. O pobre é ele mesmo o poder. Há uma “pobreza” mundial, mas há, além disso, uma “possibilidade” mundial, e somente o pobre é capaz dela. Após tantas tentativas de transformar os pobres em proletá-

46. Cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris, Bayard, 2003. p. 80.

47. Sobre as implicações para as religiões da primazia da abundância sobre a escassez, especialmente para o catolicismo, cf. HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme...*, cit., pp. 159-160.

48. Aqui, seguimos: NEGRI, Antonio & HARDT, Michael. *Empire*, cit., pp. 201-204.

rios, e os proletários num exército de libertação, na sociedade contemporânea emerge a multidão, o nome comum dos pobres.

Para que a humanidade contemporânea seja capaz de parir a humanidade, a segunda hélice necessita de todas as qualidades da inteligência e da consciência engendradas pela mente humana para evitar que a nave espacial Terra se torne um Titanic.

Três lutas, aqui, são fundamentais.

### A luta pelo direito à cidadania mundial

As migrações são a manifestação de que, pela circulação, a multidão se apropria do espaço e se constitui em um sujeito ativo. Ela vai ganhando o poder de afirmar-se na sua autonomia, que se expressa por meio de um dispositivo de reapropriação territorial difuso e transversal.

### A luta pelo direito a um salário social

As novas temporalidades da produção biopolítica não podem mais ser concebidas no quadro das concepções tradicionais do tempo. A necessidade da cooperação, da existência coletiva e das redes de comunicação formadas e reformadas no quadro da multidão faz com que o tempo seja reapropriado no plano da imanência: ele não é dado *a priori*, mas leva a marca da ação coletiva. Como o trabalho sai, cada vez mais, dos muros da fábrica, torna-se difícil manter a ficção de uma medida para a jornada de trabalho. Torna-se, portanto, difícil separar o tempo da produção do da reprodução, ou o tempo do trabalho do tempo de lazer. Tal generalidade da produção biopolítica faz emergir a luta por um salário social e uma renda garantida para todos, independentemente do trabalho feito ou a ser feito.

### A luta pelo direito à reapropriação dos meios de produção

Como os meios de produção são integrados aos espíritos e aos corpos da multidão, a reapropriação significa o livre

acesso e o controle sobre o conhecimento, a informação, a comunicação, os afetos, já que são alguns dos meios prioritários dos meios de produção biopolítica.

A pergunta é:

Seremos capazes de ir rumo a uma sociedade-mundo portadora do nascimento da própria humanidade? Eis a questão. A humanidade está em formação. Há possibilidade de rechaçar a barbárie e realmente civilizar os humanos? Será possível salvar a humanidade realizando-a? Nada está definido, nem o pior.<sup>49</sup>

Ou, formulando de modo diferente:

Seremos capazes de retomar o controle do “processo”?

Hoje, ninguém no mundo é capaz de elaborar um método convincente capaz de resistir a essa “loucura”. Ninguém, hoje, está à altura de prevenir, ou simplesmente corrigir, as devastações sociais previsíveis e a violência que elas produzirão em toda a face do planeta.<sup>50</sup>

## ***A bifurcação genética***

A revolução biológica será a grande vedete dos próximos dez anos, especialmente a biotecnologia.

Desde agora, a revolução genética coloca em questão a própria idéia que nós temos de “humanidade”. Diariamente, vão-se queimando certas “fronteiras” conceituais consideradas até aqui claras e distintas: fronteira entre o ser humano e o animal; fronteira entre o ser humano, o vivente e a “coisa” (pensemos nos transplantes de órgãos, na fabricação de tecidos humanos, no patenteamento dos seres vivos). Mas como defender os “direitos humanos” se ninguém mais sabe definir o que é um ser humano? Como reprimiremos os “crimes contra a humanidade” se não somos mais capazes de enunciar um “princípio humanidade” coletivamente aceito?<sup>51</sup>

A revolução biotecnológica pode ser descrita como a articulação da informática com a biologia e, mais especifica-

49. MORIN, Edgar. *O método*, v. V, cit., p. 295.

50. GUILLEBAUD, Jean-Claude. Art. cit. p. 18.

51. Id., *ibid.* pp. 20-21.

mente, com a genética. A matriz operacional da revolução biotecnológica pode ser caracterizada pelos seguintes pontos:

- a capacidade de isolar, identificar e recombinar genes cria a possibilidade de recriar estruturas genéticas de microorganismos, plantas e animais. A criação de um novo estoque de capital genético através da fusão das tecnologias de computação e de engenharia genética é, cada vez mais, uma possibilidade.
- a concessão das patentes de genes, de linhas de células, de tecidos geneticamente desenvolvidos, de órgãos e organismos é outra característica da revolução biotecnológica.
- um segundo gênero — a revolução biotecnológica altera substancialmente o processo evolucionário das espécies. Tornou-se possível a criação de milhares de novas formas de vida, deixando-as na natureza para propagação, mutação, proliferação e migração, colonizando a terra, a água e o ar.

A bifurcação genética abre a possibilidade da passagem do *Homo faber* ao *Homo creator*.

Que é que caracteriza essa passagem?

O *Homo faber* é o paradigma do ser humano ocidental. É ele que faz, que fabrica, que produz, servindo-se da técnica para satisfazer as próprias necessidades e familiarizar-se com o mundo. Com o advento da modernidade, o *Homo faber* é aquele que prioriza o fazer e o produzir, usando instrumentalmente a natureza e todas as coisas criadas. Ele é o senhor todo-poderoso, criado à imagem de Deus onipotente, que tudo domina e subordina. A natureza, o outro, o mundo, passam a ser meros instrumentos que visam à produtividade. O *Homo faber* tem, portanto, uma capacidade projetiva, é dotado de um objetivo, ainda que este seja única e puramente objetivista.

O *Homo creator* nasce quando o *Homo faber* se torna capaz de gerar produtos da natureza que não fazem parte dos produtos culturais (como a casa construída com a madeira), mas da própria natureza. É assim que Günther Anders descreve o *Homo creator*. Potencializado pelo desenvolvimento



ilimitado da técnica, especialmente da biogenética e das nanotecnologias, o ser humano não se limita a transformar a natureza, mas introduz “variações” em temas e códigos já dados, tornando-se capaz de criar a natureza, de introduzir no ambiente produtos e processos totalmente “novos” (da bomba nuclear às manipulações genéticas), alterando profundamente as leis da evolução e abrindo horizontes de todo imprevisíveis.<sup>52</sup>

O *Homo creator* é o que adere ao imperativo da técnica, em virtude do qual “o que se pode fazer deve ser feito”.

Aqui, portanto, emerge o pós-humano, na medida em que se põe em ato uma tendência a superar o humano, uma vontade de transcendência do corpo e da natureza.

O *Homo creator* parece perder cada vez mais a capacidade prometéica de “pré-ver” e projetar o próprio agir e a própria vida, que o tornava ainda sujeito, embora dominando e explorando a natureza e o mundo, dos processos por ele desencadeados. O *Homo creator*, dotado de um poder sem precedentes, que lhe permite criar até a natureza e a própria vida fora dos percursos evolutivos, aparece como sempre mais incapaz de prever e imaginar as conseqüências e os efeitos do próprio fazer e criar.

O *Homo creator* aponta para o pós-humano que, numa visão utópica e hiperotimista, vislumbra um futuro caracterizado pela libertação do orgânico e dos seus limites (transhumanismo, cibercultura etc.). Descortina-se, assim, a total transcendência do corpo e da natureza, a completa ultrapassagem, pelo ser humano, do processo evolutivo, em nome de um desprezo do vivente. Nessa perspectiva, o pós-humano visa à erradicação do ser humano da espécie humana.

Assim, o pós-humano se insere na lógica exaltada do robô, do *cyborg*, que põe no horizonte do nosso século um modelo cultural sustentado pelo conceito de auto-redução dos poderes do sujeito, a favor de uma “máquina”, que não se limite a abrandar a sanção divina “dominarás a terra com o suor do teu rosto”, mas assuma a responsabilidade da escolha e o ônus de projetar a vida.<sup>53</sup>

52. Confira a entrevista de Elena Pulcini, professora da Universidade de Firenze, Itália, publicada na revista *IHU On-Line*, n. 200, pp. 7-12, 16.10.2006. A revista está disponível na página <[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)>.

53. Cf. Mario Signore, professor de Filosofia Moral na Universidade de Lecce, em entrevista publicada na revista *IHU On-Line*, n. 200, pp. 13-16, 16.10.2006.

Ou seja, a idéia de fundo é que a nossa espécie está atravessando um período crítico, em veloz transformação, e as sempre maiores e fortes possibilidades de intervenção modificação, substancialmente, não somente o ambiente do ser humano, suas características estruturais e funcionais do corpo, mas, sobretudo e conseqüentemente, a própria identidade ontológica. O desenvolvimento tecnológico permitirá, assim, que se possa reprojeter a condição humana, liberando-a dos vínculos temporais, performativos e estéticos, que hoje a afligem. Aspira-se a uma lenta desintegração da peculiaridade das espécies, no signo de uma total abertura da pessoa para uma vastidão opcional. Isso permitirá que a opção pela própria posição ontológica, no mar das possibilidades oferecidas pela tecnologias, será só e exclusivamente faculdade do sujeito. Um sujeito que se liberará, dessa maneira, dos fardos evolutivos que, inevitavelmente, o ligam a um contexto específico.

Roberto Marchesini, autor do livro: *Post-human. Verso nuovi modelli di esistenza*, afirma que o ser humano, no mundo antigo, se sentia parte de um conjunto de tensões gravitadas em um ponto final, sustentado pelo fato. Obviamente, a sua percepção de si era muito diferente da do ser humano moderno, completamente responsável pelo próprio percurso e propenso a submeter o mundo a seus objetivos. O nosso tempo, por meio das tecnologias, torna o ser humano uma entidade mais conexa, e isso reforça a expressão multiforme da pessoa, quer dizer, a percepção de uma entidade múltipla e mutante: o “multivíduo” no lugar do indivíduo. Ou seja, as novas tecnologias nos tornam cada vez mais híbridos, dando, assim, espaço ao não-humano (os animais, a técnica...). Segundo Marchesini, “somos pós-humanos simplesmente porque compreendemos que ser seres humanos significa acolher os outros, que se fazer animais significa progredir, e não regredir, que as máquinas não são externas, mas nos modificam”.<sup>54</sup>

Essa posição aposta que o pós-humano seja a superação do “antropocentrismo ontológico”, como defende Donna Haraway.

54. Roberto Marchesini, na entrevista publicada na revista *IHU On-Line*, n. 200, pp. 17-20, 16.10.2006.

A partir de uma crítica radical do humanismo e de toda oposição hierárquica entre humano e não-humano, o pós-humanismo aposta numa subjetividade caracterizada por uma “promiscuidade ontológica” e por uma disponibilidade à “hibridação”, desfazendo toda e qualquer pretensão à imunização e à separação do mundo; pretensão tanto mais privada de sentido quanto mais o mundo vem a ser invadido pela técnica: pelas mutações, pelos enxertos e pelos implantes intra e interespecíficos que ela produz ou que simplesmente possibilita.

Aqui, algumas questões,<sup>55</sup> imediatamente, emergem:

- É eticamente relevante ou não se os neurônios de qualquer pessoa são biológicos ou de silício?
- Que visão filosófica deveremos adotar nos confrontos com os robôs baseados em *chips* moleculares?
- Se chegamos a atribuir ao robô uma mente, deveremos reconhecê-lo como portador da lei moral ou do estatuto ontológico de pessoa?
- Enquanto criadores de robôs, nós, seres humanos, devemos ser, epistêmica e moralmente, responsáveis pelas suas eventuais ações ou crenças?

Enfim, como afirma Marc Jongen,

a grande novidade da nossa situação, que chega a inaugurar uma nova época, é que acabamos de receber um poder criador semelhante a Deus, ao mesmo tempo que ruiu toda e qualquer instância superior que pudesse julgar sobre a legitimidade ou não do uso desse poder. Em outras palavras: nós mesmos é que em todos os casos determinamos o direito de usar esse poder ou não. Mesmo a tão preconizada volta para os “valores tradicionais” e para as “proibições estabelecidas por Deus” é um ato da nossa autonomia, é um “faz-de-conta” intencional. A situação não é nada confortável, mas temos de agüentá-la.<sup>56</sup>

55. Uma discussão interdisciplinar sobre esta temática, reunindo especialistas nacionais e internacionais, será feita no simpósio internacional “Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias”, que se realizará na Unisinos, São Leopoldo, e na PUC-Rio, Rio de Janeiro, nos dias 26-29 de maio de 2008. Para conferir a programação e também inúmeros textos, notas e artigos sobre o tema, acesse a página eletrônica <[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)>.

56. Revista *IHU On-Line*, n. 200, out./2006.

\* **Frei Luiz Carlos**

**Susin** é licenciado em Filosofia e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Teologia na PUC-RS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana em Porto Alegre. **Endereço do autor:** Rua Juarez Távora, 171, Vila João Pessoa, cep 91520-100, Porto Alegre-RS, tel: (51) 3315-0312. E-mail: lcsusin@puers.br.

1. BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo, Paulus, 1997. p. 24.

2. É interessante enumerar em ordem a investigação de Gilles Lipovetsky sobre a cultura. Trata-se de um olhar desde a Europa e de um epifenômeno que se estende nas ondas da globalização ao mundo inteiro, ainda que muitos fiquem excluídos de participação: *A era do vazio*; ensaio

LUIZ CARLOS SUSIN\*

“No es tiempo de tratar con Dios  
de cosas de poca importancia”  
(Santa Tereza D’Ávila)

A afirmação de santa Tereza, aqui em epígrafe, lembra com fineza e de forma mística, que há tempos em que é necessário ter grande liberdade de espírito para tratar do que é realmente essencial. Esta “mudança de época” necessita dessa liberdade e, sobretudo, dessa “essencialidade”. E, para isso, análises de curto prazo, de curta distância, não ajudam. É necessário, ao contrário, tomar muita distância e olhar longe para a frente e para trás e de novo para a frente, em análises de longo prazo, com tendências macroestruturais.

Começamos com uma constatação: as melhores análises de nosso tempo conduzem a algumas conclusões indubitáveis, como a de Hans Jonas: “Nunca houve tanto poder ligado com tão pouca orientação para seu uso [...] Precisamos mais de sabedoria quando menos cremos nela”.<sup>1</sup> Em termos psicanalíticos, crescemos muito em ciência e tecnologia — nosso poder — e, no entanto, permanecemos infantilmente predadores de nossa mãe terra, com vontade de poder, desejos exacerbados pelo consumo sem limites. Alguns analistas, como Gilles Lipovetsky, procuraram extrair o lado positivo destes tempos de excessos.<sup>2</sup> No entanto, a insatisfação e o medo — o vazio de sentido num mundo que continua injusto e o perigo que pressentimos nas mudanças ecológicas — começam a ganhar novas tintas apocalípticas.

É necessária uma boa metodologia para mergulharmos nas raízes dos problemas que nos afetam neste tempo que

nos cabe viver. Bauman critica a postura de Lipovestky mostrando que não se pode tomar os fenômenos investigados como recurso para explicar esses mesmos fenômenos, pois não se pode confundir e passar adiante o que deve ser explicado como se já fosse explicação. Dar como razão ou explicação que “Assim são os tempos modernos” é tornar-se irremediável e perigosamente superficial.<sup>3</sup>

Uma compreensão que seja ampla e ao mesmo tempo prática, que seja abrangente para compreender globalmente e seja inspiradora para o cotidiano e suas relações pode ganhar muita luz se passarmos da análise dos fenômenos, dos fatos, dos eventos, às metáforas e analogias que os poetas e profetas encontram como saídas. É o que faz a Escritura, é o que faz a CRB quando toma um verso da Escritura para interpretar os tempos e as posturas e ações que nos convêm hoje. Assim, “diga aos Filhos de Israel que avancem” (Ex 14,15)<sup>4</sup> tem poder interpretativo e operativo.

O *slogan* bíblico ilumina a nossa realidade: espaços em transformação. Nunca a humanidade teve tanta perda de orientação espacial. Há uma distância imensa e inexorável entre duas viagens simbólicas pelo espaço: a viagem literária de Dante Alighieri, nos inícios do século XVI, em descida e ascensão ordenadas entre inferno, purgatório e céu, todos com referência à terra de seu tempo; e a viagem cinematográfica, no final do século XX, da nave *Enterprise*, da série *Jornada nas estrelas*, navegando em todas as direções do tremendo espaço físico em busca do “setor doméstico”, tentando voltar para casa num espaço que não lhe dá direção nenhuma. A ciência varreu a dimensão simbólica do espaço e abriu um espaço fisicalista puramente quantitativo, vazio de qualidades. O “horror do vazio” que fazia Pascal ter calafrios olhando os espaços físicos quantitativamente sem fim e sem qualidade, que começaram a ser desvendados pelo olho gigante de Galileu, caracteriza o espaço atual. Dar-lhe qualidade vai depender do ser humano e da sua capacidade de encontrar e dar sentido.<sup>5</sup>

sobre o individualismo contemporâneo. Paris, Gallimard, 1983. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Paris, Gallimard, 1987. *O crepúsculo do dever*. Paris, Gallimard, 1992. *A terceira mulher*. Paris, Gallimard, 1997. *O luxo eterno*. Paris, Gallimard, 2003. *Os tempos hipermodernos: indivíduo, tecnologia, mercado*. Paris, Grasset, 2004. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Paris, Gallimard, 2006. *A sociedade da decepção*. Paris, Textuel, 2006. *A tela global: cultura de mídia e cinema na idade hipermoderna*. Paris, Seuil, 2007.

3. Cf. BAUMAN, Zygmunt. Op. cit. p. 7.

4. A tradução, aqui, é da *Bíblia Pastoral*, São Paulo, Paulus, 2000.

## ***Avançar "mar adentro"? A metáfora do abismo e do caos***

Metáforas não são inócuas. As águas do mar diante do qual o povo e Moisés se encontram são metáfora de abismo e de caos, algo semelhante ao que se apresenta na criação e no dilúvio. Aqui, no entanto, se acentua uma crise extrema, enquanto no dilúvio significam morte e vida nova e na criação um lugar de energias em estado puro e sem forma com potencial gestador.

Em nosso caso, como no caso hebreu, trata-se também de uma metáfora social, não só cosmológica. Pode-se, mesmo, afirmar que é o aspecto social que interessa aqui. As energias soltas e revoltas, a desordem crescente, o medo e a insatisfação, fazem o povo soltar-se em multidão em disparada. Na frente, há um abismo, mas atrás há um exército inimigo cada vez mais próximo, tornando a pressão, o *stress* crescente, uma violência incontrollável, contagiante. Tal é o contexto, o espaço caótico do tempo de passagem.

Espaços, sobretudo espaços em transformação, não são, ainda, lugares. Um "lugar" supõe reciprocidade: a cidade ou terra natal à qual pertencemos, o lar que acolhe e dá guarida, o quintal de nossa infância... esses são lugares, querências, como diz o gaúcho, ou *Heimat*, como se diz em alemão, lugar que portamos no segredo do coração. Hoje se desenvolveram, segundo uma categoria sociológica francesa, "não-lugares": são como "corredores", espaços fascinantes que nos transportam para um mundo de sonhos, como os *shoppings*.

Um dos critérios para reconhecer esses "não-lugares" é o fato de que aí encontramos pessoas sem conhecê-las, pequenas ou grandes multidões com as quais nunca mais vamos nos encontrar. Por isso são "não-lugares" os aeroportos, os aviões, os centros comerciais. Esses pseudolugares ganham frequentadores e aficionados anônimos.

Mas há também "não-lugares" bem mais realistas: as rodoviárias das capitais, as paradas de ônibus. E, olhando desde outras partes do mundo, há "não-lugares" em que se é

5. Cf. WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. São Paulo, Jorge Zahar Editor, 2001.

obrigado a uma quase “não-vida”: favelas sem saneamento mínimo, cortiços sem privacidade, a rua dos moradores de rua. É a partir desta radicalidade do “não-lugar” que podemos chamá-los também de “pré-lugares”, que talvez possam evoluir e tornar-se um lugar, um lar, uma habitação humana. Nesses pré-lugares pode-se ensaiar, ainda que com despesa de muita energia, a criação de “lugares” humanos. Espaços em transformação são candidatos a “lugares” de vida humana digna, mas dependem da ousadia da fé e da ação responsável.

## **Stress acumulado**

Depois da pressão acumulada, exagerada, provém a depressão. Alguns analistas avisam que as próximas décadas serão caracterizadas pela depressão, efeito de um século de aceleração e pressão cada vez maiores, já que a velocidade crescente significou e ainda significa modernidade. De certa forma, quem não está estressado, que não anda “na correria”, atarefadíssimo e em culpa por estar atrasado com a agenda etc., não seria moderno. Mas o balão de carne e osso estoura e uma das possíveis resoluções será a depressão, com todas as suas conseqüências.

O *stress* acumulado, a pressão que tem o mar pela frente e o exército cada vez apertando mais, no entanto, pode provocar exatamente o acúmulo de energia necessária para dar um salto de qualidade. Em seu documentário sobre o meio ambiente *Uma verdade inconveniente*, o ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, exemplifica com a reação do sapo colocado em água fervente: imediatamente, mesmo sem apoio algum, dá um salto para longe da água. É a reação cheia de adrenalina, com percepção do perigo e da necessidade de reagir imediata e decisivamente. No entanto, se o sapo for colocado em água de temperatura confortável e depois esta água for aquecendo lentamente, quase imperceptivelmente o sapo vai-se acostumando, não reage, e acaba fervendo junto com a água. O lado inquieto, escandaloso, chocante, de inconformidade, é, portanto, integrante necessário do *stress* saudável.

*Resiliência* é uma palavra para o *stress* saudável.<sup>6</sup> A palavra “resiliência” foi tomada da física e passada às ciências humanas. Pode-se empregá-la com proveito até mesmo em espiritualidade. É a capacidade dos materiais de assimilar impactos sem romper-se, não só resistindo aos impactos mas integrando a força que poderia ser adversa, de tal forma que essa mesma força aumenta a sua força — é o “empoderamento” — e gera um movimento inverso. Um bom exemplo é a vara dos atletas que dão saltos com vara: ela se curva sob o peso do atleta, verga sem romper-se, fazendo com que a própria curvatura sob o peso do atleta reaja com tal ímpeto que o lança a uma altura impossível para o atleta sem a vara.

A resiliência comporta sofrimento e esforço, dor e trabalho. Pode ser desencadeada em situações humanas, tanto sociais como individuais. Uma verdadeira metáfora da experiência humana de resiliência: ir ao “fundo do poço” e “sair do fundo do poço”. Os grandes líderes bíblicos, profetas e santos, conheceram este momento — no fundo da prisão, no caso de José do Egito; no deserto do desânimo, no caso de Elias; no abandono noturno, no caso de José, esposo de Maria etc. É a “noite escura” que toma conta da alma, a partir de onde nova luz, mais brilhante, pode surpreender.

A resiliência pode ser encontrada na “paciência”, esta tradicional virtude bíblica, filosófica, em que se diz algo, inclusive de Deus. *La paciencia todo lo alcanza!* (santa Tereza D’Ávila). Só pessoas livres, sabáticas, que têm alguém fora do poço, que têm recurso fora da situação caótica, conseguem manter-se na paciência. Por isso é necessário cantar o verso inteiro de santa Tereza:

Nada te turbe, nada te espante, todo se pasa,  
solo Dios no se muda.  
La paciencia todo lo alcanza.  
Quien a Dios tiene nada le falta,  
solo Dios basta!

Portanto, é Deus mesmo, em sua paciência sem mudança, para quem mil anos são um dia (cf. Sl 90[89],4),

6. Cf. Resiliência. Elo e sentido. *IHU* – Revista do Instituto Humanitas Unisinos n. 241, 29.10.2007. É o tema das diversas matérias deste número da revista.



a rocha da paciência humana, da resistência sem desespero e sem dispersão. Trata-se de uma “resiliência mística”, um recurso à espiritualidade, à contemplação com o olhar de Deus em meio a situações caóticas. Mística quase sem forma, mergulho no oceano do seio divino como criança no líquido amniótico do seio materno. Para nascer de novo é necessária esta passagem pela perda das formas, inclusive da espiritualidade.

Até o Concílio Vaticano II, a espiritualidade se alimentou por alguns séculos dos atos regulares de devoção, novenários, horas de adoração, atos penitenciais, ramalhetes espirituais etc. Essas formas parecem ter sido devoradas pelo tempo, e há uma nudez mística que acompanha a perigosa travessia. Saber permanecer em silêncio diante da Palavra, sem muito enfeite litúrgico, é uma atitude sábia de resiliência.

## ***O espaço inicial***

Tempos novos exigem esforço, trabalho, retorno à fonte. O Concílio Vaticano II é a melhor demonstração desse movimento. Não se trata de responder a questões novas com fórmulas antigas. Trata-se de buscar águas novas diretamente na fonte. Em tempos de grande transformação — a ponto de haver uma transformação do tempo, de nossa percepção de tempo e espaço — buscar o essencial, aquilo que mantém identidade, exige passar ao largo de muitos detalhes acumulados ao longo do caminho e voltar à origem para partir de novo do início. As tradições acumuladas poderão eventualmente ganhar novas interpretações, novas perspectivas, mas a partir do novo início. São necessárias confiança e liberdade evangélica ao estilo João XXIII para a criatividade de um mundo novo. O início, biblicamente falando, pode ser assentado em três experiências fundantes: o Espírito, a Palavra, o corpo.

## **Criação do nada e do Espírito**

A teologia patrística elaborou o conceito de *creatio ex nihilo* — criação desde o nada — para sublinhar o desígnio amo-

roso de Deus, a liberdade divina, o poder criador. É uma visão centrada no Criador. Mas há também uma experiência da criatura humana, que toma consciência de sua existência como “chamado a ser” antes de qualquer condicionamento bom ou mau e antes de qualquer acontecimento aleatório, por mero acaso. De qualquer forma, no fundo da existência humana, de sua efemeridade e de suas limitações de toda sorte, subjaz o nada. Mas o nada, rigorosamente, não nos é acessível.

Quando muito, indo para a profundidade oceânica de nosso ser, o que temos é a experiência de decadência, de liquidação e de desintegração em direção ao caos. Por isso o caos é a imagem da “pré-criação”, quando ainda “a terra era informe e vazia”. Até o caos podemos regredir como quem mergulha num abismo de horror. Mas não de todo: as energias do caos perigoso e mortal, energias ainda em desordem, energias de multidões revoltas, são também as que poderão ser fonte de criação. Que haja energia criadora no caos, isso é, falando biblicamente, obra do Espírito.

O caos é habitado desde sempre pelo Espírito — que “paira sobre as águas” (Gn 1,2). Não há espaço, por caótico que seja, fora do seio do Espírito, sem que as suas asas alcancem com a temperatura e o movimento para a criação. Criação significa, pois, via-a-ser desde a presença e ação do Espírito. A prova do poder criador do Espírito reside nessa experiência radical, em condições de espaços caóticos.

A CRB, ao deixar a metáfora arquitetônica da “refundação”, que mantinha algo do paradigma institucional e moderno — como “construir” o Reino de Deus —, encontrou, no *Projeto sobre Novas gerações*, uma nova metáfora, de inspiração biológica, vital, portanto metáfora bem mais afortunada. “Novas gerações” não diz respeito somente à juventude biológica, uma etapa da vida, embora esta seja o seu sinal, mas é um “re-engendramento” do Espírito, como um renascer do Alto. Na decadência do envelhecimento e da esterilidade, este re-engendramento só pode ser reconhecido como obra do Espírito se aplicarmos à atual realidade o cânone bíblico de leitura da realidade.

Há exemplos dessa emergência criativa desde o caos com forte experiência do poder do Espírito. Hoje, por toda parte, a emergência de ONGs que começam numa conversa de duas vizinhas ou no encontro de um profissional com alguns adolescentes pobres etc., de forma aleatória, caótica, em momentos de crise e de tragédia, é exemplo que impressiona. Muitas não chegam à segunda semana, à segunda reunião. Outras começam a se agregar cada vez mais a ponto de passar de uma vila pobre para um nível internacional. O mesmo se pode dizer do pulular de criação de igrejas pentecostais.

No caos navegam “fractais” — “quase realidades” ou pedaços do que já foi uma realidade, um costume, uma memória — que a certo momento ganham poder de atração e se tornam realmente “atratores”, como corpos que vão acumulando força de gravidade à medida que vão agregando. São os “fractais de Igreja” reorganizando-se no caos e tornando-se comunidades cheias de entusiasmo. Algumas dessas iniciativas não perseveraram e mergulham de novo como fractais e lembranças meio mortas no mar caótico e triturador. Outras são mais afortunadas, vão ganhando subsistência, tornam-se formas cada vez mais complexas de igrejas vivas.

Um testemunho desse dinamismo criador veio de irmã Dorothy Stang: ela reuniu um grupo de mulheres para começar um trabalho comum. Mas não tinham nenhum capital inicial. Então, ela sugeriu que, com um dinheirinho juntado entre elas, comprassem uma galinha, cujos ovos foram chocados, e cada mulher criou uma galinha. Com a venda dos ovos das galinhas, compraram uma porca, e a criaram até dar uma porção de porquinhos. Então, cada mulher criou um porco. Finalmente, venderam todos os porcos juntos — estava formado o capital inicial. Hoje, o grupo desenvolve projeto com conexões internacionais.

O Espírito sopra no caos, inspira, cria dinamismo insuspeitado em meio à prova do caos. Não se volta às antigas formas, mas pode-se nascer de novo. Esse é um ensinamento que perpassa a Escritura desde a primeira página, que

passa por Jesus, por sua Páscoa, e pelas comunidades cristãs. Mas é também parte da experiência de fé no mundo incerto de hoje.

## Criação do nada e da palavra

A palavra provém do Espírito, e dá condições de palavra ao espírito humano. É a maneira de "dar forma" à energia, ao caos. Introduz as medidas, os juízos, enfim a razão. E isso tem significado ético, conforme a etimologia da palavra "ética" ou "ethos": as regras de construção da casa, medidas para habitar e para viver. A palavra, de fato, introduz a razão ou "a outra face", na violência do caos, como fez Jesus ao apresentar a palavra de interrogação ao que lhe batia na face. Ela é o começo da ordem, da criação como espaço habitável, espaço humano. Por isso a Escritura narra como princípio da criação: "Deus disse!" E João retoma ao abrir sua sinfonia narrativa: "No princípio era a Palavra" (Jo 1,1).

A palavra é profética, como sabemos: destrói o que deve ser destruído e constrói o que deve ser construído. Para tanto, ela deve ser "Oráculo do Senhor", transparência e forma do que o Espírito tem a dizer, sacramento que faz acontecer o que diz. No princípio, na raiz, toda palavra inspirada tem força mística e consequência política, tem capacidade ética e forma estética, inseparavelmente. Na palavra "o que deve ser tem força". Uma palavra religiosa, uma oração, um ritual, que não tivessem consequências nas posturas políticas transformadoras de um mundo revolto, seriam um "pavimento de cima" ilusório. E um discurso político sem palavra inspirada seria mera conveniência ou mentira.

Um modelo de palavra e de diálogo pode ser encontrado nas grandes figuras bíblicas surpreendidas pela Palavra de Deus. Todas têm réplicas e tréplicas dramáticas. Para exemplificar, vamos ater-nos ao diálogo que começa a aventura cristã segundo Lucas: o anjo Gabriel, portador da Palavra de Deus aos seus interlocutores, Zacarias e Maria. Sobre Maria: à delicadeza da saudação que reconhece a interlocutora e a leva a sério, que a chama para um face-a-face

com o mistério que rompe o cotidiano, segue-se o espanto de quem se vê posta em tão inusitada situação. Seguem-se, então, as auto-apresentações, a revelação de origem e de condição: o enviado de Deus, por um lado, e a virgem surpreendida por um desígnio que a ultrapassa, por outro.

Finalmente, a consignação de uma missão humanamente impossível se não houvesse o Espírito que engendra criação numa situação fora do ordinário. Esse diálogo é inaugural, é o princípio de um caminho, de um mundo, de uma história de salvação. É pura palavra, interlocução acontecida na fragilidade humana — um quase nada — mas sob a *shekinah*, a presença compassiva e criadora do Espírito.

Esse diálogo, como todos os grandes diálogos bíblicos, revela que, no mais profundo de sua essência, toda palavra verdadeira é “oração”, o que sai da boca mas provém do coração. E que palavra é para interlocução, é para diálogo. Chama para o face-a-face. Assim, palavra, oração e relação são o mesmo. Assim também toda relação humana, social, cultural, política, quando é verdadeira, parte dessa dimensão transcendental e mística da palavra que dá forma à vida humana. O laço social é criado e nutrido, enfim, depende da experiência transcendental e espiritual da palavra.

Numa relação entre oração e vida prática se enfatizou nas últimas décadas que era necessário não traçar uma divisão de dois andares quase incomunicáveis, que é importante levar a vida social e política para dentro da oração. Pode-se dizer, como se dizia com expressões tradicionais — *contemplata aliis tradere*, ou seja, aquilo que contemplamos somos impelidos a levar para os outros —, que a postura da oração, da interlocução mística, do reconhecimento e acolhimento do mistério maior que nos envolve, é também inspiração para a postura social, reconhecendo o mistério e aceitando a interlocução sagrada nas relações sociais.

Assim, as formas de oração, até no quadro catequético de “adoração ou louvor, agradecimento, confissão ou impetração de perdão, e súplica”, são verdadeiros *arquétipos*, modelos eficazes, sacramentais, de relações sociais e de formas de tomada de palavra socialmente. É que, assim, a palavra forma a ordem em meio à decadência e à confusão.

Uma análise da sociedade contemporânea sublinha que, depois de milênios de vida humana às voltas com o problema e o *stress* da escassez, da luta por alimento, por provisão, por economia e poupança para garantia de vida, o final do século XX virou para uma sociedade de abundância, em que a fome é problema político e ético, mas não propriamente de escassez. A oração se fundou, até agora, quase inteiramente, na ameaça da escassez. Daí a preponderância da oração de pedido. Uma sociedade de abundância abandona, assim, o que não significa mais — e já não sabe mais rezar. As sociedades abastadas não sabem o que fazer com a oração.

Bem, isso é apenas uma parte da verdade, e talvez pequena. A oração não se funda somente na escassez, e a escassez, enquanto finitude e fragilidade, é uma realidade humana constituinte — não possuímos por nós mesmos a vida eterna. Mas há algo mais profundo e mais humano em que se funda a oração: o desejo. E o desejo provém em parte da falta, da escassez, de fato. Até mesmo o desejo de vida eterna. Mas provém, com mais profundidade e positividade, do sonho de uma vida feliz e de um mundo justo.

A sede de justiça é o desejo mais profundo, o desejo do Reino de Deus. Jesus ensinou a pedir a vinda do Reino além de trabalhar por ele. A oração, quanto mais intensa, mais nos estressa, nos arde, no desejo de que o “ainda não” do Reino seja um “já agora”, que ele seja pão, perdão, paz. Recentemente, diante do sofrimento e da turbulência dos filhos de migrantes, na França, houve manifestações claramente xenófobas, mas também declarações como a do intelectual Edgar Morin. Ele lembrou que a França levantou a bandeira da Liberdade, Igualdade, Fraternidade, mas deixou pelo caminho a segunda e esqueceu a terceira. Portanto, o desafio é “Fraternidade Já!”, fraternidade tão ou mais escassa do que pão, desejo de Reino de Deus que se torna palavra de ordem.

## “Formaste-me um corpo”

O Ocidente moderno exacerbou o “eu”, a individualidade, como espaço de realização humana. E o localizou privilegiadamente na razão, no pensamento, na consciência: *Penso, logo sou!* Na Escritura, o “eu” aparece dentro de uma relação e de uma auto-apresentação de quem chega em segundo lugar, de quem “responde” e, assim, é “responsável” desde a sua chegada. Não adianta esfalfar-se em duros trabalhos para realizar-se, importante é afinar-se com um desígnio maior. A palavra bíblica, profética, mariana, discipular e missionária em que o “eu” aparece de forma justa é EIS-ME! Ou seja: “Chamaste-me? Eis aqui o *eu!*” Mas essa linguagem está no corpo, que é anterior, mais profunda e inescapável do que a consciência ou a vontade. O fato de que o Espírito e a palavra oferecem energia, dão forma, habitam o *eu* não como um pensamento mas como corpo humano e a realizar-se como ser humano, torna-se um realismo e um profetismo para o deslocamento a novos espaços: estamos assignados, marcados vocacionalmente e missionariamente por uma condição corporal, não por idéias, teorias, doutrinas. É o que diz perfeitamente a Carta aos Hebreus (10,4b-7), citando e situando em novo espaço este fio dourado bíblico que é o pronome bíblico “Eis-me”:

Tu não quiseste sacrifício e oferenda.

Tu, porém, formaste-me um corpo.

[...] Por isso eu digo:

Eis-me aqui,

no rolo do livro está escrito a meu respeito.

Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade.

Ser corporalmente renunciando à superposição de máscaras de todo tipo, vestimentas sacralizadas pelas instituições humanas em decadência, surradas por um tempo que já passou, como a Lei que o escritor da Carta aos Hebreus indica nos excessos de sacrifícios e oferendas, só pode significar ser corpo “*ex-posto*”. Talvez a melhor metáfora deste corpo *ex-posto*, em nudez e vulnerabilidade clamorosa, seja o “mora-

dor de rua”, as crianças e adultos que lutam por reconhecimento de outros. Ser corpo exposto diante disso só pode ser o do seio materno que se desnuda para amamentar. É uma imagem forte, das poucas que verdadeiramente sobram em tempos de tremendas transformações. É a metáfora de uma vocação, que os artistas plásticos do Renascimento figuraram nos quadros de “fuga para o Egito”, em que se contempla a Mãe sentada no meio do caminho desolado e dando de mamar ao Filho votado à morte desde a sua inocência.

O Novo Testamento tem outro momento alto de revelação deste núcleo duro e original que permanece em meio a grandes transformações e suas turbulências: nos dias mais dramáticos de sua existência terrena, cumprindo sua vocação, Jesus toma o pão e diz “Este é meu corpo dado por vós!”. O “corpo” dado torna-se “eucaristia”, alimento e saciedade — ação de graças, felicidade humana.

Ser “corpo dado”, entregue sem condições, tem hoje um caráter profético diante de duas situações corporais fortemente ideológicas:

- a) Por um lado, nunca como antes, a modernidade exigiu “corpo disciplinado”, corpo disponível para o trabalho, para o serviço, “sujeitado” ao preço do progresso. As instituições, desde a família e a escola, a fábrica e os conventos, tudo conspirou para a disciplina e a uniformização dos corpos. Antes de o pensador Foucault analisar detalhadamente tal disciplina e domínio dos corpos, Charles Chaplin, em seu filme “Tempos modernos”, mostrava de forma irônica e cômica tal sujeição dos corpos a um mundo de máquinas, como próteses de um sistema global. Atualmente, na era da informática e dos serviços, esta disciplina não diminuiu, pelo contrário, sofisticou-se, internalizou a disciplina de submissão nisso que se chama hoje “biopoder”, com a previsão até de *chips* de regulação de comportamentos.
- b) A outra situação extrema, como outro pólo esticado em reação à submissão disciplinar, é o “corpo próprio” (Husserl), espaço de autoconsciência e consciência do mundo, de sensibilidade e localização para exercer sobre-



rania através da privacidade e da apreensão e organização de um mundo próprio. Em outras palavras: é o corpo narcisista levado ao extremo. Se o corpo disciplinado é um corpo “institucionalizado”, o corpo narcisista é um espaço de autismo e de solidão. Somente um “corpo dado” é realmente livre.

A liberdade se assenta, então, sobre o paradoxo da encarnação diaconal, inclusive da diaconia “estratégica”, que transforma o corpo em espaço de monobras de luta, de cansaço e risco de ser ferido e de adoecer, para servir. É o paradoxo cristão da liberdade para servir não forçadamente, mas em plena livre adesão.

O Ocidente, influenciado pela fé e pela prática cristã, estabeleceu e universalizou duas formas de conceber o que seja a “pessoa”. Como “substância individual de natureza racional” e como “relação a outros”. Tais conceitos são testemunhas da dignidade e da nobreza de cada ser humano, de cada indivíduo, e de como há uma intrínseca dependência de outros no receber e no dar para chegar a ser pessoa. Tais concepções se tornaram fonte de reconhecimento, respeito, direitos humanos. Mas o Ocidente esqueceu que a Escritura e, sobretudo, a tradição cristã têm uma terceira postura absolutamente decisiva, que precisa vir à tona, embora na prática cristã sempre tenha existido de fato, e que podemos chamar de “pessoa-seio”. Tal concepção de pessoa necessita que se leve a sério o corpo, sua condição materna e, em termos trinitários, a pessoa do Espírito Santo.

O Pai e o Filho correspondem mais aos dois conceitos melhor desenvolvidos. Mas o esquecimento do corpo, do Espírito e da mulher como lugares de realização dos desígnios da criação recalcou esse terceiro conceito em favor de uma soberania masculina e de uma sociedade de reciprocidades masculinas cada vez mais abstratas. A partir do seio se adverte que há também irreciprocidade de deveres maiores do que de direitos. Por exemplo, de pais para filhos, dos seres humanos em relação às outras criaturas. E isso porque há também direitos maiores do que deveres exatamente dos menos poderosos, dos mais frágeis e dos que estão nas pon-

tas: crianças, idosos. Em última análise: não é romantismo a metáfora da “mulher”, do Gênesis ao Apocalipse, como figura da humanidade madura.<sup>7</sup>

## ***Deslocamentos de espaços***

Vivemos tempos de escândalo ético global: por um lado, sociedades de consumo exacerbado e sem limites devorando o planeta; por outro lado, multidões famintas de pão. E todos padecem de solidão, de ânsia e abandono. O deslocamento ético exige “pessoas-seio” que criem na sociedade de abundância e consumo uma aguda fome de relações e de palavras verdadeiras, acalmando seus desejos e seus consumos, alimentando as multidões de pão. Esse deslocamento ético, evidentemente, é idealista, e precisa de pessoas-seio que sejam idealistas e sonhadoras — é o sonho do Reino de Deus.

Graças a um luminoso artigo de Jon Sobrino, há quase três décadas se falou da missão da Vida Religiosa Consagrada em “fronteiras, desertos e periferias”, aquela postura de vanguarda reconhecida por Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*. Houve notáveis deslocamentos destas três condições, e podemos falar de novos espaços como “novas fronteiras, novos desertos e novas periferias”.

## **Novas fronteiras**

Há algum tempo se observa que as fronteiras humanas, hoje, não obedecem e não se submetem aos traços políticos e socioeconômicos — os Estados, as nações, as classes sociais. O Estado com seus aparatos e o sindicato com suas lutas, elementos fundamentais nos avanços da justiça durante ao menos dois séculos, perderam força. Além disso, ninguém mais está disposto a morrer por uma pátria-nação, por uma luta sindical, por uma revolução política. Onde estão as fronteiras?

Os elementos étnicos, ancestrais, culturais, simbólicos e religiosos, são, hoje, marcas de identidades e de fronteiras. E são lugar de conflitos e novos desafios. Assim, por exemplo,

7. Sobre conceitos de pessoa e, sobretudo, um terceiro conceito *faltante* de pessoa, venho trabalhando em diversos textos. Cf. SUSIN, Luiz Carlos. Isto é meu corpo dado por vós. In: SOTER (Org.). *Corporeidade e teologia*. São Paulo, Paulinas-Soter, 2005. pp. 231-262. A dignidade da pessoa humana: um espelhamento entre cidadania e teologia. In: CNBB – INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.). *A dignidade da vida humana e as biotecnologias*. Brasília, Edições CNBB, 2006. v. 1, pp. 184-194.

marcam novas fronteiras o “mundo muçulmano” no Oriente Médio, na África, na Ásia ou na Europa e América do Norte; ou os indígenas latino-americanos que se encontram e mantêm laços apesar de localizarem-se em diferentes países; ou os migrantes que se unem em situações de rompimento das fronteiras tradicionais.

O poder de “sujeito histórico” se encontra, assim, em âmbito cultural e religioso, simbólico, mas de conseqüências políticas, como demonstram os jovens rebeldes que levaram a uma onda de queima de carros no coração da França ou os povos indígenas capazes de colocar e depor presidentes de repúblicas em países da América Latina. A África desde sempre conservou, por baixo da imposição de Estados por parte da colonização européia, a força das tribos. Mas isso vale também para as autonomias regionais reivindicadas em plena Comunidade Européia.

Em termos de novas fronteiras, é interessante também observar a modificação do catolicismo norte-americano na medida em que os migrantes latinos entram pelos poros da sociedade americana portando a imagem de Guadalupe, a devoção à “Santa Morte” etc. Assim, também a Europa cristã não poderá desconhecer a presença do Corão ao lado da Bíblia. E em Newak, norte frio dos EUA, um Centro de Tradições Gaúchas se dá bem com o clima e esgarça até lá tudo o que é gaúcho: bombachas, chimarrão, churrasco à moda gaúcha. Da mesma forma a cultura Hip Hop, de origem jamaicana, contagiou em diferentes direções: a baixada fluminense, os bairros pobres de Johannesburg, na África do Sul, e alguns bairros de Nova York, criando uma “nação” própria, sem ligar para fronteiras políticas.

As fronteiras não são nunca tranqüilas: são lugares de marcação de diferenças, de confrontos, de conflitos e de prova de poder. Viver entre tribos rivais, como acontece com algumas comunidades religiosas em diversos continentes, ou viver de forma inserida em bairros ou favelas com fronteiras marcadas por traficantes, tem margens de risco aumentado numa sociedade que, nesses deslocamentos e até “desplazamientos”, como os da Colômbia por efeito da guerrilha

e do narcotráfico, tornou-se uma sociedade de risco generalizado. É necessário Espírito, Verbo, criatividade e corpo dado.

## ***Novos desertos***

O deserto se caracteriza por ausência, silêncio, solidão. E por urgências a respeito do mínimo para viver. É mais lugar para não viver. É mais travessia e emergência pascal. Há novas e surpreendentes emergências. Um exemplo caseiro é o ressurgimento do povo indígena *Charrua*, habitantes do sul do Brasil e do Uruguai. Era dado por extinto, mas reaparece hoje com seus grupos em torno de suas autoridades — até mulher cacique — e costumes, ainda que feridos e parciais, como, por exemplo, a perda da língua, sobrando apenas certo número de palavras. Assim também o xamanismo pré-cristão da Inglaterra e da Irlanda, a prática de *Wika*, com suas sacerdotisas e rituais xamanísticos, está de volta. Certamente, algumas dessas emergências causam estranheza, outras causam alegria, outras causam preocupação.

O problema desses espaços é o seu silenciamento, a perda de auto-estima e de identidade. Os catadores de lixo e os moradores de rua acabam por considerar-se “lixo”. Talvez o maior desafio, nesse sentido, em termos latino-americanos e especificamente brasileiro, é o espaço das culturas indígenas e afrodescendentes. Um primeiro passo, o de reconhecimento, vem sendo dado, mas muitos outros restam a dar, como o da inculturação e o da partilha de poder. Uma comunidade religiosa que vive inserida nesses meios pode ensaiar um lugar novo, um mundo novo.

## ***Novas periferias***

As periferias se caracterizam por sua tensão conflituosa com os centros na assimetria de poder, de saber, de ter etc. Hoje, elas não são físicas. Um cortiço não está necessariamente na periferia física de um centro urbano, e também os sem-teto, moradores de rua, perambulam por toda parte,

exceto para dentro das cercas que privatizam espaços. Aqui também há emergências surpreendentes e, no entanto, ainda silenciadas, como, por exemplo, o “índio urbano”, grupos indígenas que vivem em pequenos cortiços e mantêm uma rede de relações nas metrópoles.

Mas o espaço que vem ganhando importância é o virtual, da informática. Jaz na periferia o desconectado. Pode-se até caracterizar cidadania e inclusão, hoje, como inclusão digital. Em tempos de globalização, ser cidadão do mundo é estar conectado. Disso dependem as oportunidades, o emprego etc.

Para terminar, vale lembrar a confusão global entre fronteira, deserto e periferia quando se trata da crise ecológica. As mudanças climáticas, a destruição de ecossistemas milenares em pouco tempo, as fronteiras predatórias das grandes florestas, a poluição das águas, do ar, dos mares etc. são o seio materno da terra como um espaço em combustão, que clama por gestos proféticos e eficazes. A mãe Terra clama por uma nova criação com Espírito, com Palavra e medida justa. Até os mares, esta grande metáfora do caos e da criação, clama por justiça, enfim por mística e profetismo com a paixão de Deus.

Surpreende-nos, no final, a *Prece* de Fernando Pessoa:

Senhor, a noite veio e a alma é vil.

Tanta foi a tormenta e a vontade!

Restam-nos hoje, no silêncio hostil,

O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,

Se ainda há vida ainda não é finda.

O frio morto em cinzas a ocultou:

A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —

Com que a chama do esforço se remoça,

E outra vez conquistaremos a Distância

— Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Doze perspectivas-chave no  
*Documento de Aparecida*

JOSÉ OSCAR BEOZZO\*

\* Padre José

Oscar Beozzo é vigário da paróquia de São Benedito, em Lins-SP, sociólogo e historiador, professor de História da Evangelização na América Latina e no Caribe na pós-graduação em Missiologia do Instituto de Teologia de São Paulo - ITESP). **Endereço do autor:** E-mail: jbeozzo@terra.com.br.

A CRB convidou-me para explicitar durante a sua XXI Assembléia Geral Eletiva de julho de 2007 os desafios atuais da dimensão eclesial em nossa realidade, trabalhando em conjunto com a irmã Vera Bombonato, e tendo como pano de fundo a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe recém-concluída em Aparecida (13 a 31 de maio de 2007).

Irmã Vera dirigiu sua atenção mais diretamente para a Vida Religiosa e para uma visão de conjunto do *Documento de Aparecida*.

Optei, então, por oferecer uma breve seleção de algumas das perspectivas, a meu ver, mais marcantes do *Documento de Aparecida*.

Tomou-se como pano de fundo dessas escolhas os debates que precederam a conferência e que foram explicitados nos documentos preparatórios do CELAM, em trabalhos de teólogos e teólogas da América Latina e do Caribe, recolhidos pelo grupo Ameríndia,<sup>1</sup> e nas reflexões e iniciativas que brotaram das CEBs, das Pastorais Sociais e de muitos outros grupos que se reuniram durante mais de um ano no Fórum de Participação da V Conferência, na cidade de São Paulo, que prepararam a grande Romaria noturna de Roseira a Aparecida em que foram resgatados os temas centrais das cinco conferências gerais do episcopado latino-americano no Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) e armaram a Tenda dos Mártires, próxima ao Santuário, durante a Conferência.<sup>2</sup>

1. SOTER E AMERÍNDIA (Org.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe. Novos desafios*. São Paulo, Paulinas-Soter, 2006. AMERÍNDIA (Org.). *Sinais de*

A seleção foi afinada pela participação ativa em Aparecida durante os trabalhos da V Conferência, como perito de um dos delegados do Brasil, dom Demétrio Valentini, bispo de Jales, como perito convidado pela CNBB e como integrante da coordenação da Tenda dos Mártires que esteve aberta à participação eclesial popular durante as três semanas da Conferência. Debrucei-me, enfim, sobre o *Documento* final, buscando identificar suas linhas mestras.

Aparecida não oferece uma linha única de reflexão e de opções pastorais, mas buscou convergências e complementaridades, num esforço para traçar novo rumo para a Igreja na América Latina e no Caribe, acolhendo o melhor das muitas experiências e intentos para viver fielmente o seguimento de Jesus diante dos novos e antigos desafios do continente.

Destacar algumas passagens do *Documento* não significa desqualificar as demais, mas oferecer uma escolha, guiada principalmente pelas urgências que brotam da realidade do povo latino-americano e caribenho e das prioridades pastorais da nossa Igreja. Deixamo-nos guiar, ainda, por aqueles pontos em que Aparecida retoma com vigor a herança do Concílio Vaticano II (1962-1965), aplicada à realidade latino-americana, tal como foi explicitada nas anteriores conferências de Medellín, Puebla e, em menor grau, Santo Domingo.<sup>3</sup>

## ***Retomada do método “ver-julgar-agir”***

19. Em continuidade com as conferências gerais anteriores do episcopado latino-americano, este documento faz uso do método “ver-julgar-agir”. [...] Muitas vozes, vindas de todo o continente, ofereceram contribuições e sugestões nesse sentido, afirmando que este método tem colaborado para que vivamos mais intensamente nossa vocação e missão na Igreja: tem enriquecido nosso trabalho teológico e pastoral e, em geral, tem-nos motivado a assumir nossas responsabilidades diante das situações concretas de nosso continente. Este método nos permite articular, de modo sistemático, a

*esperança*. São Paulo, Paulinas, 2007.

2. O Fórum de Participação escolheu a estrada real da Bíblia para a convocatória de preparação popular para a V Conferência, propondo o roteiro de uma série de círculos bíblicos: MESTERS, Carlos & OROFINO, Francisco. *Seguir Jesus*: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida” – Círculos Bíblicos em preparação à V CELAM – Aparecida 2007. São Leopoldo-São Paulo-Aparecida, CEBI-Paulus-Paulinas-Santuário, 2006. Destes Círculos foi preparada por Paulinas Editora uma edição para rádio e outra para televisão. Uma rede de quatrocentas rádios difundiu de 1º a 31 de maio, em consonância com a V Conferência, uma sequência diária de trechos dos Círculos Bíblicos. Organi-

zou igualmente um Ciclo de Conferências “A caminho de Aparecida: desafios e propostas para a V Conferência” (São Paulo, 20 a 22 de março de 2007); o manifesto “Povo de Deus com Jesus Libertador rumo a Aparecida – Vida Plena para todas as criaturas” e o Seminário Latino-Americano de Teologia (Pindamonhangaba, 18 a 20 de maio de 2007).

3. Para uma seleção mais ampla de passagens, veja-se: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*.

40 palavras-chave para uma leitura pastoral do “Documento de Aparecida”. São Paulo, Paulus, 2007. Já se encontram publicados uma série de artigos e livros que esboçam uma primeira interpretação do evento e do *Documento de Aparecida*: AMERÍNDIA. *Renacer de una esperanza*. Bogotá, Indo-american Press, 2007. [Ed. bras.: *Aparecida*,

perspectiva cristã de ver a realidade; a assunção de critérios que provêm da fé e da razão para seu discernimento e valorização com sentido crítico; e, em consequência, a projeção do agir como discípulos missionários de Jesus Cristo.<sup>4</sup>

### ***Por uma globalização diferente: não-excludente, justa e solidária***

61. [...] Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Esse caráter peculiar faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas.

62. Conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a concorrência, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo da informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades que marcam tristemente nosso continente e que mantêm na pobreza uma multidão de pessoas. O que existe hoje é a pobreza de conhecimento e do uso e acesso a novas tecnologias.

64. Por isso, diante dessa forma de globalização, sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos [...]

65. [...] Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não [se] está abaixo, na periferia ou sem poder, mas [se] está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”.



## ***A leitura orante, comunitária e libertadora da Palavra de Deus***

99. Os esforços pastorais orientados para o encontro com Jesus Cristo vivo deram e continuam dando frutos. Entre outros, destacamos os seguintes: a) Devido à animação bíblica da pastoral, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela [...]

158. Igual às primeiras comunidades de cristãos, hoje nos reunimos assiduamente para “escutar o ensinamento dos apóstolos, viver unidos e tomar parte no partir do pão e nas orações” (At 2,42). A comunhão da Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do corpo de Cristo.

178. [...] Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos; [...]

249. Entre as muitas formas de aproximar-se da Sagrada Escritura existe uma privilegiada, à qual todos somos convidados: a *Lectio divina ou exercício de leitura orante da Sagrada Escritura*. Essa leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Senhor do universo. Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo semelhante ao modo de tantos personagens do Evangelho: Nicodemos e sua ânsia de vida eterna (cf. Jo 3,1-21), a samaritana e seu desejo de culto verdadeiro (cf. Jo 4,1-42), o cego de nascimento e seu desejo de luz interior (cf. Jo 9), Zaqueu e sua vontade de ser diferente (cf. Lc 19,1-10) [...] Todos eles, graças a esse encontro, foram iluminados e recriados porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai que se oferece por sua Palavra de verdade e vida. Não abriram o coração para algo do Messias, mas ao próprio Messias, caminho de crescimento na “maturidade conforme a sua

*renascer de uma esperança*. São Paulo, Paulinas, 2008.] Algumas revistas dedicaram números especiais à Conferência: “Conferência de Aparecida”. *Vida Pastoral*, ano 48, n. 257, nov.-dez./2007. “Aparecida, impulso à missão”. *REB*, out./2007, fasc. 268. “O futuro do catolicismo latino-americano – Leituras sobre a V CELAM e a visita do papa”. *Religião e Cultura* – Departamento de Teologia e Ciências da Religião – PUC-SP, v. VI, n. 12, jul.-dez./2007.

4. Neste parágrafo, o texto citado segue o documento aprovado na manhã de 31 de maio, dia do encerramento da V Conferência, com 127 favoráveis sobre 130 votantes, havendo ainda dois votos contra e uma abstenção. Este Documento Conclusivo de Aparecida ganhou o título de “versão não-oficial”. Fo-

ram, em seguida, introduzidas cerca de duzentas modificações, tanto pelo CELAM, sob a responsabilidade do seu secretário-geral, monsenhor Andrés Stanovnik, como em Roma, por diversos organismos da Cúria, e estão incorporadas sob a forma de supressões, acréscimos e deslocamentos na versão oficial publicada no Brasil com o título *Documento de Aparecida* – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília–São Paulo, CNBB–Paulus-Paulinas, 2007. Nas citações selecionadas, seguimos o texto oficial, salvo quando se menciona explicitamente a opção pela versão aprovada pelos bispos em 31 de maio.

plenitude“(Ef 4,13), processo de discipulado, de comunhão com os irmãos e de compromisso com a sociedade.

300. Deve-se dar catequese apropriada que acompanhe a fé já presente na religiosidade popular. Maneira concreta pode ser a oferta de um processo de iniciação cristã com visitas às famílias, onde não só se comuniquem a elas os conteúdos da fé, mas que também as conduza à prática da oração familiar, à *leitura orante da Palavra de Deus* e ao desenvolvimento das virtudes evangélicas, que as consolidem cada vez mais como igrejas domésticas. Para esse crescimento na fé, também é conveniente aproveitar pedagogicamente o potencial educativo presente na piedade popular mariana. Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira “educadora na fé” que nos leva a nos assemelhar cada vez mais a Jesus Cristo, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes.

### ***A opção preferencial pelos pobres está implícita em nossa fé cristológica***

392. Nossa fé proclama que “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”. Por isso “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”. Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente.

393. Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: “Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo”. Eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo: “Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40). João Paulo II destacou que este texto bíblico “ilumina o

mistério de Cristo”. Porque em Cristo o grande se fez pequeno, o forte se fez fraco, o rico se fez pobre.

394. De nossa fé em Cristo nasce também a solidariedade como atitude permanente de encontro, irmandade e serviço.

146. “[...] De fato, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”. Essa é a tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã.

### ***Por uma Igreja ecumênica, advogada da justiça e companheira dos mais pobres***

227. A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduzem ao diálogo ecumênico. A relação com os irmãos e irmãs batizados de outras igrejas e comunidades eclesiais é um *caminho irrenunciável* para o discípulo e missionário, pois a falta de unidade representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste” (Jo 17,21).

96. Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja latino-americana e caribenha continue sendo, com maior afínco, *companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio*. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos.

### ***Comunidades eclesiais de base, espaço de vivência comunitária da fé, alternativa à sociedade atual***

178. Na experiência eclesial da América Latina e do Caribe, as comunidades eclesiais de base têm sido escolas que

têm ajudado a formar discípulos e missionários do Senhor, com o testemunho da entrega generosa, até derramar o sangue de muitos de seus membros. Elas abraçam a experiência das primeiras comunidades, como estão descritas nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização. Enraizadas no coração do mundo, são espaços privilegiados para a vivência comunitária da fé, mananciais de fraternidade e de solidariedade e alternativa à sociedade atual fundada no egoísmo e na competição desapiadada.

179. Queremos decididamente reafirmar e dar novo impulso à vida e missão profética e santificadora das CEBs, no seguimento missionário de Jesus. Elas têm sido uma das grandes manifestações do Espírito na Igreja da América Latina e do Caribe depois do Vaticano II. As comunidades eclesiais de base, no seguimento missionário de Jesus, têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus pastores como guia que assegura a comunhão eclesial. Demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. [Atenção: texto de 31.5.2007]

### ***Ecologia: o cuidado com nossa casa comum***

471. A América Latina e o Caribe estão se conscientizando da natureza como herança gratuita que recebemos para proteger, como espaço precioso da convivência humana e como responsabilidade cuidadosa do senhorio do ser humano para o bem de todos. Essa herança muitas vezes se manifesta frágil e indefesa diante dos poderes econômicos e tecnológicos. Por isso, como profetas da vida, queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes de vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. As gerações que nos

sucedirão têm direito a receber um mundo habitável e não um planeta com ar contaminado.

474. c) Procurar um modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, e que supere a lógica utilitarista e individualista, que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos. Portanto, estimular nossos homens do campo a se organizarem de tal maneira que possam conseguir sua justa reivindicação.

### ***Evangelizar envolve promoção humana integral e autêntica libertação***

399. Assumindo com nova força essa opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação “sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade”. Entendemos, além disso, que a verdadeira promoção humana não pode reduzir-se a aspectos particulares: “Deve ser integral, isto é, promover todos os seres humanos e o ser humano todo”, a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que “a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento”.

### ***Dignidade e participação das mulheres***

451. A antropologia cristã ressalta a igual identidade entre homem e mulher em razão de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus. O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença. Em época de marcado machismo, a prática de Jesus foi decisiva para significar a dignidade da mulher e de seu valor indiscutível: falou com elas (cf. Jo 4,27), teve singular misericórdia com as pecadoras (cf. Lc 7,36-50; Jo 8,11), curou-as (cf. Mc 5,25-34), reivindicou a dignidade delas (cf. Jo 8,1-11), escolheu-as como primeiras testemunhas de sua ressurreição

(cf. Mt 28,9-10) e incorporou mulheres ao grupo de pessoas que lhe eram mais próximas (cf. Lc 8,1-3) [...].

452. A relação entre a mulher e o homem é de *reciprocidade e colaboração mútua*. Trata-se de harmonizar, complementar e trabalhar somando esforços. A mulher é co-responsável, junto com o homem, pelo presente e futuro de nossa sociedade humana.

453. Lamentamos que inumeráveis mulheres de toda condição não sejam valorizadas em sua dignidade, estejam com frequência sozinhas e abandonadas, não se reconheçam [*sic*] nelas suficientemente o abnegado sacrifício, inclusive a heróica generosidade no cuidado e educação dos filhos e na transmissão da fé na família. Muito menos se valoriza nem se promove adequadamente sua indispensável e peculiar participação na construção de uma vida social mais humana e na edificação da Igreja.

### ***Indígenas e afro-americanos em luta contra a discriminação racial, social, cultural e religiosa***

530. Como discípulos e missionários a serviço da vida, acompanhamos os *povos indígenas e originários* no fortalecimento de suas identidades e organizações próprias, na defesa do território na educação intercultural bilíngüe e na defesa de seus direitos. Comprometemo-nos também a criar consciência na sociedade a respeito da realidade indígena e seus valores, através dos meios de comunicação social e outros espaços de opinião. A partir dos princípios do Evangelho, apoiamos a denúncia de atitudes contrárias à vida plena em nossos povos de origem e nos comprometemos a prosseguir na obra de evangelização dos indígenas, assim como a procurar as aprendizagens educativas e de trabalho com as transformações culturais que isso implica.

532. O seguimento de Jesus no continente passa também pelo reconhecimento dos *afro-americanos* como desafio que nos interpela para viver o verdadeiro amor a Deus e ao próximo.

533. Por isso a Igreja denuncia a prática da discriminação e do racismo em suas diferentes expressões, pois ofende no mais profundo a dignidade humana criada à “imagem e semelhança de Deus”. Preocupa-nos que poucos afro-americanos cheguem à educação superior, sem a qual se torna mais difícil seu acesso às esferas de decisão na sociedade. Em sua missão de advogada da justiça e dos pobres, a Igreja se faz solidária aos afro-americanos nas reivindicações pela defesa de seus territórios, na afirmação de seus direitos, na cidadania, nos projetos próprios de desenvolvimento e consciência de negritude. A Igreja apóia o diálogo entre cultura negra e fé cristã e suas lutas pela justiça social, e incentiva a participação ativa dos afro-americanos nas ações pastorais de nossas igrejas e do CELAM.

### ***Os mártires da caminhada na Igreja da América Latina***

98. [...] Seu empenho [da Igreja] a favor dos mais pobres e sua luta pela dignidade de cada ser humano têm ocasionado, em muitos casos, a perseguição e inclusive a morte de alguns de seus membros, os quais consideramos testemunhas da fé. Queremos recordar o testemunho valente de nossos santos e santas, e aqueles que, inclusive sem terem sido canonizados, viveram com radicalidade o Evangelho e ofereceram sua vida por Cristo, pela Igreja e por seu povo.

140. Identificar-se com Jesus Cristo é também compartilhar seu destino: “Onde eu estiver, aí estará também o meu servo” (Jo 12,26). O cristão vive o mesmo destino do Senhor, inclusive até a cruz: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz e me siga” (Mc 8,34). Estimula-nos o testemunho de tantos missionários e mártires de ontem e de hoje em nossos povos que têm chegado a compartilhar a cruz de Cristo até a entrega da própria vida.

275. Nossas comunidades levam o selo dos apóstolos e, além disso, reconhecem o testemunho cristão de tantos homens e mulheres que espalharam em nossa geografia as se-

mentes do Evangelho, vivendo valentemente sua fé, inclusive derramando seu sangue como mártires. Seu exemplo de vida e santidade constitui um presente precioso para o caminho cristão dos latino-americanos e, simultaneamente, um estímulo para imitar suas virtudes nas novas expressões culturais da história. Com a paixão de seu amor a Jesus Cristo, foram membros ativos e missionários em sua comunidade eclesial. Com valentia, perseveraram na promoção dos direitos das pessoas, foram perspicazes no discernimento crítico da realidade à luz do ensino social da Igreja e críveis pelo testemunho coerente de suas vidas. Nós, cristãos de hoje, acolhemos sua herança e nos sentimos chamados a continuar com renovado ardor apostólico o estilo evangélico de vida que nos transmitiram.

383. São sinais evidentes da presença de Deus: a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo, sincero e fraterno, aceitando e respeitando a riqueza da pluralidade e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravos do mal.

396. Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja latino-americana e caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos.

### ***Pátria grande latino-americana e caribenha***

527. Nossa pátria é grande, mas será realmente “grande” quando o for para todos, com maior justiça. Na verdade, é uma contradição dolorosa que o continente com o maior número de católicos seja também o de maior iniquidade.



Concluímos assinalando que a realização da V Conferência no local mesmo da Basílica da Virgem Negra de Aparecida, com as celebrações acompanhadas quase sempre por milhares de romeiros, marcou os bispos ali presentes e os rumos da assembléia.

Em Aparecida, os bispos tocaram com as mãos e, de modo bem visível e concreto, a experiência da fé e piedade do povo dos pobres, batendo à porta do Santuário e entreven-do ali uma presença materna e acolhedora, misericordiosa e esperançadora do Deus dos pequenos e humildes. Reconhecera-mos, então, com humildade, no *Documento* final, que aquele povo de romeiros os tocara e evangelizara:

Sentimo-nos acompanhados pela oração de nosso povo católico, representado visivelmente pela companhia do Pastor e dos fiéis da Igreja de Deus em Aparecida, e pela multidão de peregrinos de todo o Brasil e de outros países da América ao Santuário, que nos edificaram e evangelizaram (*DAp*, n. 3).

Aparecida transformou-se, finalmente, em referência mística e espiritual para a missão. Assim como das praias do lago da Galiléia, em que Jesus chamou os primeiros discípulos e de onde os envia como discípulos/missionários, para serem pescadores de seres humanos, assim também da Conferência e mais precisamente de Aparecida partiu o convite para lançar as redes para a missão continental e mundial:

Agora, desde Aparecida, convida-os a lançar as redes ao mundo, para tirar do anonimato aqueles que estão submersos no esquecimento e aproximá-los da luz da fé. Ela, reunindo os filhos, integra nossos povos ao redor de Jesus Cristo (*DAp*, n. 265).

# A Vida Consagrada e as opções de Aparecida. O que o *Documento de Aparecida* diz e espera da Vida Consagrada

VERA IVANISE BOMBONATTO, FSP\*

A Vida Religiosa Consagrada é, por natureza, eclesial. Constitui parte integrante do ser e do existir da Igreja. Participa de sua vida e missão, alegra-se com suas conquistas e sofre com suas derrotas. É peregrina, com todo o Povo de Deus, nos caminhos da história, rumo à Pátria Trinitária, ajudando o Reino a crescer e tornar-se visível, e lutando contra as forças do anti-Reino. Está presente e oferece sua contribuição específica nos eventos significativos que marcam as encruzilhadas da trajetória eclesial, no tempo e no espaço.

Foi o que aconteceu na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Aparecida. A Vida Religiosa Consagrada participou ativamente na fase preparatória e durante a realização do evento, por meio da presença e atuação de seus representantes na assembléia. Conseqüentemente, neste tempo pós-Aparecida, com todo o Povo de Deus, sente-se co-responsável em assumir e colocar em prática as orientações contidas no *Documento de Aparecida*.

Neste sentido, como ponto de partida, é importante perguntar-se: que é que o *Documento de Aparecida* afirma sobre a Vida Consagrada? Que é que o *Documento de Aparecida* espera da Vida Consagrada? Tentaremos responder a essas duas perguntas ao longo deste artigo, tendo o cuidado de identificar os espaços em transformação que se oferecem à Vida Consagrada e que pedem uma atenção particular neste momento da nossa história, marcado por profundas e rápidas transformações em todos os campos da atividade humana.

\* **Irmã Vera Ivanise Bombonato** pertence à Congregação das Irmãs Paulinas, é doutora em Teologia e membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB/ Nacional. **Endereço da autora:** Rua Domingos de Moraes, 678, Vila Mariana, cep 04010-100, São Paulo-SP, tel.: (11) 2125-3500. E-mail: vera.bombonato@paulinas.com.br.

Não queremos com isso, de nenhum modo, restringir ou minimizar a proposta de Aparecida em toda a sua relevância e pertinência para todo o Povo de Deus, do qual a Vida Religiosa é parte integrante. Antes, chamando a atenção para as referências específicas à Vida Consagrada, queremos dar mais realce à globalidade do projeto e estimular à corresponsabilidade e à participação ativa.

### ***Afirmações de Aparecida acerca da Vida Consagrada***

Seguindo o método ver-julgar-agir, na primeira parte, o *Documento de Aparecida*, desde a perspectiva da fé e da pastoral, olha para realidade sociocultural, econômica, política. Analisa as grandes mudanças que estão ocorrendo em nosso continente e no mundo. Neste contexto, considera a situação da Igreja nesta hora histórica de desafios e faz um balanço dos sinais positivos e negativos.

Nesta parte, o *Documento* faz duas referências explícitas à Vida Consagrada. De um lado, entre os múltiplos aspectos positivos que caracterizam o ser Igreja, a Vida Consagrada é reconhecida na tríplice expressão de:

- testemunho significativo,
- participação ativa na ação pastoral,
- presença em situação de pobreza, de risco e de fronteira (cf. n. 99 c).

Este reconhecimento refere-se a três aspectos significativos da identidade e da missão da Vida Consagrada, na América Latina e no Caribe: o testemunho de vida alegre e entregue pela causa de Jesus, a atuação pastoral em comunhão eclesial e a coragem profética na missão.

Por outro lado, entre os aspectos negativos, o *Documento de Aparecida* refere-se às “não poucas recaídas secularizantes na Vida Consagrada influenciadas por uma antropologia meramente sociológica não evangélica” (cf. 100 b). Lamenta a relativa escassez de vocações aos ministérios e à Vida Consagrada (cf. n. 100 e) e, conseqüentemente, chama a

atenção para a importância da pastoral vocacional (cf. nn. 314-315).

Inserida na sociedade e como parte integrante dela, a Vida Consagrada recebe o influxo dos complexos processos socioculturais que direcionam a história. Seu desafio é manter-se fiel ao Evangelho, no seguimento de Jesus, em meio às vicissitudes históricas. E a diminuição das vocações e sua perseverança constituem, na atualidade, uma preocupação para todas as congregações e institutos religiosos.

Na segunda parte, o *Documento* trata da vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários. No capítulo V: A comunhão dos discípulos missionários na Igreja, o texto reserva os números 216-224 para “Os consagrados e consagradas, discípulos missionários de Jesus Testemunha do Pai”. São nove artigos, que situam a Vida Religiosa Consagrada entre os discípulos missionários com vocações específicas na Igreja.

Retomando a exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata* (nn. 1, 3, 4, 16, 17), reafirma que a Vida Consagrada é:

- Dom do Pai, por meio do Espírito, à sua Igreja.
- Caminho de especial seguimento de Cristo, para dedicar-se a ele com coração indiviso e colocar-se como ele, a serviço de Deus e da humanidade, assumindo a forma de vida que Cristo escolheu para vir a este mundo: vida virginal, pobre e obediente.
- Constitui elemento decisivo para sua missão (n. 216).

Reafirmam-se aqui três dimensões essenciais da Vida Consagrada: trinitária, cristocêntrica e eclesial.

No contexto de uma sociedade secularizada, que atinge também a Vida Consagrada, os religiosos e as religiosas são chamados a testemunhar a absoluta primazia de Deus e de seu Reino. A Vida Consagrada se converte em testemunha:

- do Deus da vida em uma realidade que relativiza seu valor (obediência),
- da liberdade diante do mercado e das riquezas que valorizam as pessoas pelo ter (pobreza),

- de entrega no amor radical e livre a Deus e à humanidade diante da erotização e banalização das relações (castidade) (n. 219).

Essa referência aos votos religiosos deve ser entendida no contexto do seguimento de Jesus pobre, casto e obediente ao projeto do Pai, e em chave de testemunho escatológico.

O *Documento de Aparecida* interpreta a identidade e missão da Vida Consagrada à luz do tema “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida” e da frase bíblica “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Afirma que a Vida Consagrada é chamada a ser:

- *Vida discipular*: apaixonada por Jesus-caminho ao Pai, por isso de caráter profundamente místico e comunitário.
- *Vida missionária*: apaixonada pelo anúncio de Jesus-verdade do Pai, por isso mesmo profética, capaz de mostrar a luz de Cristo às sombras do mundo atual e os caminhos de uma vida nova, para o que se requer um profetismo que aspire até a entrega da vida em continuidade com a tradição de santidade e martírio de tantas e tantos consagrada(os) ao longo da história do continente.
- *Vida a serviço do mundo*: apaixonada por Jesus-vida do Pai que se faz presente nos pequenos e nos últimos, a quem serve a partir do próprio carisma e espiritualidade (n. 220).

Retomam-se, dessa forma, alguns elementos fundamentais: o caráter místico comunitário, a radicalidade profética, a tradição de santidade e martírio, o serviço à vida e a fidelidade do próprio carisma.

Aparecida reconhece a atuação profética da Vida Consagrada em nosso continente e situa a Vida Consagrada na grande virada que a Igreja latino-americana e caribenha é chamada a dar: passar de uma pastoral da conservação para uma pastoral missionária. Esta gigantesca tarefa exige mudança de mentalidade e de comportamento. Certamente, a Vida Consagrada, que por vocação é chamada a ser discípula, missionária e a estar a serviço da vida, tem uma contribuição qualificada a dar para a realização dessa desafiante proposta.

Essa contribuição qualificada será eficaz na medida em que religiosos e religiosas se colocarem radicalmente no seguimento de Jesus Caminho, Verdade e Vida, sendo também eles caminho, verdade e vida para a humanidade hoje.

Outro aspecto relevante no *Documento* ao tratar da Vida Consagrada é a referência à comunhão: “A partir do seu ser, a Vida Consagrada é chamada a ser especialista em comunhão, no interior tanto da Igreja quanto da sociedade” (n. 218). “Não pode existir vida cristã fora da comunhão: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de Vida Consagrada...” (n. 278 d).

A vida em comum-união tem seu fundamento e modelo no mistério trinitário: religiosos e religiosas são *con-vocados*, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a viver em comunhão à luz do próprio carisma institucional.

O *Documento* traz uma referência especial à Vida Religiosa contemplativa, “testemunha de que somente Deus basta para preencher a vida de sentido e de alegria” (n. 221).

Em relação às novas formas de Vida Consagrada, o *Documento de Aparecida* recomenda que sejam “acolhidas e acompanhadas em seu crescimento e desenvolvimento no interior da Igreja” e pede aos bispos “discernimento sério e ponderado sobre seu sentido, necessidade e autenticidade” (n. 222).

De forma geral, o *Documento* afirma que “os pastores valorizam como inestimável dom a virgindade consagrada, daqueles que se entregam a Cristo e à sua Igreja com generosidade e coração indiviso, e se propõem velar por sua formação inicial e permanente” (n. 222).

### ***Esperanças de Aparecida em relação à Vida Consagrada***

Há uma esperança fundamental que atravessa todo o *Documento* e que se transforma em proposta audaciosa: fazer de todos os cristãos discípulos missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida. Essa proposta envolve e compromete a Vida Consagrada chamada, segundo seus carismas, a colaborar na gestão de:

- uma nova geração de cristãos discípulos missionários,
- uma nova sociedade onde se respeite a justiça e a dignidade das pessoas (n. 217).

Essas duas realidades são espaços em transformação que exigem a nossa presença e atuação profética. Dada a sua importância, vamos considerar cada um desses aspectos.

## Colaborar na gestação de uma nova geração de discípulos missionários

O *Documento de Aparecida* reconhece a colaboração da Vida Consagrada para a missão da Igreja (n. 217). No texto, o verbo *colaborar* é usado no presente *colaboram*, indicando uma realidade que já está acontecendo. Ao mesmo tempo, coloca algumas condições para que continue ocorrendo: “Fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres, como tem sido em nosso continente desde o início da evangelização” (n. 217).

Essa afirmação, de um lado, nos provoca a um profundo exame de consciência acerca da qualidade da nossa presença, das nossas relações fraternas, de nossas obras apostólicas. Por outro, sabemos que, em muitos lugares, dada a situação de extrema carência de nosso povo, o anúncio explícito do Evangelho necessita ser acompanhado com obras de promoção humana e de defesa da vida que garantam sua dignidade e sobrevivência.

Entretanto, não resta dúvida de que o objetivo que se quer alcançar é desafiante: formar uma nova geração de cristãos discípulos missionários. É importante perguntar-se: qual é a identidade desta nova geração de discípulos missionários? No próprio *Documento* a resposta. O discípulo missionário é vocacionado à santidade e à comunhão na alegria de ser:

- chamado a seguir Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida (nn. 129-135) e a identificar-se com ele (nn. 136-142), por meio do encontro pessoal com Jesus Cristo que se concretize numa experiência profunda de fé;

- enviado a anunciar o Evangelho do Reino da vida (nn. 143-148);
- animado pelo Espírito Santo (nn. 149-153);
- chamado a viver em comunhão com todo o Povo de Deus (nn.154-162).

O chamado ao seguimento de Jesus, a progressiva configuração a ele, o envio, a vida no Espírito e a comunhão, que caracterizam o ser discípulo missionário, não são realidades justapostas, mas complementares, e estão inter-relacionadas, constituindo um itinerário mistagógico de santificação.

Aparecida especifica alguns lugares de encontro com Jesus Cristo: a Sagrada Escritura, a sagrada liturgia, a eucaristia, a reconciliação, a oração pessoal e comunitária, os pobres, aflitos e enfermos, a piedade popular (nn. 246-265).

O *Documento* destaca a importância do caminho formativo do discípulo missionário; um processo que comporta cinco aspectos fundamentais e complementares: o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão (n. 278). Tal formação deve respeitar os seguintes critérios básicos:

- ser integral, querigmática e permanente;
- estar atenta às dimensões humanas e comunitária, espiritual, intelectual, pastoral e missionária;
- respeitar os processos e acompanhar o discípulo;
- formar na espiritualidade da ação missionária (nn. 279-285).

A realidade da formação do discípulo missionário em todas as suas dimensões apresenta-se como um amplo espaço de transformação para a Vida Consagrada que engloba uma dúplici exigência:

- a) requer uma atenção especial na formação inicial e continuada de seus membros e
- b) abre a possibilidade de ações concretas no campo da formação dos discípulos missionários, de acordo com a especificidade do próprio carisma.



## Colaborar na gestação de uma sociedade na qual se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana

Esta nova sociedade, caracterizada pela vida em plenitude para a pessoa inteira e para os nossos povos, é o ponto de chegada que todos almejam. Sua gestação inclui a promoção humana e a libertação integral da pessoa humana e de todas as pessoas, tornando-as sujeitos e protagonistas da sua própria história. Ela será fruto de um discipulado e de uma Igreja discípula em permanente estado de missão.

O discípulo é chamado e enviado em missão a serviço da vida. A opção pela vida é parte integrante do caminho de seguimento de Jesus, que afirmou: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Vida concreta em todas as suas dimensões e em todas as suas etapas, que inclui ações imediatas e políticas públicas que garantam vida plena.

Conseqüentemente, o discípulo missionário compromete-se com a opção preferencial pelos pobres implícita na fé cristológica no Deus que se fez pobre para enriquecer-nos com sua pobreza.

O grande desafio para a Igreja e para a Vida Religiosa consiste em descobrir os novos rostos da pobreza (n. 402), os novos sujeitos sociais, os novos excluídos. Esses novos rostos que estão nas novas fronteiras, nas novas periferias, nos novos desertos, que são espaços em transformação.

O *Documento de Aparecida* indica os lugares de gestação da nova sociedade, que são também espaços de formação dos discípulos missionários: a família, primeira escola da fé (nn. 302-303), as paróquias (nn. 304-305), as pequenas comunidades eclesiais (nn. 307-310), os movimentos eclesiais e as novas comunidades (nn. 311-313), os seminários e casas de formação (nn. 314-327), a educação católica (nn. 328-346).

Para essa nova sociedade, destacamos aqui aquelas implicações em que o *Documento* se refere explicitamente à Vida Consagrada.

- *Conversão pastoral*: “[...] consagrados e consagradas [...] são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29), através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (n. 366).
- *Diálogo ecumênico*: “[...] incentivamos [...] à Vida Consagrada [...] a participarem de organismos ecumênicos, com cuidadosa preparação e esmerado seguimento dos pastores, e realizarem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social” (n. 232)
- *Pastoral urbana*: “Um plano de pastoral orgânico e articulado que se integre em projeto comum às paróquias, comunidades de Vida Consagrada, pequenas comunidades, movimentos e instituições que incidem na cidade, e que seu objetivo seja chegar ao conjunto da cidade” (n. 518 b).

Além dessas três exigências, em que há referência explícita à Vida Consagrada, o *Documento de Aparecida* inclui, entre outros, a renovação eclesial, a pastoral social, o protagonismo da mulher.

## Vida Consagrada na Igreja

No que diz respeito à relação da Vida Consagrada com a Igreja, o *Documento de Aparecida* assim se exprime:

A vida e a missão dos consagrados devem estar inseridas na Igreja particular e em comunhão com o bispo. Para isso é necessário criar meios comuns e iniciativas de colaboração que levem a um conhecimento e valorização mútuos e a um compartilhar da missão de todos os chamados a seguir Jesus (n. 218. Cf. n. 169).

É importante salientar que os meios comuns e as iniciativas de colaboração levem a um conhecimento e a uma valorização mútuos e a compartilhar a missão. Para isso, requer-se, de ambas as partes, abertura ao diálogo e respeito recíproco.

O *Documento de Aparecida* reconhece a missão de serviço e animação da Vida Consagrada dos organismos nacio-

nais e continentais: Confederação de Institutos Seculares (CISAL), Confederação dos Religiosos da América Latina (CLAR) e as conferências nacionais dos religiosos.

Por fim, o *Documento de Aparecida* lembra que os povos latino-americanos e caribenhos esperam muito da Vida Consagrada nas suas várias expressões: contemplativa, de vida apostólica e secular. Ela revela o rosto materno da Igreja. “Seu desejo de escuta, acolhida e serviço, e seu testemunho dos valores alternativos do Reino, mostram que uma nova sociedade latino-americana e caribenha, fundada em Cristo, é possível” (n. 224).

Concluindo, queremos lembrar que, para além das referências explícitas à Vida Consagrada, é preciso acolher a renovadora proposta de Aparecida na sua globalidade, em suas urgências e implicações, e colocar-se a caminho para concretizá-la, no seguimento de Jesus, o enviado do Pai, e animados pelo Espírito. Aparecida marca o início de um caminho novo. O importante é não fazer do *Documento de Aparecida* um ponto de chegada, mas um ponto de partida para “avançar em águas mais profundas”. É importante colher o espírito de Aparecida: ir além das palavras e captar os anseios profundos de todas as criaturas que gemem e sofrem a espera da gestação de uma nova sociedade.

## **Bibliografia**

- AMERÍNDIA (Org.). *Aparecida, o renascer da esperança*. São Paulo, Paulinas, 2007.
- BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo, Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Documento de Aparecida*. São Paulo, Paulinas, 2007.
- Revista eletrônica *Ciberteologia*: <[www.ciberteologia.com.br](http://www.ciberteologia.com.br)>.

# Apontamentos sobre a Vida Religiosa inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária

EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, ICM\*

O horizonte das reflexões e debates desta XXI Assembleia Geral da CRB nos lança, nos convoca a *olhar, situar, analisar e inserir* neste tempo de mudanças civilizatórias em novos espaços. Espaços em transformação nos quais a vida se encontra ameaçada e precisa ser defendida, dignificada e promovida.

## *Respigando o caminho*

Resgatar criativamente a VR inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária foi a meta assumida na prioridade 06 como um grito, um apelo incisivo no final de sua XX AGO em julho de 2004: “Resgatar, de forma criativa, a inserção em meios populares, bem como a missionariedade, em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes”. E desenvolvida pelo programa “VR: Inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária”, com o lema “Respirar a memória, celebrar o presente, sonhar profecia”.

Programa que, com o objetivo de

convocar a Vida Religiosa Consagrada para o resgate criativo da inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária, numa renovada opção pelo povo empobrecido e excluído nos diferentes contextos sociais em fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo e aos carismas fundacionais,

deu corpo, rosto e dinamismo ao processo que hoje celebramos e propomos continuidade. Um processo bonito que

\* **Ir. Eurides Alves de Oliveira**, mestra em Ciências da Religião, é membro do GT da VR-SOL e da equipe de articulação da Rede Um Grito pela Vida, em prol da erradicação do tráfico de seres humanos. **Endereço da autora:** Qd. C – Casa 53 – Conj. Res. São Paulo, São Sebastião, cep 64085-010, Teresina-PI, tel.: (96) 3236-2463. E-mail: ireurides@yahoo.com.br.

deu asas à esperança, ressuscitando o ânimo de muitas e muitos na caminhada da inserção, oportunizando retomar o caminho percorrido, reafirmar convicções e vislumbrar novos horizontes e desafios.

## ***Etapas do processo***

1. Formação do GT e do GT ampliado
2. Realização dos seminários regionais e inter-regionais
3. Pesquisa sobre a inserção da VR hoje
4. Leitura e socialização dos resultados
5. Outros múltiplos esforços para uma retomada criativa da inserção: parcerias, participações (Fórum Social Mundial, marcha pela reforma agrária...), Plano para Amazônia, Comitê Dorothy; pronunciamentos diversos em favor da vida, da justiça e da paz.

Na última reunião do GT ampliado deste triênio, em abril/2007, com representantes das cinco regiões, revisitamos este caminhar,

uma visita calorosa, memória de novos ventos reacendendo a chama de uma experiência que fascinou uma geração de religiosas e religiosos e abalou estruturas milenares, mas que pouco a pouco ia ficando encoberta pelas cinzas. Uma visita reflexiva, que procurou distinguir, o quanto possível, por onde passam os sinais de uma recriação da inserção em novos paradigmas, e por onde se escondem as resistências a um processo de mudança, as acomodações e aprisionamentos a antigos modelos e esquemas. Uma visita agradecida, que reconheceu a ação de Deus suscitando e animando todo impulso profético que leva a VR a não perder de vista que o lugar de sua tenda só pode ser no acampamento dos(as) empobrecidos(as) e injustiçados(as) da história (cf. Gloria... In: *Inf. Coverg*, jun./2007).

*Palavras sementes que emergiram deste caminhar:* Memória / Geração / Novo nascimento / Participação / Novo impulso/ Sopro sobre as cinzas / Mutirão / Articulação / Parcerias / Profecia / Romper fronteiras/ Novos espaços / Cidadania ativa/ Esperança / Utopia / Processo inacabado / Caminhos em construção/

## ***Resignificando o caminho***

Inserir significa “colocar-se no meio”, “incluir-se entre”. Após o Concílio Vaticano II, mais precisamente a partir da clara opção da Igreja da América Latina pelos pobres nas conferências de Puebla e Medellín, a inserção da VR no mundo dos pobres, assumindo seu lugar geográfico e social como lugar teológico da morada de Deus, tornou-se uma forma privilegiada e profética para muitas(os) religiosas(os) viverem sua consagração/missão. E constituiu um marco, contribuiu de maneira decisiva para uma nova configuração histórica da VR e da Igreja pós-conciliar no Brasil e na América Latina.

Implicou num movimento exodal (cf. Ex 3,7-10). Êxodos geográficos, sociais, culturais e espirituais. Um movimento de saída do centro para a periferia, do meio urbano para o rural, ou seja, de deixar o ambiente de “Jerusalém” para fixar-se na “Galiléia”. Assumindo um processo de despojamento, de *kénosis* social e espiritual, que provocou grandes mudanças pessoais e comunitárias no estilo de vida, na mentalidade, no jeito de rezar, de relacionar-se, de realizar os processos formativos e de atuar na missão. A Vida Religiosa, o(a) religioso(a) inserido(a) em meios populares acentua o viver *com* e, tanto quanto possível, *como* os pobres, partilhando de suas alegrias e esperanças, sofrimentos e lutas, fé e vida.

Hoje, afirmamos convictas que a inserção não é uma onda que passou, o lugar do pobre continua sendo o lugar da morada de Deus, e é lá que quem se consagra a Deus deve estar, pois, se “o artista vai onde o povo está”, como canta Milton Nascimento, muito mais a religiosa, o religioso, que livremente “deixou de ser do seu pra ser de Deus e do povo”.

O contexto atual — globalização capitalista neoliberal geradora de exclusão, violência e morte de milhões de pessoas, povos e culturas — continua interpelando as congregações a uma Vida Religiosa inserida nos meios populares, nas fronteiras e periferias dos espaços em transformação.

O resgate criativo da inserção da VR nos meios populares e em novos espaços insere-se no processo de recriação

de toda a VR. É um retorno às fontes originárias da Vida Consagrada, marcada pela dedicação, participação, reflexão e iniciativas inovadoras em diversos níveis e dimensões. É um relançar a inserção como jeito de toda a VR ser, em fidelidade ao princípio da encarnação: Deus que arma sua tenda entre os pobres, assume a sua causa e por essa causa dá a vida.

Uma encarnação vivida nas fronteiras das causas humanas, onde os direitos dos povos indígenas, dos afro-descendentes, das mulheres traficadas, das crianças e adolescentes prostituídos e de tantos outros filhos e filhas de Deus são negados, violentados e desrespeitados.

Lá “morando e convivendo com”, ou assumindo os espaços articuladores dos direitos à vida e à cidadania, para com conhecimento, ética e firme empenho garantir que tais direitos, através das políticas públicas, cheguem àqueles e àquelas que, mergulhados(as) no mundo da exclusão, clamam e esperam por dias melhores.

Nessa tarefa a VR se junta a muitos outros e outras, a organizações, grupos e pessoas que, de forma processual, vão gestando uma alternativa profética e solidária, construída em articulações, redes, parcerias e alianças solidárias como expressão de sua opção pelos pobres, caminho de fidelidade à opção fundamental por Jesus Cristo.

A encarnação vivida desta forma nos remete diretamente ao Evangelho. Não é uma encarnação qualquer, uma inserção sem critérios, no embalo da atualidade pós-moderna, ou uma simples repetição do passado. É um movimento de volta ao Evangelho, aos pobres, à participação ativa na luta do povo, à prática e à vivência da justiça e do amor solidário.

Numa sociedade injusta e desigual, o seguimento de Jesus se realiza necessariamente na opção pelas pessoas e populações empobrecidas e excluídas, em caminhos de resistência e solidariedade, rumo à transformação dos sistemas e estruturas injustas.

A partir desse dado inquestionável, os institutos de Vida Consagrada não têm outro caminho a não ser buscar discernir juntas e juntos caminhos concretos de vivenciar a opção

evangélica pelos pobres, à luz dos diversos carismas fundacionais. A opção pelos pobres é essencial para a VR. Os pobres são o espelho onde a VR se vê e se reconhece, onde encontra seu nascedouro e a razão para continuar existindo.

O lugar do pobre continua sendo o lugar da morada de Deus, e é lá que quem se consagra a Deus deve estar, porém hoje a inserção não pode ser só geográfica, a VR deve ir e estar não só onde os pobres moram (estão), mas onde os pobres vão (na roça, nas praças, nas feiras; no mercado informal de trabalho, nas iniciativas e grupos de economia solidária; nas escolas públicas, nas instituições de assistência e promoção social; nos conselhos, programas de saúde, na família etc.).

A VR vive um momento histórico de transição e de busca de novos horizontes. Traçar caminhos supõe situar-se nos espaços sociais, políticos, culturais e teológicos. Faz-se necessário tecer prospectivas.

### ***Celebrar o presente (síntese da pesquisa)***

#### **Constatações**

- Distribuição desigual nas regiões (centralização no Sudeste e Sul)
- VR inserida é majoritariamente feminina
- Faixa etária: maioria acima dos 60 anos
- Significativa lacuna da geração mediana (40 a 50 anos)
- Pouquíssima entrada da VR jovem na inserção
- Reduzidíssimo número de casas de formação na inserção (252)
- Áreas de atuação: predominantemente pastoral — paroquialização da VR inserida
- Significativa presença em meio aos pobres, muitas ações e projetos filantrópicos voltados para os pobres
- Tímida presença nos espaços da sociedade civil, espaços de formulação e articulação das políticas públicas
- Déficit na linguagem (discriminatória e pouco inclusiva)



- Dificuldade de ser apenas “um(a) com”, conflitos com leigos(as), crise de identidade
- Itinerância, missionariedade. Um grande leque de presenças e serviços junto aos(às) empobrecidos(as), pessoas em situação de vulnerabilidade social

## Desafios

- Desparoquialização, novo êxodo... para “além do altar”
- Aprofundar a eclesialidade da VRC. Superar o eclesio-centrismo
- VR mais cidadã, ocupar espaços formuladores e articuladores das políticas públicas (fóruns, conselhos de direitos, secretarias, conferências...), assumir-se com terceiro setor com todos os riscos e ganhos
- Ir além da obrigatoriedade filantrópica. Articular os projetos sociais de nossos institutos com as lutas por políticas públicas — unir solidariedade com cidadania ativa
- Capacitação permanente
- Formação na inserção
- O contexto de novas pobreza
- Retomar a mística e a militância. Voltar às ruas e praças, “espaço do povo” para sobrevivência e luta

## ***Ampliando horizontes:***

### ***Vida Religiosa Solidária.***

### ***Caminho de encarnação dos carismas***

1. A missão da Vida Consagrada consiste, em primeiro lugar, no testemunho de vida radicado na experiência do seguimento de Jesus. Deste compromisso brota o cuidado com a causa do Reino expresso no compromisso com a justiça, a solidariedade na defesa da vida de empobrecidos e empobrecidas. Por isso que a inserção e a presença solidária junto aos pobres é exigência do seguimento de Jesus.

2. Nossas fundadoras e nossos fundadores receberam os carismas de nossas congregações e institutos como dom e os propuseram à Igreja e ao mundo como “Projeto de vida evangélica”, projeto que vai além dos muros e paradigmas congregacionais já instituídos.

O carisma é uma realidade dinâmica, e será mais fecundo, duradouro e eficaz quanto mais livre e ousada for nossa capacidade para criar *novas expressões* e animar *novos estilos de vida e missão* que o expressem. A presença solidária inserida da VR é sem dúvida uma forma privilegiada de atualizar e encarnar nossos carismas, assumindo espaços e projetos concretos que nos aproximem mais dos pobres, que expressem significativamente os valores de nossa espiritualidade e missão.

3. A VR inserida e solidária constitui meio e caminho para vivermos a dimensão sociopolítica do carisma, tornando-o sinal-profecia do Reino na Igreja e na sociedade.

A Vida Religiosa pós-conciliar, sobretudo a inserida em meios populares, carrega no ventre uma rica experiência deste partilhar o carisma no compromisso com a transformação sociopolítica da sociedade, através da inserção e do engajamento nas pastorais sociais, nos movimentos e organizações populares. Legado que trouxe para a VRC em geral um leque de possibilidades para a *encarnação e inculturação do carisma*.

4. Nas últimas duas décadas, por causa do recuo da Igreja às orientações do Concílio Vaticano II, de um certo esfriamento da teologia da libertação e da ascensão na Igreja dos movimentos espiritualistas, as congregações também frearam em muito sua inserção social no mundo dos pobres e nos espaços da sociedade civil, constituindo um fator gerador de uma profunda *crise de significatividade e aprisionamento do carisma*. O individualismo, o consumismo e o aburguesamento ofuscarão a profecia carismática herdada dos(as) fundadores(as) e enfraquecem a força de atração às novas gerações.

5. Mas como a vida sempre nos oferece a possibilidade de recomeçar, temos novamente a oportunidade de refazer o caminho. As novas pobreza nos desafiam a *ocupar os espaços vazios* e/ou aqueles que não estão sendo ocupados devidamente. Os novos tempos estão exigindo *novas sensibilidades*,

*novas inserções e novas expressões de solidariedade.* Lançam-nos para um presente futuro sob o imperativo da solidariedade, do compromisso com os pobres, da espiritualidade bíblica e libertadora, de uma vivência comunitária que transcende a observância, de uma instituição que se entende como um espaço de mediação em meio a outras, por isso não pode isolar-se, deve ser *flexível, criativa e aberta às redes e parcerias com outras congregações, grupos e organizações.*

6. Ser presença alternativa, ocupar espaços na sociedade civil, atuar em redes e parcerias com organismos, pastorais e movimentos sociais, tendo em vista projetos conjuntos que visam a combater as causas profundas da exclusão social.

Essa compreensão coloca para nós a urgência de continuar buscando meios e caminhos para simplificar e atualizar a estrutura e compreensão de nós mesmas(os) enquanto pessoas e instituição, de assumir a inserção nos espaços que promovem e defendem a vida e os direitos dos pobres, como um *movimento de volta ao Evangelho, como um modo peculiar de ressignificar o carisma e a missão deixados por nossas(os) fundadoras(es).*

Vale lembrar que a inserção nesses espaços é exigente e desafiadora, requer *mística pascal profunda, consciência crítica apurada, capacidade de acolhida e convivência com o diferente, abertura a novos paradigmas e clareza de projeto e de identidade.*

Nossa presença nesses espaços como mulheres e homens consagrados deve ultrapassar as atividades que realizamos, fala alto enquanto *testemunho social dos conselhos evangélicos (obediência como fidelidade aos sinais dos tempos, castidade como amor-doação ao Deus encarnado, num compromisso afetivo e efetivo com os(as) empobrecidos(as), pobreza como partilha, solidariedade e compromisso com os pobres, pelos pobres e contra a pobreza estrutural).*

Para avançar neste caminho fazem-se necessárias novas *travessias exodais:*

- *Dos templos para as tendas:*

[...] Construimos templos porque queremos segurança e depois somos engolidos pelo templo que construimos. O templo esgota a criatividade. Nele não se pode fazer mais do que um

trabalho de manutenção ou conservação. A tenda, por sua vez, desmascara a segurança e definitividade. Oferece uma grande mobilidade, oferece liberdade em meio à fragilidade, possibilidade de itinerância, leveza... Toda história da salvação mostra que o Espírito de Deus trabalha na direção das tendas... (frei Moacir Casagrande, ofmcap).

- *Das Casas de Formação para as Ruas de Formação:*

[...] Quem opta pelo templo, constrói casas de formação. Quem opta por tendas, constrói ruas de formação. Precisamos responder a uma pergunta básica para definirmos o processo formativo: queremos formar para a missão e a prática de Jesus ou para a manutenção de nossas instituições? Se for para nossas instituições, então seguimos a direção do templo e das casas de formação. Se for para a missão e a prática de Jesus, temos de trabalhar na linha das tendas e das ruas de formação (frei Moacir Casagrande, ofmcap).

- *Do centro para a periferia e a fronteira:* Itinerâncias geográficas, sociais, culturais, metodológicas...
- *Da ajuda aos pobres para a convivência e a luta com os pobres:* fazer com, evitar o assistencialismo, ultrapassar as caridades filantrópicas...
- *Das atividades intercongregacionais a projetos e convivências intercongregacionais:* partilhando recursos humanos e materiais e a riqueza do nosso carisma numa relação de interatividade mútua em vista da missão junto aos empobrecidos nos lugares de fronteiras.
- *De uma "eclesialidade eclesiocêntrica" restrita à paróquia à Igreja hierárquica, para uma "eclesiologia Reinocêntrica", caracterizada pela nossa missão específica de ser sinal do Reino de Deus no mundo:* somos eclesiais e não eclesiásticas. Temos, como mandato eclesial, sinalizar a comunhão trinitária de nosso Batismo, de nossa consagração, e esta não se vincula à Igreja enquanto hierarquia, mas à Igreja da comunhão e da participação — Igreja Povo de Deus! Assumir nossa laicidade.
- *De uma cidadania passiva a uma cidadania ativa:* ampliar a participação, o engajamento e a militância propositiva nos diferentes espaços onde atuamos.

- *De uma visão de carisma restrito à instituição a uma visão do carisma como dom para:* ou seja, como um carisma que se faz missão pela presença dos membros da instituição no interior de outras...

## **Sonhar profecia. Prospectivas**

### **Janelas de ação pensadas pelo GT ampliado**

1. (Re)assumir a inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária como prioridade na CRB e em nossas congregações.
2. A continuidade do GT ampliado como grupo de reflexão e articulação.
3. Subsídio interdisciplinar que fundamente, dê sustentação e projete a caminhada.
4. (Re)assumir o processo formativo na inserção.
5. Dar visibilidade à presença e à ação transformadoras da VR inserida (sistematizar e divulgar experiências).
6. Empenhar-se para que nossa solidariedade ultrapasse a filantropia — unir solidariedade e cidadania ativa. Dimensão sociopolítica dos carismas.
7. Ampliar o leque de nossas inserções, sair do estritamente eclesial. Ocupar espaços na sociedade civil, espaços de luta por políticas públicas...
8. Comprometer-se com a erradicação do tráfico de seres humanos, assumindo esta causa como uma resposta concreta ao *grito* das novas pobreza.

Termino esta minha fala com a convicção de Gonzaguinha:

“Fé na vida,  
fé na gente,  
fé no que virá,  
nós podemos tudo,  
nós podemos mais...”

SIM, nós podemos mais, juntas e juntos!

Um abraço a todas(os) e a cada uma(um)!

## Missão profética da Vida Religiosa Consagrada em face dos espaços em transformação

CLEUSA MARIA ANDREATTA, IDP\*

A missão sempre nos mantém em movimento, nos inquieta e não permite que nos acomodemos. E isto acontece de modo especial nesta época, que estudiosos das transformações contemporâneas muito bem caracterizam não apenas como “época de mudanças”, mas, sobretudo, como “mudança de época”. Nas considerações que seguem, recolhemos alguns apontamentos que visam a contribuir nos diálogos que a XXI Assembléia Geral da CRB está propondo em torno do tema “Vida Religiosa e espaços em transformação”.

### ***Na ousadia e na fidelidade, acolher os desafios de nosso tempo***

*Diga a esta geração: avance!* (Ex 14,15). Pensar a *missão profética* da VRC acolhendo a convocação dessa palavra em meio às provocações que emergem das amplas transformações que caracterizam nosso tempo é, certamente, tarefa que nos exige otimismo, ousadia e esperança, e, sobretudo, fidelidade a Deus, que nos chama e consagra, nos confia uma missão e nos interpela desde as situações concretas.

Tal tarefa nos coloca diante de um duplo reconhecimento. Reconhecemos que a VRC tem um amplo potencial de recriar-se em meio às transformações em fidelidade criativa ao Evangelho e ao carisma que é constitutivo de sua identidade. A dinâmica da encarnação e do discernimento que marca história da VRC como um todo e a história de cada uma de nossas congregações e institutos desde suas origens

\* Ir. Cleusa Maria Andreatta, teóloga; integra a Equipe de Reflexão Teológica da CRB Porto Alegre-RS. É professora de Teo-

constitui-se, hoje, numa enorme bagagem de aprendizagens que nos ajuda a posicionar-nos com coragem, paciência e responsabilidade diante das transformações que nos desafiam. Precisamos resgatar e ter presente toda a sabedoria já acumulada. Por outro lado, reconhecemos que a VRC tem encontrado dificuldades de situar-se, compreender-se e recriar as possibilidades de sua missão em meio às transformações do mundo atual.

Temos de perguntar-nos: avançar para onde? Como estamos para avançar? Com quem estamos? Com quem vamos avançar?

## ***Re-situar a identidade e a missão da Vida Religiosa Consagrada***

As transformações contemporâneas afetam a vida religiosa mesma, em seus membros e formas de organização, confrontando-a com o desafio de *re-situar* sua identidade e a missão da VRC. Modelos de VRC que foram válidos e relevantes em outros contextos freqüentemente se mostram inadequados para fazer frente às demandas atuais da missão. Temos de dar-nos o tempo necessário para compreender as transformações que nos envolvem e assumir um discernimento orante, consciente e responsável. Certamente, tais transformações trazem problemas, contradições e desafios. Mas elas também trazem em seu bojo possibilidades novas e apresentam novas perspectivas, pelo fato de confrontarmos com novas exigências.

## ***A centralidade da missão e da experiência de Deus***

Temos dois referenciais de nossa identidade dos quais não podemos abrir mão: a *centralidade da missão* e a *centralidade da experiência de Deus*. Não podemos perder de vista a *centralidade da missão*. Como bem nos recorda Paredes,

a missão é a chave para entender a Igreja e tudo o que nela acontece, como também a Vida Consagrada. Sem a missão como

logia e Bioética da  
UNISINOS – São  
Leopoldo. **Endere-  
ço da autora:** Rua  
São Luís, 1131, apto  
303/304, Petrópo-  
lis, 90620-170, Por-  
to Alegre-RS. Tel.:  
(51) 3318-4032.  
E-mail: cmandreat-  
ta@yahoo.com.br

ponto básico e como princípio arquitetônico tudo pode ruir e cair. [...] Sem uma forte consciência de missão, a Igreja e a Vida Consagrada dentro dela perdem seu sentido, sua razão de ser.<sup>1</sup>

Trata-se da missão tomada em seu sentido teológico mais abrangente, a missão que procede da Trindade e nos compromete com o projeto do Reino. Se perdermos de vista a missão como centro e horizonte que pede da VRC um novo discernimento e põe a caminho em meio aos desafios atuais, facilmente gastaremos tempo e energias em questões marginais e numa busca de respostas improdutivas e incapazes de dar conta da razão de ser de nossa vida e missão.

Aqui, ganha importância o binômio *missão-profética* da VRC. Bem sabemos que sem mística não há profecia. Sem a experiência mística e sem o Espírito caímos na estagnação, no dogmatismo, nos fundamentalismos e em todos os “ismos” que entravam a vitalidade da vida cristã.

Com isso avançamos para a segunda referência nuclear de nossa identidade: a *centralidade da experiência de Deus*. A VRC vive da experiência de Deus, que a suscita, move e sustenta. Sem essa experiência fundante ela perde sua razão de ser. Trata-se da experiência do Deus vivo, presente, atuante no hoje de nossas vidas. “Ele é o nosso Deus e nós o seu povo... Oxalá lhe deis atenção hoje. Não endureçais o coração” (Sl 95,7-8). “Se hoje escutais a voz dele, não endureçais o coração... Ao contrário, animai-vos uns(umas) aos(às) outros(as) cada dia, enquanto dura este hoje” (Hb 3,7.13).

As transformações de que temos falado nos fazem levantar algumas questões: qual o lugar da experiência de Deus em meio a nossas buscas? Que imagem de Deus os tempos atuais nos permitem discernir? Que imagens de Deus são significativas para nosso caminhar hoje?

As transformações que marcam nosso tempo nos põem em movimento. Falamos em avançar, travessia, transição... O contexto bíblico-teológico do Êxodo nos conduz a uma experiência do Deus do caminho, o Deus da história. Encontramos aí imagens muito ricas: arca, nuvem, tenda... São metáforas e símbolos que nos remetem a uma imagem de

1. PAREDES, José C. R. Garcia. *La misión: la clave para entender la Vida Consagrada hoy*. Disponível em: <www.sedos.org>. Acesso em: maio/2005.



Deus que se manifesta e se deixa encontrar em meio à caminhada, palmilha os nossos caminhos, convoca à coragem da busca e à itinerância.

O Êxodo convida a um olhar de fé que busca discernir a presença do Deus da vida, presente e atuante em meio aos espaços em transformação. Talvez aqui haja um apelo para abrimo-nos à novidade da presença de Deus anunciada na *profecia de Isaías*, que nos diz: “Eis que estou a fazer uma coisa nova. Não a estais vendo?”, e na palavra profética que encontramos no Apocalipse (21,5b), assumida como fonte iluminadora para o jubileu da CRB: “Eis que faço novas todas as coisas”.

A certeza da fidelidade do Deus de nossas matriarcas e patriarcas, de Maria, de Jesus e de tantas pessoas que nos precederam permite crer que ele se deixa encontrar também em meio à realidade tumultuada e difícil de compreender que nos cerca.

### ***Questionamentos e perspectivas atuais para a experiência de Deus***

As transformações atuais nos colocam diante de novos questionamentos e novas perspectivas para a experiência de Deus em meio a diferentes cenários e situações que caracterizam as transformações de nosso tempo: encontramos-nos com múltiplas experiências religiosas ou diferentes experiências do mistério em face do pluralismo religioso, às diversas formas de espiritualidade e, também, em meio a diferentes formas de as pessoas articularem o sentido de suas vidas e seu mundo de valores. Estamos diante da problemática ambiental e dos amplos debates sobre ética ecológica. Deparamo-nos com desafios e expressões de reconhecimento e valorização das diferenças.

O pluralismo religioso atual nos pede retomar e tirar as conseqüências do que aprendemos da *tradição mística e apofática* da teologia, que nos aponta para a inefabilidade do mistério de Deus, que não se deixa abarcar por nenhuma das experiências que dele fazemos, ou que se deixa cap-

2. O teólogo indiano M. Amaladoss, jesuíta, ajuda-nos a tirar importantes conseqüências do dado do pluralismo religioso para pensar a vida e a missão cristã no mundo de hoje. Ele situa o pluralismo religioso no amplo horizonte da missão de Deus no mundo, o Deus que tem muitos nomes. Sua reflexão se desenvolve no contexto de uma teologia da criação e da missão dos povos em direção a Deus. AMALADOSS, M. O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso. *Cadernos de Teologia Pública* 26, 2006.

tar somente a modo de fragmentos, centelhas. Trata-se de reconhecer positivamente outras experiências religiosas e espirituais, outras experiências do mistério de Deus, e compreendê-las na perspectiva das diferentes possibilidades e riquezas da manifestação de Deus.

Não se trata de modo algum de renunciar ou diminuir a importância da missão de anunciar o projeto do Reino de Deus. Este é o patrimônio que nos é confiado, que não nos pertence e que temos a responsabilidade de partilhar, difundir entre os povos.<sup>2</sup> O reconhecimento de outras tradições e experiências religiosas leva a compreender a missão cristã na perspectiva do diálogo, da colaboração e contribuição na busca do projeto de Deus. A VRC pode participar e contribuir com o carisma que lhe é próprio e com a diversidade de carismas das diferentes congregações.

A problemática ambiental tem provocado o resgate da teologia da criação e o aprofundamento da reflexão sobre a relação *fé cristã-ecologia*. Essa perspectiva de reflexão nos enriquece e desafia a alargar os horizontes de nossa espiritualidade e a comprometer-nos concretamente no cuidado com a natureza, com o meio ambiente, com a vida, numa relação concreta entre fé e vida. Nessa perspectiva abrem-se novas possibilidades para a experiência de Deus Criador.

Certamente, todos e todas temos muito a aprender da retomada da espiritualidade franciscana, que nos convoca a uma relação de irmanação com toda a criação; da espiritualidade inaciana, quando nos propõe a “contemplação para alcançar o amor”, remetendo-nos a um sentido de comunhão e relação com todo o criado; das tradições orientais de espiritualidade, com o que podem nos ensinar em termos de uma nova sensibilidade religiosa em sintonia com as demandas de nosso tempo.

No âmbito da relação com as diferenças, lidamos com dois movimentos simultâneos. Existe, hoje, uma importante busca de aproximação das diferenças que se expressa nos esforços do diálogo intercultural e inter-religioso e na superação de rivalidades e violência pelo entendimento mútuo e de valorização das diferenças de cultura, raça/etnia e gênero

como expressão das riquezas humanas. Ao mesmo tempo, há o empenho pela afirmação das diferenças como defesa da própria identidade, do valor das diferenças, numa reação a todo movimento de globalização que tende a eliminar e/ou nivelar toda e qualquer diferença.

Tal realidade nos interpela a reconhecer e compreender a alteridade e a diversidade desde o mistério de Deus e de sua Palavra. Ela nos aproxima do Deus amor, do Espírito doador de todos os dons, razão de ser da criatividade das diferenças. Também nos confronta com a prática de Jesus pautada por uma amorosa inclusividade para com todas as pessoas.

### ***Em busca de novas formas de Vida Religiosa Consagrada***

As transformações que caracterizam nosso tempo nos pedem coragem de criar novas formas de VRC, articulando a sabedoria das experiências acumuladas com as novas possibilidades que o Espírito vai oferecendo. Há um certo tempo começamos a tomar consciência do esgotamento de um certo modelo ou de determinados modelos de VRC e de sua organização. Estamos com o desafio de ousar passos novos, criativos, coerentes e conseqüentes diante das possibilidades, sensibilidades e exigências de nosso tempo. Aqui, apenas indicamos algumas dimensões e cenários que exigem revisão e mudanças em vista de uma presença relevante, significativa e eloqüente na sociedade e na cultura atual:

1. Discernimento das novas formas de serviço às pessoas em sintonia com as necessidades e sensibilidades atuais. O mundo dos pobres continua exigindo uma atenção privilegiada por parte da VRC. Essa realidade exige sempre de novo firmar e reafirmar opções e compromissos, clareando opções estratégicas em vista de uma *presença profética*. Há também as novas sensibilidades religiosas, o pluralismo de valores, as diversas expressões de busca de sentido por parte de pessoas com quem convivemos no dia-a-dia e que pedem sintonia e diálogo por

parte da VRC. Com quem estamos? Com quem vamos “avançar” na concretização de nossa missão?

2. Revisão de estruturas e modo de organização em vista do testemunho e da humanização da VRC. Vivemos num tempo e numa cultura que valorizam e prezam muito a participação, a autonomia, a realização pessoal, o cuidado e a sensibilidade com as pessoas e suas necessidades pessoais, o diálogo, a solidariedade, a amizade, entre outros valores característicos da cultura contemporânea.

Seja em vista do testemunho público, seja em vista de uma VRC mais leve, alegre e feliz, confrontamo-nos com a necessidade de repensar estruturas centralizadas e “piramidais” nas relações de poder e organização interna. Há o desafio de avançar para formas de organização mais dinâmicas, pautadas pela busca conjunta e participação co-responsável, por uma respeitosa inclusão das pessoas nos processos de decisão e concretização das decisões.

Precisamos ter a coragem de “aprender a desaprender” o historicamente instituído, já trilhado, para forjar formas mais dinâmicas, mais coerentes com os anseios das pessoas. Na perspectiva da vida comunitária, estamos diante da necessidade de aprender cada vez mais a enfrentar os desafios e a explorar possibilidades das demandas atuais de autonomia e auto-afirmação, juntamente com a emergência da subjetividade, como potencialização da capacidade de autodoação no compromisso com o(a) outro(a). Tudo isso nos pede a coragem de admitir e apoiar um sadio pluralismo dentro de nossas instituições.

3. Tirar as conseqüências do reconhecimento da subjetividade e da afirmação histórica da autonomia que marcam profundamente a cultura atual. Quais as implicações dessa realidade para a articulação ou correlação entre carisma pessoal e carisma institucional? Se aqui há um grande desafio, há também uma grande chance para uma VRC mais vigorosa na missão, que nos confronta com a necessidade de pensar com muita seriedade os processos de formação, especialmente da formação inicial para a VRC.

A missão da VRC em espaços em transformação requer formar pessoas para uma adesão livre e autônoma ao carisma e à missão da instituição, formando mulheres e homens capazes de afirmar com liberdade sua identidade de religiosos e religiosas, de dar criativamente sua contribuição e serem co-responsáveis na busca de caminhos para a concretização da VRC.

Enfim, para encerrar esses apontamentos, podemos dizer que, em tempos e espaços em transformação, somos confrontados(as), mais uma vez, com o desafio de repensar o caminho do seguimento de Jesus Cristo. Somos provocados(as) a viver uma “fidelidade criativa” ao Evangelho, fazendo de nossas vidas uma “alegre Boa-Notícia” a todas as pessoas, neste nosso tempo, nos espaços concretos em que nos encontramos, discernindo sempre de novo a presença e a ação do Deus vivo que “faz novas todas as coisas”. Assumindo essa nova possibilidade, comprometemo-nos como parceiros e parceiras de Cristo, contribuindo na busca de caminhos para o projeto do Reino.

AFONSO TADEU MURAD, fms\*

## ***Celebrações para a Vida Consagrada que avança nos espaços em transformação***

Cara(o) irmã(o):

Estas celebrações são um roteiro para ajudar as comunidades religiosas, os institutos e os grupos intercongregacionais a rezar o processo de travessia, de renovação da Vida Consagrada. Poderão ser utilizadas integralmente ou em parte, como for mais conveniente. Este momento exige de nós lucidez, ousadia nos gestos e profundidade na mística. Por isso as celebrações combinam reflexão, contemplação, partilha e algumas pistas de ação. Há uma unidade dos três temas: 1) Deus avança conosco, 2) Sinais da travessia, 3) Somos irmãos e irmãs sintonizados(as) nesta causa.

Que o Deus Trindade nos abençoe e guie.

### ***Deus avança conosco***

#### ***Escolher um símbolo e preparar o ambiente***

**Refrão:** Indo e vindo, trevas e luz. Tudo é graça, Deus nos conduz.

#### ***Textos bíblicos***

- *Ex 14,15:* Diga a essa geração que avance.
- *Ex 13,21s:* Jayé ia à frente deles: de dia numa coluna de nuvem, para guiá-los; de noite, numa coluna de fogo para iluminá-los. Deste modo, podiam caminhar durante o dia e a noite. De dia, a coluna de nuvem não se afastava do povo, nem de noite a coluna de fogo.

\* Irmão Afonso Tadeu Murad, marista, é pedagogo, com especialização em gestão pela Fundação Dom Cabral, e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. **Endereço do autor:** Rua Justo Azambuja, 365, Cambuci, cep 01518-000, São Paulo-SP, tel.: (11) 3209-0977. E-mail: amurad@marista.edu.br.

### ***Ao sabor da Palavra***

Parece que vivemos num momento pouco propício para avançar, na Igreja e na Vida Religiosa. Após a primavera de renovação do Concílio Vaticano II, traduzida em mudanças efetivas na ação pastoral no nosso continente, sentimos algo como o outono nos lugares frios: as folhas caem, as árvores perdem seu verde e diminuem as flores. Depois do despertar, soa como se estivéssemos no tempo da sonolência, como que hibernando. Diante da mudança de época, a Igreja dá sinais de que está adormecida. Demasiadamente centrada em si mesmo, tem pouca energia para dialogar com o mundo. Nos institutos de Vida Consagrada, há também um certo marasmo, cansaço e desânimo. Alguns sintomas são preocupantes: poucas lideranças novas, envelhecimento, diminuição numérica. Aqueles e aquelas que empunham a bandeira da renovação, da opção pelos pobres e do profetismo sentem-se como o pequeno resto de Israel. Não desanimam, mas padecem de isolamento.

Quando o Povo de Deus saiu do Egito e se colocou diante do mar Vermelho, estava encurralado. Aparentemente, não havia alternativa: ou voltar à escravidão, ou morrer ao tentar atravessar o mar. Simbolicamente, estamos assim também. Ou continuamos com as práticas do passado, ou enfrentamos o mar bravio de incertezas, o que nos dá medo. Não conhecemos o lado de lá. Os riscos são enormes. Além disso, no mundo atual coexistem diferentes esquemas mentais e as estruturas correspondentes, uma ao lado da outra. Se houver uma travessia, ela não será para todos. Muitos ficarão do lado de cá e outros permanecerão a meio caminho.

Vários institutos, literalmente, estão morrendo aos poucos. Como o processo é muito lento, eles não se dão conta da gravidade da situação. Felizmente, na Vida Consagrada há pessoas valorosas, santas e engajadas. Mas isso não basta. É necessário fazer a travessia, o que implica ações e processos, de envergadura comunitária e institucional. Ou morreremos lentamente, adormecidos, entre o Egito e a terra prometida, diante do mar bravio?

Temos uma certeza, que vem da experiência da fé: É o Senhor que nos chama a fazer a travessia, a avançar, e ele está conosco nesta aventura difícil e fascinante.

### **Salmo da travessia**

Deus, Pai-Mãe de Bondade, aqui estamos em comunidade!

E cada um(a) está aqui, na tua presença,  
trazendo sua história já vivida, os medos e as esperanças diante da travessia.

Nós te agradecemos, Senhor, pois não estamos sós.

Tu andas à nossa frente. Tu nos dizes, pelo teu servo Moisés:

*Não tenham medo. Fiquem firmes, e verão o que Javé fará por vocês [...]*

*Ele combaterá por vocês. Podem ficar tranquilos (Ex 14,13s).*

Tu nos acompanhas, Senhor, como estiveste junto ao Povo da Travessia no deserto.

Vais à nossa frente, como *coluna de Fogo* (Ex 14,24).

Fogo belo e dinâmico, tu és nossa energia e luz,  
comunicação que rompe as fronteiras de línguas e culturas (At 2,4).

Fogo-paixão que nos arrebatava, faísca de teu amor contagiante,  
que nos marca no peito como tatuagem viva (Ct 8,6).

Fogo revelador que, na sarça ardente, queima mas não se consome (Ex 3,3).

Senhor, dá-nos energia e o vigor do Fogo que és tu mesmo,  
para fazermos a Travessia.

Senhor, tu nos acompanhas na Travessia para uma nova Vida Consagrada,  
como a *coluna de nuvem* seguia o Povo durante o dia, no deserto.

Tu és como a nuvem que protege os peregrinos do sol causticante.

Nuvem que anuncia abençoada chuva, alimentando o ciclo da água  
e da vida no planeta.

Como nuvem, tu nos guias e nos guardas, envolvendo-nos em ternura.

Tua sombra nos cobre e nos fecunda, como fez em Maria, a mãe de Jesus (Lc 1,35).

Ao nos envolver com tua sombra, tu nos revelas o Filho amado, Jesus (Mc 9,7).

Senhor, queremos experimentar-te como nuvem-presença na Travessia!

Jesus, tu és o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1,23), que está junto a nós  
todos os dias, até o final dos tempos (Mt 27,20).

Tu caminhas com teus discípulos e discípulas, anunciando o Reino  
de Deus (Lc 8,1-3),

o grande sonho de Deus para a humanidade, a travessia-utopia.

Jesus, tu vais à frente deles (Mc 10,32), como mestre e Senhor.

Algumas vezes, mandas os discípulos à tua frente,

como mensageiros que preparam algo que está por vir: conseguir  
alojamento (Lc 9,52),

providenciar a ceia (Lc 19,29s) e anunciar o Reino de Deus (Lc 10,1.9).

Obrigado, Jesus, pois és o Deus-conosco, estás junto a nós,



vais à nossa frente e também nos mandas à tua frente, para abrir caminhos.

Como discípulos(as) e missionários(as) reafirmamos o compromisso de amar-te, seguir e servir.

Espírito Santo, Deus em nós, força divina que sustenta a criação e renova a face da Terra (Sl 104,30),

fortalece-nos com teus dons,

para fazermos a Travessia que a Trindade Santa nos convoca:

*Eis que faço novas todas as coisas* (Ap 21,5)!

Amém, Amém, Amém.

### ***Silêncio e retomada do texto***

#### ***Partilha em grupo***

- Destaque o que você achou mais iluminador no texto.
- Recorde um momento, na sua vida, em que Deus se fez presente de forma especial.
- Aponte os sinais da presença do Deus-conosco na sua Congregação e na Vida Religiosa.

***Canto:*** O Povo de Deus no deserto andava...

#### ***Preces espontâneas***

## ***A fé e a travessia***

### ***Escolher um símbolo e preparar o ambiente***

***Refrão:*** Deus chama a gente pra um momento novo.

#### ***Texto bíblico***

- *Hb 11,1.8.27:* A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se vêem. Foi pela fé que Abraão, chamado por Deus, obedeceu e partiu para um lugar que deveria receber como herança. E partiu sem saber para onde ia. Pela fé Moisés deixou o Egito, sem temer a ira do rei; permaneceu firme, como se visse o invisível.
- *Hb 12,12:* Por isso, levantem as mãos cansadas e fortaleçam os joelhos enfraquecidos.

#### ***Ao sabor da Palavra***

- A Vida Consagrada da mudança de época está surgindo e delineando seu perfil. Como Abraão e Sara, Moisés, os

discípulos e as discípulas de Jesus, temos algumas convicções, que se fortalecem e se aperfeiçoam à medida que damos passos decididos. Cremos que o Senhor nos abre caminho, até diante do mar. Algo inesperado vai acontecer, ou já está acontecendo.

- Ao menos cinco elementos caracterizam a Vida Consagrada da Travessia: a mística, a missão profética, a fraternidade/sororidade, a visão planetária e a diversidade dos estados de vida.

1) Mística quer dizer, sobretudo, centrar-se no seguimento de Jesus, alimentar-se com a Palavra e a eucaristia e fazer um caminho de integração pessoal e iluminação. Como no passado, as mudanças significativas serão realizadas por grandes místicos, pessoas apaixonadas por Deus, tomadas pelo fogo divino.

2) A missão profética comporta todas as formas de diálogo e anúncio com o mundo atual, a encarnação no mundo dos pobres e a inculturação da fé em contextos cada vez mais diversificados da sociedade contemporânea. Trata-se de evangelizar com a abordagem e a linguagem do nosso tempo.

3) A fraternidade/sororidade retoma e recria as experiências bem-sucedidas de vida comunitária. Significa criar e alimentar fortes vínculos, ao concretizar um projeto de vida com outras pessoas que partilham o mesmo ideal. A novidade deste traço está no predomínio da qualidade das relações fraternas sobre as regras e as estruturas de controle e poder.

4) Visão planetária significa repensar completamente o estilo de viver, de produzir e consumir, em vista da continuidade da vida no nosso planeta. Inclui, sobretudo, o despertar da consciência ecológica, que se expressa em atitudes individuais, ações coletivas e políticas institucionais visando a sustentabilidade. Contempla, ainda, incorporar as grandes questões da humanidade, como as de gênero, a pluralidade étnica e cultural e a inclusividade. A vida e a missão sairão do âmbito dos muros da instituição e a consciência se expandirá para a Casa Comum, que é o planeta.

5) A pertença a determinada família religiosa não coincide com a adoção de um único estado de vida, consolidado pela profissão religiosa e a vinculação definitiva a um instituto. Prioriza-se o carisma, a missão e a espiritualidade comuns. Em torno desse núcleo as pessoas se agregam e lentamente delineiam uma opção de vida, que será a de leigo(a), leigo(a) consagrado(a), celibatário(a) ou não, consagrado(a) a título temporário ou definitivo, com compromissos ou votos, ou outras possibilidades. Também surgem diferentes estilos de vida comunitária, com um jeito próprio de exercitar a partilha de bens e a liderança. Com isso, muda-se o formato da pastoral vocacional, da formação inicial e de outros componentes da Vida Consagrada. Os estados de vida coexistem, sem confusão nem separação, como formas diferenciadas e complementares de expressar o mesmo carisma.

- Como Povo de Deus peregrino, a Vida Consagrada necessita desapegar-se das conquistas e da fama do passado, da ilusão da segurança do patrimônio material e de hábitos fossilizados. Suas obras foram um importante serviço à Igreja e à sociedade. Mantê-las hoje da mesma forma, à custa do vigor e do frescor do carisma, é condenar-se à morte lenta. Mas o passado é importante, enquanto mune os(as) consagrados(as) de importantes elementos para a travessia. Dele se traz a gratidão pelo bem realizado, os valores consolidados, as pessoas de referência, a aprendizagem dos acertos e dos erros de outras travessias realizadas e a sabedoria acumulada.
- A consagração, expressa pelos três votos, tem imenso valor e toca as raízes do ser humano, em vista da radicalidade do seguimento de Jesus. Provavelmente, o modelo de Vida Consagrada atual, baseado nos três votos e organizado em torno de institutos com suas estruturas de animação e governo, deverá continuar. Mas será numericamente menor. Sobreviverá se responder aos apelos de Deus nesse momento histórico e ressignificar a pobreza, a castidade e a obediência. Exigirá, ainda, a revisão de suas formas de gestão. Do contrário, no correr dos anos muitas congregações desaparecerão ou serão anexadas a outras.

- O modelo emergente de Vida Consagrada poderá co-existir com o atual. Isso exigirá humildade de ambos, abertura para novas experiências que estejam além dos atuais documentos normativos, constante discernimento, sabedoria para aprender do passado e ousadia para arriscar no presente e no futuro.
- A travessia da Vida Consagrada será o resultado de um grande mutirão de saberes, descobertas e experiências. Ou realizar-se-á em conjunto, somando iniciativas de vários institutos e grupos emergentes, ou não acontecerá. Para lidar com a complexidade do mundo atual, o momento conjuntural da Igreja Católica e a inércia dos institutos, é imprescindível intensificar a comunicação, as parcerias e as iniciativas intercongregacionais. Quanto mais se aprende a conviver e a trabalhar junto com outros, maiores serão as possibilidades de abrir caminhos inusitados.
- De forma poética, relato bíblico conta que o Povo de Deus atravessou o mar Vermelho a pé enxuto. A travessia da Vida Consagrada será assim? Talvez teremos de molhar-nos, suar muito, salgar-nos, ou mesmo atolar os pés na areia movediça. Não importam as dificuldades. Nossa história pessoal e comunitária está nas mãos de Deus. Ele nos conduz. Por isso seguimos em frente com alegria e generosidade, num exercício de fé, como se víssemos o invisível (Hb 11,27b).

### ***Salmo da travessia***

Bendito sejas, Pai, pela sede que despertas em nós,  
pelos planos arrojados que nos inspiras,  
pela chama és tu mesmo  
crepitando em nós...

Que importa que a sede  
fique em grande parte insatisfeita?

Ai dos saciados! (Dom Helder)

Bendito sejas, Jesus, pelo desejo que despertas em nós  
de fazer a travessia da Vida Consagrada.

Nós te agradecemos pelos sinais que já experimentamos:  
a mística, a fraternidade/sororidade, a missão profética,  
a consciência planetária, a diversidade dos estados de vida,  
e outros mais.

Alegremente nos colocamos diante de ti,  
renovando nossa consagração:  
Eis-me aqui, Senhor,  
para fazer tua vontade e viver no teu amor!  
Espírito Santo, revela-nos os caminhos de Jesus,  
para o nosso tempo.  
Consola-nos nos momentos de sofrimento.  
Anima-nos no tempo do desânimo.  
Dá-nos os sete dons, sobretudo os da sabedoria e da fortaleza,  
para fazermos a travessia.  
Trindade Santa, Deus-comunidade,  
nós vos louvamos e vos bendizemos  
como filhos e filhas, servidores e servidoras,  
peregrinos(as) de um caminho sempre novo.  
Amém.

### ***Silêncio e retomada do texto***

#### ***Partilha em grupo***

- Destaque os pontos mais importantes para você.
- Comente sobre as características da Vida Consagrada da Travessia.
- Que é que devemos fazer para avançar na travessia?

***Canto opcional:*** Eis-me aqui, Senhor, para fazer tua vontade...

#### ***Preces espontâneas***

## ***A nuvem de testemunhas***

#### ***Textos bíblicos***

- *Hb 12,1-2:* Portanto, estamos rodeados dessa grande nuvem de testemunhas. Deixemos, então, de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que se agarra em nós. Corramos com perseverança na competição, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor de nossa fé.
- *At 2,17s:* No dia de Pentecostes, Pedro disse à multidão: “Hoje está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: ‘Nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e filhas de

vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos sonharão. E naqueles dias derramarei meu Espírito sobre meus servos e servas e eles profetizarão” .

- *Ap 10,1s.8-11*: Vi outro anjo. Era forte e vinha descendo do céu. Sua roupa era uma nuvem, e sobre sua cabeça estava o arco-íris. O rosto era como sol; as pernas pareciam colunas de fogo. Ele segurava na mão um livrinho aberto [...] Aquela mesma voz do céu, que eu já tinha ouvido, tornou a falar comigo: “Vá. Pegue o livrinho aberto da mão do anjo”. Eu fui e pedi ao anjo que me entregasse. Ele falou comigo: “Pegue e coma. Será amargo no estômago, mas na boca será doce como mel”. Peguei o livrinho e o comi. Então me disseram: “Você tem muito ainda que profetizar”.

### ***Ao sabor da Palavra***

Para realizar o processo de travessia da Vida Religiosa contamos não somente com a presença e a força de Deus, mas também com o testemunho de muitos irmãos e irmãs, aqueles que nos precederam e os(as) que estão vivos, lutando conosco. São homens e mulheres que nos dizem, com suas atitudes e gestos: *Vale a pena seguir Jesus, ir em frente, arriscar e abrir novos caminhos*. A profecia não é uma característica do Antigo Testamento, e sim um traço do ser cristão a partir de Jesus. Eles e elas conseguem dosar santidade com lucidez histórica. Por vezes são incompreendidos pelos seus próprios co-irmãos. Provam o doce e o amargo da fidelidade à Palavra do Senhor. Vivem o amor ao Povo de Deus e à sua família religiosa com paciência, misericórdia, ousadia e inovação.

Conta-se que, certa vez, irmã Dorothy convidou os membros de uma comunidade pobre do interior do Pará a iniciar uma cooperativa de economia solidária. Seria uma associação de produtores extrativistas da floresta amazônica, em perspectiva social e ecológica. O povo lhe respondeu: *Irmã, a idéia é boa, mas nós não temos dinheiro para isso!* Dorothy voltou para casa, pensou e rezou. Noutra ocasião, disse à comunidade: *O que cada família tem a oferecer?* O povo lhe disse: *Apenas umas galinhas*. Então, Dorothy combinou com eles que cada família traria no mínimo uma galinha. Venderam as galinhas e compraram uma porca, magrinha, pois o

dinheiro era pouco. A seguir, Dorothy propôs que alguém criasse a porca, por um tempo. Então, cruzou-se a porca, e vieram vários leitõezinhos. Cada família assumiu de alimentar, por um tempo, um filhote. Ao final, venderam-se os porquinhos, e com esse dinheiro se iniciou a cooperativa. Todos, menos um, destinado à festa de inauguração da associação. Foi um exemplo de criatividade, ousadia e partilha, que o povo não esqueceu.

Anos atrás, enquanto sua congregação, denominada “Irmãs do Cristo Sacerdote”, se dedicava a ajudar os padres, irmã Ana Roy percebeu que o carisma deveria ser reinterpretado. Não mais para servir aos sacerdotes, e sim para colaborar com as lideranças do Povo de Deus, uma nação de sacerdotes (Ap 1,6). Assim, Ana Roy se empenhou para que muitos(as) religiosos(as) e leigos(as) tivessem uma visão bíblica atualizada. Viveu junto a comunidades populares no nordeste do Brasil. No fim de sua vida, irmã Ana Roy foi acometida por um câncer no fígado que lhe consumiu as energias. Convalescente, não parecia, aos olhos de quem a visitasse, aquela vigorosa pregadora de retiros, monitora de cursos bíblicos ou animadora da leitura orante da Palavra. Certa vez, quando recebeu um amigo, quase cochichando e no limite de suas forças, testemunhou: “Meu irmão, como é bom chegar ao fim da vida e poder oferecer tanta coisa boa a Jesus”.

### ***Salmo da travessia***

Bendito sejas, Deus-comunidade, pela nuvem de testemunhas na fé que nos antecederam

e estão na comunhão dos santos (Hb 12,1):

nossas(os) fundadoras(es), seus primeiros discípulos(as)

e todos(as) que se santificaram nas nossas congregações.

Fazemos também memória de nossos pastores:

dom Helder, dom Luciano, dom Ivo e dom Aloísio,

e tantos que nos guiaram na renovação conciliar e na opção pelos pobres.

Recordamos nossos irmãos e irmãs

que foram martirizados pela causa da justiça, como Dorothy.

A multidão daqueles que lavaram suas roupas no sangue do Cordeiro.

Nós te agradecemos, Jesus, pelos leigos e leigas

que vivem os carismas de nossas(os) fundadoras(es)

e colaboram na nossa missão.

Nós te louvamos pelos leigos e leigas na Igreja do nosso continente. Muitos deles são testemunhas vivas de uma fé ativa e transformadora. Bendito sejas, pelos(as) consagrados(as) hoje, profetas, sábios(as) e servidores(as).

Nós te agradecemos também, Senhor Jesus, por nossos(as) amigos(as) e irmãos(ãs) que, vivos(as) no meio de nós, mostram que vale a pena sonhar e arriscar o que é mais precioso por um projeto de vida.

Não somente tu estás junto a nós, como também os(as) consagrados(as) e leigos(as), pelo estímulo do exemplo e pela força da intercessão.

Com eles e elas, Jesus, somos chamados a profetizar, a evangelizar e a viver a santidade no mundo.

Tu nos dás tua Palavra, que é doce e amarga.

Palavra que consola, nutre, dá prazer, adocica a existência.

Palavra exigente, que purifica como erva amarga e provoca conflitos. Lâmpada para nossos pés, luz no caminho.

Derrama teu Espírito renovador sobre cada um(a), nossa família religiosa, a Vida Consagrada, a CRB e suas iniciativas intercongregacionais.

Que as novas gerações estejam conectadas com teus apelos e sejam visionárias,

que os consagrados(as) de meia-idade recriem o encantamento pela consagração,

e as anciãs e os anciãos tenham sonhos (At 2,17) que se sonham juntos, esperanças teimosas, provadas no tempo, que são sinal de solução.

Amém, Amém, Amém.

### **Silêncio e retomada do texto**

#### **Partilha em grupo**

- Destaque o que você achou mais iluminador no texto.
- Relembre religiosos(as) que você conhece, falecidos(as) ou vivos(as), que pertencem a essa *nuvem de testemunhas*. Conte algum fato em especial.
- Os leigos também fazem parte dessa *nuvem de testemunhas*. Que é que a sua congregação está fazendo para investir na formação e no crescimento espiritual das lideranças leigas? Que iniciativas intercongregacionais podem ser tomadas?

#### **Canto opcional: O profeta**